UNITED STATES HOLOCAUST MEMORIAL MUSEUM

ועידת התביעות
Claims Conference
Conference on Jewish Material Claims Against Germany

Claims Conference Holocaust Survivor Memoir Collection

Access to the print and/or digital copies of memoirs in this collection is made possible by USHMM on behalf of, and with the support of, the Conference on Jewish Material Claims Against Germany.

The United States Holocaust Memorial Museum respects the copyright and other intellectual property rights associated with the materials in its collection and makes good faith efforts to determine the copyright status of such materials. The Museum has a good faith belief that the materials in this collection may be made publicly available. The Museum welcomes additional information about copyright status. If you have additional information or concerns about the copyright ownership of materials in this collection, please contact the Museum's Library by phone at 202-479-9717 or by email at reference@ushmm.org.

NAS ASAS DA ESPERANÇA

MICHEL KLEINSINGER

Digitized by the Internet Archive
in 2024 with funding from
United States Holocaust Memorial Museum

https://archive.org/details/bib293516

NAS ASAS DA ESPERANÇA

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Kleinsinger, Michel, 1918-
Nas asas da esperança / Michel Kleinsinger. – São Paulo : M. Kleinsinger, 2000.

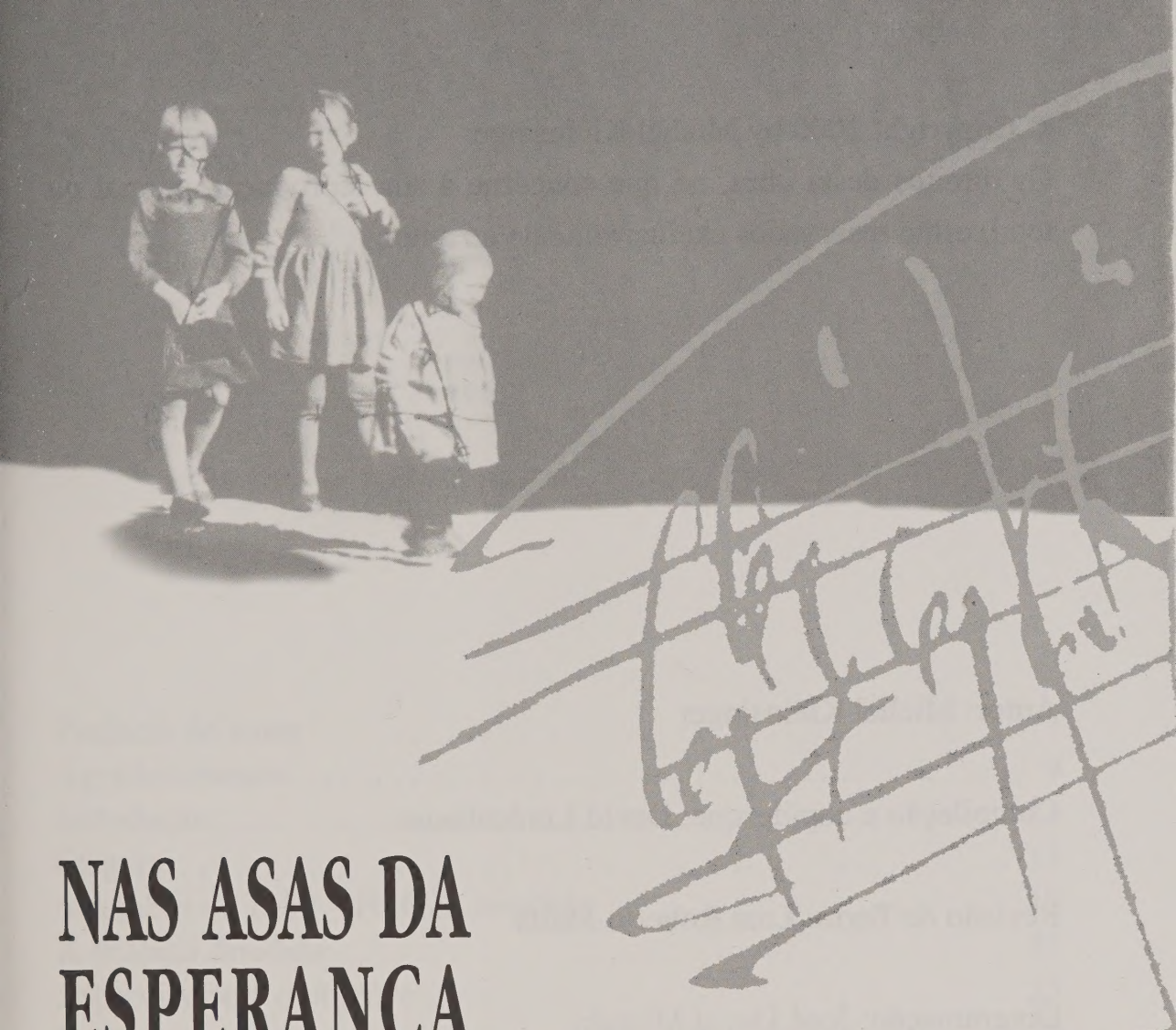
ISBN 85-901385-1-8

1. Guerra Mundial, 1939-1945 – Polônia – História 2. Judeus – Perseguições. 3. Judeus – Polônia 4. Kleinsinger, Michel, 1918- 5. Nazismo 6. Sobreviventes do Holocausto I. Título.

00-2002 CDD-940.5318092

Índices para catálogo sistemático:

1. Holocausto judeu : Sobreviventes : Biografia 940.5318092
2. Sobreviventes : Holocausto judeu : Biografia 940.5318092



NAS ASAS DA ESPERANÇA

MICHEL KLEINSINGER

© Copyright 2000 by Michel Kleinsinger
Os direitos desta obra, no que concerne à sua reprodução parcial ou total, estão reservados exclusivamente ao autor.

Autor: Michel Kleinsinger

Compilação e copidesque: David Lindenbaum

Revisão de Texto: Luiz Roberto Malta

Diagramação: José David Mizrahi

Capa: Moema Cavalcanti

Impresso no Brasil

SUMÁRIO

Prefácio do autor 7
Agradecimentos 9
Introdução 11
Origem 13
Setembro de 1939 – Polônia invadida 19
A Polônia dividida 23
Sobreviver era o objetivo 25
Paulina, meu amor 29
Cinco músicos, cinco amigos 33
Sabedoria do pai 37
A ameaça em novembro 41
Uma tristeza profunda... 43
Evacuação de 170 mil 45
O pânico aumenta 47
A casca do ovo 49
Maio de 1940: lei é lei 51
A turma da reconstrução 55
Quem limpou? 59
A rigidez das normas 61
Meus primos 65
Coronel Gurfinkel e o seu cão 67
A fúria do oficial 69
Um fantasma? 73

Anjo da guarda 79
Amontoados no Gueto 83
A morte e os artistas 87
A multiplicação dos mortos 89
Parecendo polonês 91
Preparando a fuga 93
A "confraternização" 97
A solução final 101
Insônia e pesadelos 107
Intuição, velha companheira 111
A rotina 121
Mudar de novo 125
O "rebelde" 131
A Gestapo 141
Terra, mato e medo 143
Pesadelos e suspeitas 149
A Gestapo ameaça 155
Digitais azuis 157
Marysia ao telefone 159
Na guerra 163
Três anos e oito meses 173
Dia de *Pessach* 175
Abril de 1943 177
Marysia, o perigo 181
Julho de 1944 185
O Levante de Varsóvia 189
Herói da Resistência 195
Novembro de 1944 197
O violino Albany 199
Fotos 205
O CD 219
O pianista Cláudio de Brito 221
Músicas do CD 227

PREFÁCIO DO AUTOR

Nenhum povo, nenhuma nação foram tão penalizados durante o curso da história como o nosso povo de Israel. O clímax das perseguições e dos massacres foi atingido durante o Holocausto, no período da Segunda Guerra Mundial, quando seis milhões dos nossos irmãos foram barbaramente assassinados.

Muitos dos meus entes queridos perderam a vida e eu, como uma ilha nesse mar de crueldade, consegui sobreviver.

Muito se tem falado, e ainda mais será escrito, a respeito daqueles que cruelmente planejaram e executaram o seu programa da "solução final". Ao lado deles houve também aqueles que anonimamente arriscaram as suas vidas, contrariando as ordens de seus líderes, e tentaram salvar alguns dos nossos irmãos. Não sabemos quantos foram. Todavia cabe-me destacar, com gratidão e reconhecimento, uma pessoa daquelas consideradas por nós como **"Tsadikeí Umot Haolam"** – *os justos dentre todos os povos do mundo* –, na figura de Stefan Chrobak. polonês de Varsóvia, a quem devo a minha vida. Com certeza ele é um daqueles trinta e seis justos, por cujo mérito o mundo se sustenta conforme nossos livros místicos mais sagrados. Nunca mais foi visto. Gostaria que soubesse que a sua lembrança não será apagada de nossa memória. É a ele que carinhosamente dedico este livro.

AGRADECIMENTOS

Expresso meus sinceros agradecimentos aos profissionais que me ajudaram a construir o meu sonhado livro, vendo nele uma promessa de aproximar as pessoas de diferentes credos e nacionalidades – para se amarem e não se odiarem. Em especial, agradeço a José Maria Cabral, por ter estruturado os meus pensamentos; a Hernani Donato, pela sua imprescindível e sábia orientação; a Nello de Rossi, pela sua carinhosa colaboração e entusiástico estímulo; e a Joyce Bloem Carpentieri, pela sua excelente revisão e a versão para a língua inglesa. Também sou profundamente grato aos amigos Ben Abraham, pelo apoio participante na apresentação de José Maria Cabral, e Hugo Schlesinger, pelo incentivo e sugestões valiosas. Um especial agradecimento, também, a David Lindenbaum e a José David Mizrahi pela inestimável atenção, carinho e dedicação com que finalizaram este trabalho tão significativo para mim. Muito particularmente, agradeço a minha querida e paciente companheira Olga, pela sua intuição feminina no acompanhamento meticuloso ao longo desse trajeto.

O amor constrói. O ódio destrói.

Obrigado a todos!

Michel Kleinsinger

INTRODUÇÃO

Há mais mistérios entre o céu
e a terra do que sonha a nossa vã filosofia.
Hamlet, WILLIAM SHAKESPEARE

Meu nome é Kleinsinger, sobrenome alemão que significa "pequeno cantor". Moshe Kleinsinger, isto é, Moisés, o pequeno cantor. Nasci em 1918, em Varsóvia, Polônia.

Sobrevivi à Segunda Guerra, fugindo do Gueto de Varsóvia e de um campo de concentração, graças, vamos chamar assim, a "milagres constantes". Nem sei como esses "milagres constantes" aconteceram. Aliás, acho que sei. Desculpem essa minha insegurança inicial, pois nunca escrevi um livro cujo tema fosse a minha própria sobrevivência, mas também nunca deixei de seguir uma máxima de meu pai, Reb Aharão Kleinsinger Z"L: "Não podemos fugir de nós mesmos. Nosso destino não nos deixa escolha". Parece simples, mas não é. Na **Cabalá** – *o tratado místico da* ***Torá*** (*o principal livro dos judeus*), da qual meu pai era um profundo conhecedor, quando a pessoa vem ao mundo, a alma dela se forma na concepção, isto é, tudo já é determinado e, segundo os cabalistas, "a permissão já foi dada...". Isso para mim significou muito.

Para sobreviver ao Holocausto, a pior das tragédias modernas, passei por inúmeras provas, tive de me submeter a terríveis comportamentos, troquei de identidade, isto é, troquei de nome, de idade, jeito de me vestir, falar, pensar e agir. Fui obrigado a esquecer detalhes tão pessoais da minha vida, enterrá-los tão profundamente no meu inconsciente, que só recentemente, entre os meus 79 e 82 anos voltei a recordar,

por exemplo, a data original do meu nascimento (dia 2 de julho), o nome dos meus amigos de infância, etc.

"Esqueci" por três anos (de 1942 a 1945) esses momentos e estas datas para poder viver. Nesse período assumi a identidade de Stanislaw Rozanski, um nome inventado, uma alma inventada. Quem me arrumou esse nome foi o mais leal dos amigos poloneses que eu tive, Stefan Chrobak. Mais tarde falarei dele, deste justo que habitou a terra naquelas horas amargas, muito amargas. E que me ajudou, me ajudou muito.

Na verdade, fui obrigado a conviver com duas almas, a minha e a de Stanislaw. Mas não foi só na confusão de almas que me envolvi. Meu corpo também teve de mudar. Assumi o corpo de Stanislaw, como sendo o de um polonês patriota, vendedor, bonito, anti-semita (como a média dos cidadãos poloneses da época) e cristão (justamente eu, que tinha sido educado dentro de um lar **chassídico** – *do movimento religioso, que exaltava a alegria, chamado chassidismo, nascido na Polônia no século 18*).

À noite, além de insônia, quando finalmente surgia o sono, eu tinha de reprimir o inconsciente e não podia sonhar em voz alta, pois fatalmente nesses sonhos eu falaria em **iídiche** (*língua falada pelos judeus na Europa Oriental, oriunda do alemão*) e isso poderia me denunciar. Enfim, fui obrigado a depositar toda a minha vida bem no fundo da memória, passar uma chave e achar que nunca mais a teria de volta. No dia 23 de junho de 1942, em plena guerra, eu me escondi de mim mesmo, desapareci oficialmente.

ORIGEM

De onde veio minha família? Da Alemanha, no século XIV, de um gueto judaico e pobre de Frankfurt. Mas havia também, nesse tempo, judeus muito ricos, principalmente nas cidades em volta do Mediterrâneo e do Atlântico, onde – além de ricos – eram também poderosos, pois planejavam e dirigiam o intercâmbio do Oriente com o Ocidente, armavam os primeiros navios que zarpavam para as Índias Ocidentais e estabeleciam as bases para o progresso de Nova York.

Mas, na Alemanha, minha família vivia em péssimas condições. Nesse mesmo século, em mais de trezentas e cinqüenta comarcas, os judeus haviam sido degolados, afogados, queimados ou enforcados. Após os massacres, para cada seiscentos alemães havia apenas um judeu. O anti-semitismo era brutal e é claro que minha família já tinha no sangue essa marca da perseguição. Entregues a toda sorte de arbitrariedades, sob o peso de vexames que os alemães e as autoridades nos infligiam, os judeus levavam uma vida sórdida e obscura. O artesanato nos era proibido, não podíamos exercer as profissões liberais e um sistema de leis nos levava ao pequeno comércio ou à agiotagem. Não nos permitiam fazer a barba e éramos forçados a andar com um traje ridículo, humilhante. Confinavam-nos em espaços apertados e, noite após noite, os portões dos guetos eram trancados, e vigiadas as suas entradas e saídas. Ali ficávamos comprimidos uns contra os outros. Crescíamos,

mas não nos era concedido espaço mais amplo. Não tínhamos árvores, nem relva, nem flores. Cortados estavam os nossos vínculos com a terra fértil e a vista para o céu. O vento que soprava as nuvens através das suas vielas era o único sinal do tempo passando: os homens arrastavam-se curvados e suas mulheres murchavam prematuramente; de cada dez crianças que nasciam, sete morriam. Os judeus não passavam de água estagnada: a vida estava lá fora, fora estavam a arte, o espírito, a humanidade. Numa promiscuidade contínua suportavam a vida. Muitos mudaram-se para a Polônia.

Foi assim que minha família, os Kleinsinger, também emigrou para Varsóvia.

E todos sabiam, naquele tempo, o que estava acontecendo: desde a massa dos oprimidos, dos sem-direitos até os raros judeus poderosos que dominavam as rotas marítimas da Europa e do Novo Mundo, desde os judeus decadentes, aviltados, até os judeus ministros e médicos particulares do califa, do xá e do sultão de Marrocos, magníficos e brilhantes; desde o populacho piolhento, desde os iluminados e milagreiros das cidades judaicas da Polônia, até os judeus que mascateavam pelas estradas e ruas, acuados pelos cães, vítimas de humilhações por parte da polícia e da troça da garotada, todos, todos eles tinham uma convicção, um segredo. Para muitos, não era uma coisa bem clara, poucos seriam capazes de exprimi-la. Mas isso estava infiltrado no sangue de todos, estava gravado no mais íntimo do ser de cada um: a profunda, a segura, a misteriosa consciência da instabilidade, da ilusão, da inutilidade do poder. Sabíamos que exercer o poder não é o que importa. Afinal os grandes expoentes do poder não eram de carne e osso e tinham uma alma?

E foi essa convicção íntima que lhes pôs nos lábios esse sorriso enigmático, suave, superior, que irritava profundamente os seus inimigos, porque o interpretavam como um puro ato de insolência, contra o qual toda a crueldade e os martírios que lhes infligiam eram impotentes. Foi essa convicção íntima, nada mais que isso, que uniu os judeus e

os fundiu em uma massa única. E essa convicção vinha do Livro da **Torá**.

Do livro, sim, do Livro. Da **Torá**. Não tinham um Estado que os mantivesse unidos. Não tinham pátria, nem terras, nem rei, nem forma comum de vida. No entanto eram unidos, mais unidos do que todos os outros povos do mundo, e isso deviam ao Livro que os ligava. **Ad-nai Elokeinu, Ad-nai Echad** (*uno e eterno é o D-us de Israel*). Não havia dúvida de que, mais de uma vez, as palavras lhes asfixiaram a vida, mas elas eram parte de cada um e, nas horas em que eram devolvidos a si mesmos, quando atingiam momentos de êxtase ou quando morriam, elas estavam presentes e o que fluía de um para o outro era essa palavra. Enrolavam-na com **tefilin** (*filactérios que são colocados de manhã*) em torno da cabeça e da mão, escreviam-na em suas portas, com ela iniciavam o seu dia e com ela encerravam-no. A primeira coisa que as crianças aprendiam era a Palavra, e o moribundo expirava com a Palavra.

Da Palavra, eles obtinham força para suportar as torturas e os trabalhos amontoados no seu caminho. Pálidos, enigmáticos, eles sorriam do poder dos **goim** (*não-judeus*), de sua fúria, da insensatez de sua atitude e dos seus atos. Tudo isso passava. O que ficava era a Palavra.

Haviam arrastado o Livro durante dois milênios. Ele era o seu povo, a sua nação, o seu lar, a sua herança, o seu patrimônio. Haviam-no transmitido a todos os povos e todos os povos o haviam adotado. Mas os seus verdadeiros proprietários, seus únicos intérpretes, eram eles, apenas eles.

Seiscentas e quarenta e sete mil e trezentas e dezenove letras tinha o Livro. Cada letra era contada e pesada, examinada e interpretada.

Cada letra era paga com vida. Milhares haviam se tornado mártires, haviam se deixado matar por uma dessas letras. Sabiam que o Livro lhes pertencia inteiramente. E nas sinagogas, no seu maior dia de festa, o **Iom Kipur** (*Dia do Perdão*), os grandes que caminhavam orgulhosamente com passo majestoso e os pequeninos, os humilhados, os

oprimidos, todos eles imbuídos da mesma convicção, proclamavam bem alto: "Nada temos senão o Livro". Minha família veio daí. Os Kleinsinger vieram do povo do Livro.

Sheindele era o nome de minha mãe. Estava bem casada e amava o marido Reb Aharão. Ela ficou grávida de mim aos 45 anos, tinha onze filhos homens, uma filha e... netos. A primeira neta chamava-se Ida. Era filha de Alter, o primeiro filho de Sheindele.

A nova gravidez de Sheindele, na verdade, significava muitos perigos, naquela época. A medicina não era tão evoluída e a voz corrente da época dizia que a gravidez de minha mãe era um perigo para ela e para o filho que viesse a nascer. A possibilidade de se nascer saudável, naquela situação, naqueles anos, era muito remota. Claro que ela ficou preocupada, um pouco assustada talvez. O nascimento dessa criança poderia não ser uma coisa boa. Na penúltima gravidez (de Yochanan), ela estava com 34 anos e achava que não teria mais filhos. Mas o patriarca Aharon sentiu alegria. Ele agradecia imensamente ao grande D-us por estar perto da marca do patriarca Jacob que teve doze filhos homens (as 12 tribos de Israel) e uma filha mulher. Dessa vez, Reb Aharão torcia imensamente para que nascesse mais um homem, pois, segundo os seus estudos, o novo filho deveria se tornar o mais importante, o mais inteligente, sábio, estudioso e exemplar para a comunidade.

Atenção, essa pessoa era eu. Não, realmente Reb Aharão não tinha dúvidas, não iria se preocupar com mais nada, afinal não foi Sara que deu à luz ao filho Isaac para Abraham quando ele tinha 90 anos? Era um presente, um grande presente... e Reb Aharão se recolheu ao quarto para tocar violino... Naquela noite, foi dito na época, os sons que saíram do violino e atravessaram as janelas estremeceram os ouvidos de quem os ouviu. Parecia que os acordes tinham sido planejados no céu.

Passado o terceiro mês de gravidez, as preocupações começaram a aumentar. Nenhum dos onze filhos ou a única filha se encorajava a

expor idéias ou discutir o assunto com os pais. Era a moral da época. Em abril de 1918, no **seder** de **Pessach** (*jantar da Páscoa*), Reb Aharão disse a Sheindele que sentia o quanto ela estava preocupada, mas que, ao contrário, ela deveria agradecer ao Todo Poderoso pelo presente recebido, a gravidez. Sheindele sabia que tudo o que seu marido falava tinha um sentido espiritual grande e de longo alcance. Mesmo assim ela estava com medo... Na segunda noite de **Pessach** papai fez uma previsão: disse que depois do mês de julho, a criança iria nascer e isso mudaria drasticamente a vida de toda a família, ganhariam mais **kavod** (*prestígio*), admiração, além da vida financeira que iria melhorar substancialmente, isto é, a criança traria **mazal** (*sorte*). Alguns dos filhos se entreolharam e alguns olhares apontavam caminhos para o ciúme, a insegurança...

No dia 2 de julho de 1918, no calendário judaico, 22 de **Tamuz** do ano de 5678, dia de lua nova, e tendo como a **parashá** (*leitura semanal da **Torá***) da semana **Mattot**, nasci. E o mais novo dos Kleinsinger, para a alegria dos pais, irmãos, irmã, sobrinhos, vizinhos, moradores do bairro, enfim meia cidade, nasceu normal e a mãe sobreviveu... E a vida também retornou ao normal. O pai Aharon procurou o rabino de Mezrich, o bom companheiro dele de estudos cabalísticos, para sugerir o nome do caçula e o rabino disse prontamente: "**Min Hamaim Mesissiu** – É como se o seu filho tivesse saído da água. É um milagre. Portanto, fica Moshe".

– E assim me chamaram de Moshe.

O meu **Brit Milá** (*circuncisão*) foi realmente a festa mais importante de todas as festas daqueles anos que precederam a catástrofe da guerra. Dentro da comunidade judaica de Varsóvia, o assunto era um só: a circuncisão de Moshe Kleinsinger. Rabinos de todas as cidades do interior da Polônia vieram de trem para o acontecimento do ano. No dia 9 de julho de 1918, os Kleinsinger estavam felizes: a Varsóvia judaica só falava neles como uma família de sorte, correta e que fosse protegida por vários séculos. E não é que as futurologias de Reb Aharão começaram a surtir efeito?

Os negócios, as duas lojas de antigüidades, começaram a se encher de fregueses, eu ganhei uma governanta e ainda trocamos de apartamento: saímos de um de dois dormitórios da rua Panska, número 39 para um apartamento de três dormitórios, com enorme sala de jantar, na mesma rua, no número 23. Além da babá, foram contratadas mais três empregadas, sendo uma delas cozinheira, outra, Tzipóra, que organizava as compras e uma terceira para faxina. Na verdade, quem administrava tudo era Sheindele, pois o pai, apesar de estar fisicamente numa das lojas o dia todo, na verdade gostava de estudar a **Cabalá**. E assim, quando algum freguês entrava num momento importante de seu estudo diário, Reb Aharão fazia questão de não dar muita atenção a esse freguês, que ia embora e assim ele podia voltar a estudar.

SETEMBRO DE 1939 – POLÔNIA INVADIDA

O inferno dos poloneses começou no dia 1º de setembro de 1939, quando as tropas alemãs invadiram o país. Iniciava-se a Segunda Guerra Mundial.

Nessa época, com 21 anos, já vivia sozinho. Durante a invasão, as bombas alemãs caíram em Varsóvia atingindo todos os bairros, principalmente o judaico. Os estragos foram grandes.

Eu era vendedor, andava sempre aprumado, com roupas finas, elegantes, sapatos de cromo, e tinha dinheiro a receber de meus inúmeros clientes. Um deles em especial: Stefan Chrobak, católico, homem de paz, homem íntegro. Antes da guerra, Stefan era o diretor de uma das maiores livrarias de Varsóvia, na *ulica* (rua) Novy Swiat, e eu vendia para ele, regularmente, camisas, gravatas e ternos. Era um homem culto e entre nós dois havia muito respeito. Ele sabia que eu era judeu. Durante a guerra, ficava somente meio expediente na livraria e durante o resto do dia se dedicava à sua loja de tubinhos para a confecção de cigarros, negócio que naqueles anos de chumbo rendia razoavelmente bem.

Entre as minhas vantagens comerciais em relação a outros vendedores sempre estiveram a educação, a elegância e a atração que eu exercia sobre jovens e até mesmo mulheres mais maduras, as quais tratava com respeito, ganhando a confiança de pais, maridos e melhorando assim o meu desempenho profissional.

Acontece que, diante da destruição e das mortes, de nada valeriam os ternos elegantes, o vestuário impecável. As novas dificuldades causavam-me incerteza e angústia. A continuidade dos bombardeios e as tropas alemãs tomando a cidade aumentaram a minha sensibilidade em relação a como um judeu precisava cuidar-se melhor, preparando-se para o pior. Parecia um treino para um terrível jogo que começaria logo em seguida, no qual os vencedores iriam morrer e os perdedores continuariam a ser chamados de "o povo eleito".

Eu tinha 18 anos e residia no primeiro andar de um prédio na *ulica* Ogrodowa. Fiquei lá até 1940. No térreo havia uma padaria. Na Varsóvia, outrora majestosa e criativa, e agora invadida e estuprada, iniciou-se o sofrimento e a dificuldade para obter alimentos. Em frente à padaria formavam-se filas quilométricas, porque o pão começara a ser racionado. Os bombardeios, as escaramuças diárias entre os exércitos, prejudicavam o funcionamento do comércio. As lojas abriam pela manhã, aparentemente calma, e de repente fechavam, porque os confrontos se reiniciavam. O pão se tornava artigo de luxo, no meio daquele inferno, e de vez em quando eu conseguia reunir alguns pães, separava-os e levava-os a meu pai, já viúvo. Na primeira vez que levei vários pães a meu pai, ele me olhou emocionado e chorou. Depois agradeceu:

– Você é o único filho que se lembrou de mim, trouxe-me pão.

Fiquei em silêncio, admirando o pai com sua barba branca e longa e seu olhar místico. Eu tinha saído de casa aos 18 anos para enfrentar a vida, como vendedor independente. Desde que saíra do lar, em 1936, visitava papai freqüentemente e com ele conversava, ora sobre assuntos alegres, ora sentindo-me melancólico, quando falávamos de mamãe e de sua morte, dez anos antes. Dava-me razoavelmente bem com a minha nova madrasta, tratava-a com educação, justificando o carinho que minha mãe me dedicara até morrer. Sheindele havia sido uma mulher

angelical, trabalhadora, educada, que sempre cuidara das lojas de antigüidades, dos filhos e da alegria do lar. Morrera em 1926, no segundo dia do **Shavuot** (data em que se comemora a entrega dos dez mandamentos para Moisés).

– Obrigado pelos pães, meu filho! – disse papai, levando-me até a porta. Quando nos despedimos, ele acrescentou:

– Cuidado, meu filho...

– Terei cuidado, meu pai! – e saí, caminhando mais calmo e sentindo-me melhor e animado. A presença da casa, o olhar e as palavras de papai e a lembrança de minha mãe aumentaram minhas forças. Mas para lutar mesmo contra quem? Oh! D-us, não nos abandone... não me abandone.

As ruas de Varsóvia destroçadas, os prédios ruindo, a miséria afrontando a dignidade humana, o câmbio negro tomando conta da situação, desemprego, subemprego, nazistas marchando pela cidade, buscando motivos para prender, torturar e matar. As tropas da Gestapo não pouparam o colégio de crianças carentes, dirigido pelo médico psiquiatra e educador Janus Korczak, e ocuparam o prédio onde ele mantinha suas atividades.

A sede da comunidade judaica de Varsóvia, um prédio construído depois da Primeira Guerra Mundial, tornou-se o quartel-general dos nazistas. Entre as paredes em que, outrora, se ouvia música, riso e a alegria de crianças (lá também funcionava uma escola), agora os sons eram outros: gritos, gemidos de tortura, ameaças em alemão – a tristeza da morte!

A perseguição aos judeus aumentava, e com uma agravante: muitos poloneses que não simpatizavam com judeus acabavam sendo cúmplices ou parceiros dos nazistas em denúncias e espionagem. Os que pensavam em ajudar os judeus cada vez mais ficavam temerosos de

represálias. Aqueles que enfrentavam o medo e os ajudavam faziam-no da forma mais discreta possível.

Eu, na verdade, nunca tinha me afastado do judaísmo. Não era um fanático, disciplinado nas orações, mas respeitava os ensinamentos e as tradições.

A invasão da Polônia tornou-se o fator agravante inicial para a Segunda Guerra Mundial. No dia 3 de setembro, Inglaterra e França declararam guerra à Alemanha. O sofrimento dos poloneses aumentou quando os russos – União Soviética – em 17 de setembro de 1939, também invadiram a Polônia, já ocupada pelas tropas alemãs.

A entrada da França e da Inglaterra no litígio nos ajudou, pois a supremacia do exército de Hitler não tinha sido contestada até então.

Surgiu o impasse com a invasão dos soviéticos que, todavia, em conversações pacíficas – porque os russos não haviam entrado na guerra contra os alemães – decidiram que dividiriam o país invadido.

A POLÔNIA DIVIDIDA

Em 28 de setembro de 1939, a União Soviética e o III *Reich*, comandados por Stalin e Hitler, respectivamente, assinaram o acordo pelo qual a Polônia ficaria dividida e as fronteiras entre os dois invasores foram assentadas: rios Pisa, Nasew e Bug. O fogo cessou, as lutas cessaram em princípio de outubro e os poloneses e sua elite dirigente foram aprisionados e enviados aos campos de trabalhos forçados. Os deportados ultrapassaram um milhão de pessoas.

O exército nazista, com auxílio efetivo da Gestapo, agia distinguindo bem claramente poloneses de judeus, com objetivos claros: transformar a Polônia num país de oprimidos, desqualificados, perseguindo-os, impondo-lhes a submissão total.

SOBREVIVER ERA O OBJETIVO

Sobreviver tornou-se minha bússola, minha idéia fixa, apesar de saber que poderia ser descoberto a qualquer instante. Caminhava entre os destroços de Varsóvia, comprando, vendendo blusas, fazendo todo tipo de negócio. Comprava no bairro judaico e os revendia a outros no bairro católico, com pequeno lucro, mas o suficiente para poder sobreviver mais alguns dias. Produzia cigarros e os trocava por objetos, por meias, calças ou camisas. Negociava no mercado paralelo com o que surgia ou fosse de interesse imediato ou atendesse às necessidades da população que naqueles momentos necessitava de tudo.

Às vezes, eu parava atônito e, olhando o céu, apalpava meus bolsos: só papéis, notas promissórias de fregueses, sem esperança de recebê-las. Eram vendas que fizera a prestações, antes da invasão. "Agora, ninguém teria condições de me pagar" – pensava. Com dificuldades, fui reiniciando os negócios, recebendo mercadorias, trocando-as ou revendendo-as. A Polônia dividida ao meio entre alemães e soviéticos comunistas mergulhava no inferno, porque ambos mostravam-se violentos, implacáveis.

Minha preocupação não tinha limites, mas mesmo assim ia enfrentando a situação com coragem. Comecei a viajar até cidades do interior para levar lâmpadas e tentar trocá-las por gêneros alimentícios. Varsóvia, por causa dos bombardeios, estava sem luz, e as lâmpadas po-

deriam ser mais úteis em outras regiões do país onde ainda havia energia elétrica. Para poder viajar, entretanto, precisava ir ao quartel-general nazista e obter a licença. Ainda me chamava Moshe Kleinsinger. Na primeira vez, cínico mas tranqüilo, apresentei-me:

– Quero um salvo-conduto.

– Sua profissão? – gritou o oficial do dia.

– Vendedor.

De gola de camisa fechada, ereto, tentava olhar no fundo dos olhos daquele alemão.

– Viajar para onde e para quê?

– Ajudar os alemães que estão na fronteira. Lá não há lâmpadas e eu quero abastecer os alemães. Compro-as e as revendo pelo mesmo preço, só acrescentando as despesas da viagem...

– *Gut, gut* (bom, bom). Ah, o nome? – inquiriu o oficial, e olhou-me friamente.

Não sei o que me deu naquele momento, mas o meu nome saiu espontaneamente:

– Moshe Kleinsinger.

– Judeu... juuudeeeu? – o alemão gritou olhando-me boquiaberto...

– Sim senhor – confirmei sério, perfilado, acenando com a cabeça.

– Judeu...

Confuso, surpreso, atônito, o oficial saiu da sala e foi falar com o oficial superior. Minha segurança era como se viesse de minha alma. Podiam fazer qualquer coisa comigo, mas uma calma interior e uma espécie de alma exterior me protegiam. Após alguns minutos regressaram os dois e o do interrogatório inicial apontou o dedo em minha direção, gritando:

– Um judeu pedindo um salvo-conduto, um judeu...

Os alemães ficaram falando baixo entre si. Depois de dois minutos, o oficial aproximou-se, mandou-me sentar, e eu obedeci. O homem

pediu-me documentos e eu dei uma carteira de identidade que ainda guardava com meu nome original.

– Moshe Kleinsinger! – ele leu em voz alta.

Não entendi meu nome sendo pronunciado pelo alemão, que se sentou e preencheu o salvo-conduto. Eu estava atento, só um pouco temeroso, pois se os oficiais cismassem, poderiam me levar para a prisão e até me fuzilar.

– Tome, boa viagem!

Não acreditei. Pouco tempo depois, os boatos começaram a correr dizendo que os alemães ainda não sabiam o que fazer com os judeus.

– Obrigado – disse aos dois funcionários nazistas e, apanhando o documento, saí aliviado porque poderia viajar tranqüilo; o salvo-conduto permitia a livre circulação das mercadorias. Atrás de mim senti que os dois soldados ainda estavam em estado de choque com minha insolência. Ser insolente com os alemães não era difícil, o difícil era não ser, era ter que ficar quieto, era perguntar-se a todo instante: "Mas quem eles pensam que são? D-uses?" Na verdade acho que eram os deuses do mal, loiros, vestidos de preto e com botas...

Viajei com as valiosas lâmpadas, trocando-as por açúcar, manteiga e outros alimentos que transportei na volta para Varsóvia. Eu agia com a intuição, mas estava com muito medo, porque se os alemães se comunicassem com as autoridades da fronteira, e desconfiassem desse contrabando, eu seria preso e fuzilado. A audácia em solicitar salvo-conduto me deixava mais tranqüilo, porque me livrara de prisões e bordoadas. Além disso, se viajasse sem autorização estaria caracterizando o câmbio negro.

Aproveitava-me de uma tênue liberdade, que ainda restava para os judeus, de circular pelo país, embora sob vigilância permanente, sem saber em que momento qualquer um de nós poderia ser preso, espanca-

do, morto. Pairava no ar o medo. E no medo pairava o nada. Figuras humanas iam se transformando em peles, ossos e almas tristes. Pareciam quadros de uma exposição de cadáveres...

PAULINA, MEU AMOR

Paulina, moça bonita, sensível, sensual, mesmo sob aquelas roupas de algodão. Paulina era o meu amor. O amor de Moshe. Ah, e como eu a amava! As nossas famílias se conheciam e eu a vi pela primeira vez aos 19 anos de idade. Seguia, à risca, a tradição vigente na época: amor, respeito, amor platônico, ou seja, um sorriso, um carinho, um beijo de leve, as mãos dadas, meiguice, sublimação, nada de arroubos... Música, luar, suavidade. Nada de apertos, abraços calorosos, claro que alguns resvalões. Respeito, amor doce e romântico, assim se procedia naquele tempo, naquela cidade, naquelas casas judaicas com suas memórias e cheiros.

Ao voltar das viagens, não só não deixava de levar alimentos para o meu pai, mas também para Paulina, meu grande amor. Quando regressava a Varsóvia, vendia boa parte da comida, pois havia pouco alimento na cidade. Entretanto, guardava a metade para o meu uso ou para uma emergência.

– Paulina, meu amor, fique com esses alimentos, com essas cenouras. E esse chocolate suíço.

– Moshe, e você? – indagava, surpresa, olhos grandes, bonitos, brilho da juventude repleta de sonhos; lábios entreabertos, mostrando dentes alvos, sensualidade aflorando.

Ela tinha a languidez de adolescente em plena saúde, preparada para o casamento, para um lar ao lado de um jovem de família tradicional, ansiedade pela formação de um par que criasse filhos fortes e seguisse as tradições judaicas. Descendente de família respeitável, classe média, fora criada em berço confortável, dentro de todos os princípios de uma ética justa e libertária. Olhava para mim com doçura, como quem olha um livro, um quadro, uma criança, um homem. Produzia camisas finas para uma fábrica controlada por nazistas. Paulina em sua juventude, além dos estudos, aprendera a costurar e sabia manufaturar com capricho, perfeccionista em sua atividade profissional. Quando ia entregar seu trabalho, as moças a admiravam pelo seu gênio alegre, educação esmerada. Muitas lhe faziam confidências sobre namorados, às vezes até intimidades ela ouvia, o que a deixava perplexa diante da educação que recebera. Ouvia as moças de famílias mais humildes narrar gestos e namoros que revelavam indiscrições íntimas. Paulina ficava ruborizada. A respeito de namoros e avanços mais audaciosos, ela apenas ouvira em cochichos ou lera em livros proibidos na maioria dos lares judaicos, mas que não descreviam detalhes e cujo palavreado era discreto. As moças, ao contrário, durante os intervalos, no café ou almoço, falavam entre si, e quando Paulina as evitava querendo se afastar, elas a puxavam pelo braço:

– Pode ouvir, Paulina. Nós confiamos em você! – e descreviam lances de encontros com namorados e noivos, pormenorizando as "sensações de felicidade".

– Vocês permitem que eles... eles... – perguntava espantada, rubra de timidez e vergonha.

– Paulina, você não imagina como é delicioso! – respondiam.

Uma das operárias, olhando a foto do amado, filosofava:

– A guerra está matando nossa gente... a qualquer hora levam nossos namorados... Paulina, seu namorado não faz nada?

– Oh, não! Apenas trocamos beijos leves, no rosto, nos lábios. Moshe nunca nem me apertou... – ela dizia e abaixava a cabeça.

– Ah, você precisa experimentar! – sorriam, incentivando-a, contrariando a sua formação recatada.

– Paulina, você está triste? – disse, parado ao lado dela, na sala, junto à porta, admirando-a, mas preocupado com o silêncio prolongado.

– Moshe, ando preocupada com você.

– Eu me arranjo, amor.

Aproximou-se de mim sentindo, talvez, um calor intenso pelo corpo, calor que lhe subia até o coração. Provavelmente, excitara-se vendo-me e relembrando o que as moças da fábrica lhe contavam.

– Querida, eu lhe trarei comida sempre que puder. Você merece, pois o dinheiro que você recebe no trabalho é para o enxoval, como faz toda moça que se preza e que pretende se casar...

Num sobressalto, dei-lhe um leve beijo na face e ela, de olhos abertos, aproximou sua boca da minha boca, e me beijou levemente, olhando nos meus olhos, fitando-me ansiosa. Senti-me atraído, desejando-a, querendo abraçá-la com ardor, beijá-la sofregamente. Abracei-a pela cintura, as bocas se tocaram em novo beijo, suave, delicado. Ansioso, queria apertá-la com ardor, mas refreei meu desejo, beijando-lhe a boca novamente, depois a face. Senti Paulina trêmula ao retribuir os beijos de amor sereno.

– Vamos nos casar ao fim da guerra, amor?

– Vamos, sim, vamos. Eu sei que vamos nos casar...

Despedi-me, ela começou a fechar a porta, mas ainda ouvi-a chorando baixinho. Imaginei Paulina com a boca entreaberta, um calor sufocante, o desejo ardente, o coração disparado.

Disse-me depois que andou lentamente para seu quarto, trancou a porta, atirou-se na cama, e ainda chorando baixinho, sentindo mais e mais a minha presença como se eu estivesse ali, junto dela, acariciando-a, beijando-a. Ainda tremendo, balbuciou:

– Maldito Hitler!

CINCO MÚSICOS, CINCO AMIGOS

Eu era romântico, adorava música, deixava-me levar ao céu enquanto ouvia música, lembrando de meu pai que me dera o primeiro violino: os primeiros acordes que a mãe achava desafinados, Chopin, Liszt, melodias chassídicas... Ah! como a vida era bela...

Durante a guerra, um dos meus sonhos constantes era dedilhar um piano, recordar os tempos felizes, mas os sons das passadas fortes das botas de tropas nazistas, de uma ordem unida, ou o matraquear de metralhadoras cortando o silêncio da noite, faziam com que a minha vontade de fazer música se transformasse. Durante toda a guerra eu compunha músicas, à noite, e as guardava comigo. E nessas noites angustiadas, as imagens percorriam-me o cérebro demorando para adormecer. Todavia, ao despertar, sentia-me com a fé renovada, a coragem acesa, orava a D-us e partia para a luta como se uma couraça invisível me protegesse em minhas andanças pela conservação da vida. Um dos fios dessa couraça protetora era, sem dúvida, a música. Ela era minha amiga.

Eu tinha cinco amigos músicos. Um era pianista, dois tocavam violino e os outros dois, violoncelo e viola. Cinco amigos, cinco músicos, um quinteto polonês. Ou, comigo, um sexteto?

– Vamos fugir com a gente, Moshe? – um deles participou-me a decisão de escaparem do inferno nazista atrás de um refúgio no lado soviético.

Desejavam passar para o outro lado da Polônia, acreditando que os soviéticos fossem melhores que os nazistas.

"Fugir?" – pensei.

Muitos jovens já haviam ultrapassado a fronteira e ali esperavam que o pesadelo da guerra terminasse em pouco tempo. Afinal, "não iria demorar muito" – pensavam – "dois, três ou quatro meses passam rápido".

– Fugir... claro, escaparemos e viveremos do lado de lá até essa guerra relâmpago terminar. Vamos lá, Moshe!

– Será que é a melhor opção? – eu os interrogava com curiosidade à flor da pele.

– Essa guerra termina logo. Vamos embora – insistiam.

– Vou pensar...

– Ora, Moshe... formamos um conjunto musical e vivemos tocando nos restaurantes, clubes noturnos, fazendo o que gostamos. Somos autênticos e você tem iniciativa e precisamos de você junto para termos sucesso.

– Concordo – lembrei-me de que vivia no corre-corre, comprando, vendendo, bem diferente do que tocar ou compor.

Pensei: talvez fosse melhor viver do lado de lá, fazendo o que gostava, tocando e, quem sabe, compondo música. Em princípio, julgava que os cinco amigos estivessem certos: a guerra relâmpago deveria acabar em poucos meses.

– Será que a guerra acaba logo? – arrisquei uma pergunta para o quinteto. Um deles fulminou, como se fosse sabedor da história e dos conhecimentos hitleristas:

– Logo. Quem viver, verá! – exclamou, otimista.

– Certo, vou preparar a mochila – decidi acompanhá-los.

Nenhum deles, no entusiasmo de uma nova jornada, lembrou-se de que a Primeira Guerra Mundial durara quatro anos, de 1914 a 1918, e havia sido provocada pela mesma Alemanha. Fora uma "guerra relâmpago" de quatro anos...

– A guerra atual termina logo? – eu me perguntava. Se terminasse em pouco tempo eu poderia prosseguir em minhas atividades normais, em paz, e me preparar para o casamento com Paulina. Ela me encorajava. Só de pensar naquela doçura de menina, a coragem brotava pelas minhas veias.

Lembro-me do último encontro, na sala, nós dois sozinhos, quando levei alguns alimentos para ela. Ela me pareceu, além de suave, meiga, doce, ansiosa, desejosa de que eu a abraçasse, beijasse... e eu... saí logo, como se fugisse de uma tentação, porque podia decepcioná-la. Iria manchar os princípios familiares e religiosos de ambos. Paulina, a doce e amada Paulina! Na verdade, era preferível um casamento tradicional na sinagoga, e depois os prazeres... mas só depois da guerra! Assim pensando, fui arrumando a mochila, praticamente decidido a seguir com os amigos.

"Voltarei depois para buscar Paulina!" – pensei, e só de pensar nela, na sua meiguice, no seu modo de falar, nos seus lábios, naquele rosto lindo, fiquei excitado. Ela me excitava. Era natural, porque os dois éramos jovens, fortes e sadios, apesar da guerra.

SABEDORIA DO PAI

Contei aos meus amigos músicos que passaria pela casa do meu pai, antes de viajar. Rumamos todos para a *ulica* Twarda, número 22.

– Já volto! – e subi ao apartamento de papai. Os amigos me aguardavam no saguão do prédio.

– Meu pai, desejo fazer-lhe uma consulta! – disse com segurança, percebendo que ele ficara admirado.

– Fale, meu filho, estou atento às suas palavras.

– Os meus amigos querem fugir para o lado russo. Eu decidi acompanhá-los, porém desejo saber o que o senhor acha. Deixei a mochila lá embaixo, onde eles me esperam. Devo ir? – olhamo-nos dentro dos olhos. Silêncio de alguns segundos.

– Meu filho, você é inteligente, é intuitivo...

– A situação é crítica, pai. Todos estão com medo, ninguém em Varsóvia tem tranqüilidade, olham-se desconfiados... Esses amigos acham que a guerra terminará logo. Pensei em ir. Devo ir?

Novo silêncio. Meu pai falou pausadamente:

– Moshe, ouça, estamos numa situação melindrosa. Infelizmente, um pai, nesta guerra, não pode aconselhar um filho, uma mãe não pode aconselhar uma filha. Ninguém tem condições de aconselhar ninguém. A guerra tumultua a vida de todos. Parece que tentáculos enormes vindos do inferno, em nuvens escuras, escondem a beleza do céu e

das estrelas, ofuscam o sol e estendem-se, querendo tirar tudo o que amamos. Moshe, a guerra... é uma desgraça alimentada pelos homens e contrária à beleza que D-us nos ofereceu: a vida, Moshe...

– Sim, pai, por isso queremos fugir.

– Moshe, vocês irão fugir deste lado da guerra para o outro. Só posso lhe dizer uma coisa: se fugir com seus amigos, vai sobreviver, se fizer música também sobreviverá, tudo dará certo. Se não fugir, se ficar aqui, deste lado, você irá enganar os poloneses, enganar os alemães e... sobreviverá também... e fará música, meu filho.

Olhei meu pai no fundo dos olhos, e deles parecia emergir uma luminosidade serena, meiga, de um profundo amor e de impotência ante as crueldades e os destroços em que o nazismo transformara a nossa querida Varsóvia.

– Pai, o senhor me emociona...

Senti-me envolvido pela aura do meu pai cabalístico. Ele prosseguiu:

– Moshe, a guerra poderá demorar quanto tempo for, mas lhe asseguro: não cairá um só cabelo de sua cabeça.

Meu pai pegou-me a mão, apertou-a delicado e firme.

– Moshe, não sei como ficarão nossos familiares. Você não vai se queimar no fogo e também não se afogará na água. Você vai sobreviver.

Atônito, senti um leve tremor no corpo, uma energia parecia iluminar o horizonte. Era a primeira vez que consultava meu pai e sabia que ele falava sério. Estávamos em novembro de 1939 e eu sabia também não ser o modelo de filho que meu pai desejara.

Certa vez ele comentara com amigos que, durante a gravidez de sua mulher, sempre se concentrava para pedir a D-us que lhe desse mais um filho, homem, perfeito, e que sendo homem, de alma iluminada para que fosse bom, honesto, filósofo, místico, um novo **chacham** (*inteligente*), um novo **tzadik** (*justo*).

O filho nascera perfeito, bom, honesto, inteligente, mas desde menino não correspondera aos desejos cabalísticos do pai, um judeu tradicional, verdadeiro **chassid**. Sempre lhe demonstrara respeito, todavia, com certa reserva religiosa e com personalidade forte.

Meu pai continuou fitando-me, calado, e eu inquieto, mas também em silêncio.

– Filho, eu me preocupo com você e sei que é um predestinado. Isso eu tenho certeza... Os nazistas dominaram a Polônia e a dividiram com os soviéticos. Não sabemos o que nos sucederá, mas temos a intuição e conhecemos o que já aconteceu contra os judeus em outros séculos na própria Alemanha. Decida o que fazer e eu o abençôo e repito, nada lhe acontecerá.

Quase chorando, olhos úmidos, emocionados, nos abraçamos.

– Obrigado, meu pai – disse, despedindo-me e indo direto para o saguão onde os cinco amigos me esperavam. Antes que perguntassem, disse seguro de mim:

– Eu fico, não irei.

– Medo? – indagou um deles, irritado.

– Não. Intuição. Pela primeira vez em minha vida consultei meu pai.

– Ele proibiu a fuga?

– Não, ele deixou a decisão por minha conta. Livre-arbítrio. Decidi ficar.

– Moleirão, medroso! – os cinco se afastaram resmungando.

– Sejam felizes... – eu murmurei.

Nunca mais os encontrei, mas soube depois que três deles tinham morrido ainda jovens e os outros dois tinham fugido para a América. O sexteto nunca mais tocou junto...

A AMEAÇA EM NOVEMBRO

Fazendo a barba e olhando o espelho, lembro-me de fatos ocorridos em novembro de 1939, quando o general Karl Von Neumam Neyrod, do comando militar alemão, ordenou a criação do Gueto de Varsóvia. A demarcação e o zoneamento foram iniciados e os alemães concederam três dias para que os judeus se transferissem. Ao todo, calculava-se 150 mil judeus. O pânico se estabeleceu, pois em três dias seria impossível se mudarem. Os líderes judaicos, inclusive o sr. Goldstein, interferiram, houve discussões, conciliações e análises. Oficiais alemães se reunindo com as lideranças judaicas, dava a impressão de que ainda era possível dialogar, chegar-se a um bom termo. A delimitação, depois de algumas reuniões, foi interrompida e a construção do muro foi adiada.

UMA TRISTEZA PROFUNDA...

Era 1940, e eu prosseguia em minhas viagens, coberto pelo salvo-conduto: lâmpadas na ida e alimentos na volta. Cansado, às vezes, exausto, mas conseguindo sobreviver, visitando Paulina e o pai, levando-lhes principalmente manteiga, açúcar e alimentos essenciais. Em 11 de fevereiro retornei cansado e dormi pesado. No dia seguinte, acordei sobressaltado com gritos angustiados. Sonolento, levantei-me, quase bati com a cabeça no batente da porta do quarto. À minha frente, meu irmão Iochanan, cujo apelido era Ioine, que morava com o pai:

– Papai morreu!

Chocado, fiquei calado, reprimindo a vontade de esmurrar a cara do meu irmão que me dera aquela notícia de chofre, como se ele fosse feito de aço, indiferente à vida, ao amor, à morte. Senti lágrimas descerem pela face lentamente. Preparei-me e fui para o apartamento de papai para acompanhar o enterro. Reb Aharon falecera durante a madrugada. Diante do seu corpo, balbuciei:

– Pai, o senhor está dormindo serenamente – com os olhos marejados de lágrimas, senti o calor subir-me pela face. Comecei a tremer, pois papai estava com uma expressão feliz, face corada – parecia sorrir. Uma expressão que nunca vira nele vivo. Realmente, parecia mais vivo do que durante toda a vida.

Em março de 1940 veio a ordem definitiva do comando nazista: a construção do muro cercando o que denominaram "área infectada". Essa área correspondia a 4% de Varsóvia. Em Lublin reservaram uma outra área para também confinar os judeus.

No Gueto de Varsóvia, ou simplesmente "O Gueto", no início viviam 50 mil judeus isolados. Depois aumentou para 400 mil. Dali poucos podiam sair. Eram exceções. A maioria saía morta. Os nazistas se baseavam nas leis raciais de 1935 (Leis de Nuremberg), para definir quem era judeu: acreditar na fé judaica, ter, no mínimo, três avós judeus, ter-se convertido ao cristianismo ou ser casado com judeu ou judia. Baseados nas leis feitas pelo III *Reich*, os nazistas obrigavam os judeus a usarem a estrela de David.

O estigma da morte: em outubro de 1940 começaram a transportar judeus de outras cidades da Polônia e da Alemanha para o Gueto. Alegavam que o confinamento evitaria doenças transmissíveis, quando todos sabiam que, na realidade, em locais fechados o perigo de epidemias era bem maior. O tifo, principalmente.

EVACUAÇÃO DE 170 MIL

Em Varsóvia ninguém entendeu o porquê da evacuação, repentina, de 170 mil pessoas, por causa de futuras epidemias. Entretanto, quando os alemães começaram a invadir casa por casa, apartamento por apartamento – mais de 30 mil, os motivos ficaram mais claros: os nazistas tomavam tudo de assalto, locupletando-se com os bens dos judeus. Desde dinheiro até porcelana, desde quadros até cristais. Deixou de ser uma "guerra ideológica" e passou a ser um simples "assalto à mão armada".

O Gueto passou a ter aproximadamente 430 mil pessoas, com uma média de 110 mil habitantes por quilômetro quadrado. Ao ser construído, o Gueto tinha vinte e duas entradas. Depois, foram sendo reduzidas e ao final sobraram apenas quatro. Os judeus mais liberais começaram a pensar em como poderiam escapar. Afinal muitos deles se pareciam com poloneses... Apenas os ortodoxos, como os meus irmãos, é que não tinham nenhuma chance de fugir, pois usavam barbas longas, casacos pretos, e suas esposas, perucas e saias longas: eram os *chassidim* – vestiam-se como judeus religiosos e tementes a D-us. Dos seis milhões de judeus mortos na guerra, dois milhões eram *chassidim*.

Dificilmente eles poderiam fugir, pois seriam presos e assassinados a sangue frio. O mesmo ocorreria com suas mulheres e filhos.

O contrabando em Varsóvia era constante desde que os alemães haviam invadido a Polônia. No Gueto, o contrabando cresceu. Não só no Gueto é claro, em Varsóvia também. Alimentos, roupas, objetos, tudo era contrabandeado. Os alemães os confiscavam quando davam batidas e, depois, revendiam tudo praticando uma verdadeira extorsão. Alguns contrabandistas famosos eram amigos dos alemães, tinham trânsito liberado em troca de benesses: dinheiro, mercadorias, facilidades. Entre os beneficiados havia alemães, polacos e até membros da milícia judaica que colaboravam no policiamento. O imoral, o amoral, o indecoroso, a falta de caráter por parte de autoridades e outros aproveitadores passaram a ser rotina no Gueto.

Em 1941, após um massacre ocorrido na cidade de Vilna, os judeus do Gueto de Varsóvia começaram a se movimentar visando à autodefesa. Procuravam obter armas, preparando-se para o pior. As más notícias eram constantes, mas de vez em quando surgia uma boa. Em abril de 1941, escoteiros poloneses haviam escondido e dado proteção a jovens judeus, ocultando-os no convento de Vilna, evitando que fossem exterminados.

O PÂNICO AUMENTA

A Gestapo incrementou seus ataques aos judeus: entravam nos apartamentos, prendiam, espancavam, roubavam, violentavam mulheres e adolescentes e matavam.

Os alemães utilizavam-se de métodos para confundir a população e agiam sobre aqueles que ainda tinham mais recursos: soltavam boatos sobre o sumiço de pessoas e, posteriormente, se aproveitavam, usando espertalhões que extorquiam dinheiro dos judeus na esperança de rever os parentes. Era um jogo macabro, pois os parentes já estavam mortos e enterrados. Dessa maneira muitos judeus ficavam sem parentes, sem dinheiro e sem bens materiais.

Quanto à milícia judaica, era formada por pessoas cultas, educadas, advogados, engenheiros, médicos, e era usada como uma cortina de fumaça. Seus membros não ficavam confinados no Gueto porque gozavam de regalias, saíam, voltavam. Era uma sensação estranha vê-los em ação, mas intimamente ninguém tinha grandes ilusões, pois todos sabiam o que estava acontecendo.

Nas ruas o povo cochichava sobre a milícia; todavia, por temor ou pavor, ninguém se atrevia a ir além das suspeitas. Será que eles entregavam judeus aos alemães? Seriam capazes disso? Ao certo, somen-

te a suspeita. Nada mais que a suspeita. Uma suspeita amarga sobre pessoas do mesmo povo, da mesma raiz.

Eu seguia em minhas andanças. Trabalhando, vivendo e amando Paulina, doce e meiga. Nos momentos de arroubo e aflição sem saber como seria o amanhã, confessava-lhe:

– Paulina, você é o meu incentivo para viver, enfrentar o que tem de ser enfrentado. Amo você, Paulina.

– Eu também amo você, querido Moshe – ela retribuía com sorrisos angelicais e abraços contidos.

O meu romance com Paulina sobrevivia à borrasca nazista, que tumultuava a Polônia e a semidestruída Varsóvia. Parecia um pesadelo sem fim observar a vida modificada repentinamente. Depois das bombas, as mortes, a destruição parcial, as regras nazistas iam se avolumando, dominando e provocando terror. E os judeus que haviam tomado conhecimento do *pogrom* denominado Noite de Cristal (**Kristal Nacht**), ocorrido na Alemanha em 1938, viviam insones, em clima de horror. Prenunciavam-se mais perseguições, mais misérias e sofrimentos.

Contudo, lembrando-me das palavras de meu pai, eu continuava vivendo perigosamente.

A CASCA DO OVO

Ao lembrar-me de meu pai, lembrei-me também do tempo de infância, 1928; quando criança, estivera entre a vida e a morte. Tudo porque no **Pessach** – *páscoa judaica* – eu tinha comido pedaços de **matzá** (bolacha não fermentada). E entre a **matzá**, um pedaço de casca de ovo. Só ao engolir percebi o que era, mas fiquei calado.

Alguns dias depois caí com febre de 40 graus. Nem um leve lençol podia ficar sobre o meu corpo tais eram as dores que sentia internamente, na altura do intestino. A governanta preocupada, aflita, chamou o médico da família, dr. Solowaiczyk. Terminando o exame, ele sentenciou:

– Este menino precisa ir para o hospital rapidamente, em uma hora, no máximo. Ele está com o apêndice supurado.

Desesperada e desorientada, a empregada ficou aguardando o patriarca Aharon retornar da sinagoga. Os minutos passando, uma hora já se passara. Parecia uma eternidade, quando finalmente meu pai chegou. Ela, aturdida, falando com pressa:

– Sr. Aharon, o médico esteve aqui, examinou Moshe e mandou que ele fosse internado em uma hora... ele pode morrer!

– Calma moça, hoje é **Pessach**, e pela tradição judaica é proibido passar fome. Esqueceu-se disso? Eu preciso comer, depois irei ao rabino ver o que devemos fazer. E assim disse, assim fez. Alimentou-se

com a tranqüilidade dos homens que sabem o que está acontecendo, certos de que nada aconteceria.

Eu gemia na cama, febre alta. A governanta em pânico, alguns dos irmãos chorando. Papai se isolou para rezar depois do almoço. Depois seguiu para a casa do rabino, com o qual sempre trocava idéias místicas e religiosas. Contou o que se passava com o filho caçula. Ao retornar, radiante, expressão de felicidade, disse a todos:

– Ele não precisará ser operado, ficará bom.

Eram 15 horas. Duas horas depois, o termômetro marcava 39 graus e estava em queda. O sufoco passara. À noite, a temperatura caíra mais dois graus, e a situação parecia controlada. A melhora foi se acentuando, passei a me alimentar normalmente e reiniciei minhas atividades. O médico telefonou, indagando por que não tinham me levado ainda ao hospital. Meu pai respondeu-lhe simplesmente:

– Meu filho está ótimo, doutor. Obrigado por sua preocupação.

O médico silenciou do outro lado da linha. Naturalmente, conhecendo o cliente e a sua fé religiosa, respeitou o que tinha acontecido. Sabia a diferença entre ciência e fé.

MAIO DE 1940: LEI É LEI

– Fule, o que devo fazer?

Eu estava na casa de meu irmão Rafael, que era chamado de Fule, com a notificação que recebera para me apresentar às autoridades e seguir para um campo de trabalho. Assustado e sem saber como agir, procurei o meu irmão mais velho para me aconselhar. Eu tinha estado sob cuidados médicos durante alguns dias devido a um problema intestinal: sentia cólicas enormes, não só expelia sangue, mas as fortes dores me faziam suar frio. Em polonês a doença tinha o nome de *czerwonka*, que vem da palavra "vermelho". Alguns diziam que se tratava de hemorróidas. Outros, infecção intestinal ou diverticulite.

Eu olhava Rafael lendo o documento. Serenamente, como se vivesse no Jardim do Éden, numa Polônia próspera e sem guerras, independente e sem nazistas a marchar pelas ruas, Fule disse:

– Lei é lei. Você recebeu esta notificação e deve se apresentar.

Na notificação nominal do comando alemão de Varsóvia, havia promessas de trabalho honesto e comida. Na verdade, os nazistas estavam implementando seu plano macabro de "purificação racial". A notificação não era clara, mas comentava-se que esta seria a primeira leva de judeus varsovianos a passar por certas "experiências". Fomos levados para campos de trabalho onde as tarefas diárias eram árduas e a alimentação rala. Era a máquina nazista em funcionamento.

A milícia judaica e as tropas nazistas recebiam os oitocentos jovens recrutados. Conferiam os nomes, os endereços e mandavam que se perfilassem. Após constatarem que ninguém faltara à convocação, mandaram-nos marchar rumo à estação ferroviária. Um trem com dez vagões de ferro, fechados e apropriados para o transporte de gado, nos esperava. Em cada vagão hermeticamente fechado, não havia bancos, água, comida e ventilação. Vagões fétidos numa viagem para o inferno. Aqueles oriundos de outros locais, envergonhados, apertados, encolhidos e respirando com dificuldade, não podiam recostar-se nas paredes dos vagões, que ferviam sob o sol escaldante do verão. Mal sabiam o que os esperava.

A viagem normal até Lublin durava três horas, mas a trajetória daquele "gado" não seria tão curta. Os oitocentos jovens viajaram das 7 da manhã de um dia até às 4 da madrugada do outro. Em marcha lenta, o trem parecia uma tartaruga ferida. Um solavanco, um apito estridente e o ranger das rodas de aço, até que o trem parou. Alguns companheiros chocaram-se contra os outros. A parada brusca era proposital. As portas se abriram:

– *Raus* (Fora)! – gritavam os alemães com chicotes e pedaços de pau em punho. Brandiam cassetetes e repetiam sem parar, enraivecidos:

– Fora! Fora!

Os que desciam iam sentindo o peso dos cassetetes e o estalido dos chicotes por todo o corpo. Os jovens tentavam escapar correndo, mas os guardas de motocicletas divertiam-se perseguindo-os. Quem caía era pisoteado pelos que eram expulsos dos vagões. A caminhada de cinco quilômetros entre a estação do trem, no meio do mato, e a *ulica* Lipowa, número 7, onde se situava o campo de trabalhos forçados, foi feita entre correrias. Parecia uma caçada, uma brincadeira de gato e rato, em que somente os nazistas se divertiam. Eu estava exausto e muito fraco devido à doença "vermelha". Trôpego, mal conseguia escapar dos açoites dos meus carrascos nazistas que se divertiam implacavelmente.

Paramos diante do campo, num cercado de madeira com guardas perfilados que nos esperavam. Os milicianos ucranianos controlavam o local. Os jovens cambalearam campo adentro. Estávamos feridos, sujos, angustiados e mal sabíamos do novo inferno que nos esperava no campo de Lublin. Esta era a primeira parada daquele grupo, mas o seu destino seria o campo de Chelmno, onde a maioria iria morrer fuzilada.

A TURMA DA RECONSTRUÇÃO

Os trabalhos forçados se iniciaram imediatamente. Eu, com a saúde abalada, estava sentado no chão, pernas cruzadas, sob olhares atentos e severos dos guardas ucranianos. Sentindo fortes dores, levantei a mão.

– O que você quer, judeu sujo? – indagou um guarda.

– Preciso ir ao banheiro.

– Pode ir.

Fui. Aliviando as cólicas, contorcia-me, pois o desarranjo continuava expelindo gotas de sangue. A situação obrigava-me a pedir várias vezes para ir ao banheiro. O soldado sacudia os ombros, vociferando:

– Morra de uma vez, judeu de merda...

Fiquei aterrorizado. Se pedisse mais uma vez para ir ao banheiro o miliciano ucraniano poderia me matar.

Após várias horas de espera e aflições fomos conduzidos a barracões de madeira. Perguntei se havia um posto médico no campo e me levaram até um médico, também judeu. Ele me prescreveu dois dias livres, escrevendo a ordem num pedaço de jornal. Senti-me salvo por pouco tempo. Dois dias de descanso naquele lugar, naquela situação anômala, era um autêntico tesouro.

O campo era transitório, servia de abrigo e ponto de espera para os que seriam levados ao campo de Chelmno e para aqueles que seriam

aproveitados em trabalhos forçados na reconstrução de prédios. Essas turmas saíam pela manhã e retornavam apenas no final do dia. Na volta utilizavam os banheiros que, num corredor de 50 metros de comprimento, com divisórias e sem portas, possuíam, em suas péssimas instalações, fossa séptica, bacia e torneira, num pequeno espaço. Os homens faziam fila indiana e o mau cheiro era repugnante.

Os coordenadores do campo, dois jovens judeus, ajudavam os alemães. Dinner e Eichenbaum, os dois *capos* aparentando pouco mais de 20 anos, subservientes aos alemães, bancavam os durões, imitando-os na violência verbal e física. Pareciam donos, proprietários do campo, agindo como capatazes e capachos dos nazistas. Alguns judeus, moradores de Lublin, apresentavam-se pela manhã, trabalhavam durante o dia e iam para casa à noite. Como eu era um bom observador, percebendo a situação, tive uma idéia. Minha intuição jamais falhara e não seria desta vez que a sorte me abandonaria. No campo, a cada dois dias, conseguia licença médica e podia me livrar dos trabalhos pesados.

A contagem dos 800 homens era feita constantemente embora o oficial só contasse até o 799.

– Varsovianos! – Eichenbaum gritava ao subir no banco e, me vendo deitado, insistiu: – Ei! Você não é de Varsóvia?

– Sim – e tirei do bolso o atestado mostrando a Eichenbaum, que me desferiu uma violenta bofetada. A troco de nada. Dolorido, atordoado, parecia ver estrelas, mas nem pensei em reagir.

– Quando eu chamar responda e se apresente imediatamente. Agora vá falar com o chefe!

Cambaleando, dirigi-me ao chefe alemão, homem frio e cínico, vestido com uma capa preta e comprida. Parei na frente do alemão enquanto Eichenbaum gritava:

– Diga o seu nome!

– Sou Moshe Kleinsinger.

O chefe, de mãos na cintura, fuzilava-me com os olhos e, fingindo um movimento de sacar o revólver, bradou com arrogância:

– Ao chamado apresente-se na hora! Vá lá! Fora! – e apontou o grupo que, em fila de cinco, estava pronto para rumar ao campo de Chelmno.

Assustado, corri para o fim da formação e fiquei ali, como que escondendo-me dos nazistas, atrás dos mais baixos. Eu era alto e deveria ficar na frente, mas, assustado, fiquei na retaguarda. Ninguém reclamou, só se ouvia a voz de comando.

– Andando, andando, cretinos – ordenava o alemão. Na porta de saída, alemães e ucranianos contavam:

– Um, dois, três, trinta, quarenta, cinqüenta, cem... trezentos... quatrocentos!

Foi então que um dos alemães chamou o outro:

– Telefone!

Todos parados, esperando... prontos para saírem.

A notícia: o comando de Chelmno informava que não havia mais lugar, dispensando a ida de 400 homens naquele dia. Voltaram todos ao barracão. Fiquei no campo de Lublin, mas dos que haviam saído na primeira leva rumo a Chelmno nunca mais soubemos do seu paradeiro. Em Chelmno, os nazistas faziam apostas com tiro ao alvo. Os judeus eram o alvo fácil. Um esporte corriqueiro e praticado diariamente.

Uma inspiração me salvou. Foi quando vi o estado deplorável dos banheiros que tive uma idéia. Sabia que a fama dos alemães era de serem muito exigentes em matéria de limpeza e aqueles banheiros estavam simplesmente imundos, fedidos. Assim, procurei uma mangueira e a achei rapidamente – parecia estar à minha espera – e me pus a limpá-los. Refleti que eu era aquele rapaz que nunca havia sequer passado um pano para tirar o pó do piano que tanto amava, mas que agora aprendera em poucos segundos a utilizar uma mangueira e limpar banheiros. Eu

nunca tinha visto uma mangueira naquele banheiro, mas parece que depois que tive a idéia da limpeza, algum anjo surgiu e colocou a mangueira bem ao meu lado. Lembrei-me do episódio de Moisés que, desafiado pelo Faraó, lançou seu cajado no chão, que se transformou numa cobra e comeu a cobra egípcia. O "milagre" da mangueira que aparecera repentinamente me dava uma sensação de proteção que realmente devia estar acontecendo...

QUEM LIMPOU?

Com a mangueira na mão, nariz tapado, água e muito esforço, limpei cuidadosamente o banheiro. O ambiente, antes malcheiroso, agora era respirável. O meu plano estava indo bem...

De repente o comandante Hantke chegou, com suas passadas pesadas, entrou no banheiro e se deteve. Olhou trecho por trecho, centímetro por centímetro. Saiu e parou diante dos homens formados. Peito estufado, cabeça erguida, mãos na cintura, gritou:

– Quem limpou?

A expectativa era terrível. Ele queria saber quem ousara fazer aquilo sem sua ordem expressa. Nessa hora pensei: "Se disser que fui eu poderá me matar, sei lá, mas se ficar quieto o meu plano fracassará". Cabeça erguida, mãos em posição de sentido, olhei firme e bem no fundo dos olhos do oficial alemão:

– Fui eu, senhor! – falei em voz alta. Tremia, mas procurava disfarçar o medo.

– Quem? – disse o oficial, olhando em minha direção.

– Eu limpei, senhor!

Um silêncio longo. Silêncio no campo. Olhos se encontrando: olhos azuis arianos, nazistas, frios e matadores encontrando aqueles olhos judeus, sensíveis, de lembranças de *pogroms* e perseguições ao longo dos séculos, olhos fugitivos. Silêncio constrangedor. De um lado, o poderio

nazista dominador do mundo, destruindo em nome da raça superior, na ambição de conquistar o globo. A inteligência voltada para o mal. Do outro, o homem inteligente, forte, filho de uma raça na qual surgiram gênios como Newton, Sabin, Freud, Moisés, Maimônides, Einstein, Jasha Heifetz, Arthur Rubinstein... ajudando a construir o mundo, mas sempre perseguidos, sobrevivendo, resistindo graças à fibra e união, à coragem e sensibilidade. À fé em D-us e em seus desígnios.

– Judeu, foi você que limpou? – o oficial Hantke, olhar frio, mãos na cintura, postura de um deus, "o deus dos banheiros". Podia-se ouvir a respiração dos prisioneiros e dos soldados.

– Sim, senhor!

Eu estava calmo, estava com a situação sob controle. O comandante não fizera menção de sacar a pistola nem brandir o chicote. Hantke, respirando agressivamente como um *boxer* raivoso, ordenou:

– Você fará isso todos os dias! – falou e bateu as botas pelos calcanhares, virando as costas e abriu caminho no meio do pequeno grupo que o cercava, que o bajulava.

Era o que eu queria e só não pulei de contentamento porque a reação do comandante seria imprevisível. Com esta ordem eu estava livre dos trabalhos e de ser alvo das pistolas alemãs em Chelmno. Quando tive a intuição da limpeza dos banheiros pensara justamente nisso: ficar no campo e não viajar diariamente para os trabalhos forçados. Era ali que poderia bolar um outro plano para fugir. Queria ficar ali, ser um limpador deixando banheiros e privadas higienizados, evitando possíveis epidemias. Não desejava ser mais um na lista de alvos dos atiradores alemães – como comentavam os soldados, vangloriando-se dos seus feitos, das balas perdidas e da pontaria certeira. Ficando no campo de Lublin, senti que eu poderia me salvar. Era uma intuição, mas que no final deu certo. Acho que intuição em época de guerra só deve funcionar se der certo. Não existe o contrário, pois se não der certo, não era intuição, mas apenas uma reflexão sobre uma maneira de morrer...

A RIGIDEZ DAS NORMAS

Os que trabalhavam à noite tinham o direito de dormir um pouco mais pela manhã. Não precisavam levantar-se às cinco horas e, conseqüentemente, não precisavam responder à primeira chamada geral feita cedo. Formei um grupo de cinco pessoas, que estavam sendo tratadas na enfermaria, para limpar diariamente os banheiros. Era a "turma da limpeza".

– Você! Você e você! Vamos limpar os banheiros! – convoquei-os arrogantemente.

– Mas... – contestaram alguns dos prisioneiros enfermos.

– Psiu! Vamos limpar os banheiros agora e depois conversaremos.

No caminho para o trabalho expliquei-lhes tudo. Precisavam trabalhar, serem úteis, caso contrário os nazistas poderiam matá-los. Limpar os banheiros também era uma maneira de saírem da enfermaria, local onde poderiam apanhar doenças irreversíveis.

Os banheiros ficavam muito sujos quando os prisioneiros retornavam do trabalho. Meu grupo era organizado e assim que os prisioneiros saíam do banho, nós entrávamos e limpávamos tudo sob o meu comando. Eu era o "coordenador-geral dos banheiros dos prisioneiros", cargo esse que me dava, no dia-a-dia, uma esperança de sobreviver. Providenciei um cartaz e escrevi "Limpeza, trabalho noturno",

afixando-o acima das camas da minha turma; dessa forma podíamos dormir até mais tarde, as oito horas, enquanto a maioria dos prisioneiros acordava às cinco horas da madrugada. Aqueles enfermos que antes estavam morrendo aos poucos, agora participavam dos trabalhos, devagar e sempre, manquitolando, espirrando, desmaiando, mas com novas esperanças também.

A alimentação precária enfraquecia a todos: pão preto e duro, café sem açúcar e ralo. Parecia triturado. No almoço era servida sopa aguada. Eu, sempre que podia, ia até a cozinha e contava as novidades para a turma de lá, bancando o "pombo-correio", inventando histórias e, aproveitando-me das oportunidades em que os guardas se distraíam, roubava batatas, colocando-as no bolso. Com uma espiriteira, também furtada, e álcool para o uso na limpeza, cozinhava as batatas no banheiro, reforçando a nossa própria alimentação. Um dos meus amigos vigiava a área a fim de avisar a tempo caso aparecesse algum alemão. Mas os germânicos raramente iam até os banheiros dos prisioneiros e o nosso grupo podia se alimentar melhor e sempre guardar mais comida para algum prisioneiro doente. Nós nos sentíamos beneficiados por D-us e compartilhávamos disso com os menos afortunados.

Apesar da rígida disciplina no campo, eu gozava de privilégios como chefe da limpeza. Este serviço era considerado serviço importante, pois evitava doenças graves como tifo, varíola, hepatite. Desses privilégios, o maior era o de passear aos domingos em Lublin. Recebia um salvo-conduto que me permitia ficar fora e recolher-me às 19 horas. Essas saídas eram uma espécie de prêmio pelos bons serviços prestados e reconhecidos pelo oficial alemão. Na minha cabeça comecei a bolar um plano de fuga.

Sempre que fazia uma inspeção nos banheiros, o comandante Hantke ficava cada vez mais impressionado, e até certo ponto incrédulo, ao ver que as privadas estavam limpas e havia muita higiene. Hantke gostou tanto do trabalho que requisitou o grupo para cuidar também do

seu banheiro privativo. Com isso, a confiança em mim foi aumentando e foi numa dessas inspeções que consegui convencer o comandante a me dar um salvo-conduto para passeios dominicais.

É preciso ressaltar que o salvo-conduto não significava necessariamente a liberdade para seus portadores, nem bastava para criar oportunidades de fuga, pois a cidade era muito pequena e abarrotada de soldados alemães. As patrulhas eram constantes, e alguns dos soldados nazistas se deixavam arrastar por cães raivosos que gostavam de caçar prisioneiros que tentavam escapar. Fugir era impossível.

MEUS PRIMOS

O correio no campo de Lublin ainda funcionava com uma certa regularidade. Certa noite, no banheiro, no decorrer do trabalho noturno, consegui uma caneta e papel para escrever uma carta à minha Paulina. Queria tranqüilizá-la, dizer que estava bem em Lublin. Paulina e sua família, assim como a minha, não sabiam para onde tinham me levado, quando saíra de Varsóvia. Uma semana depois recebi a resposta. Ela dizia que tinha dois primos marceneiros morando em Lublin, Nathan e Abrahão, que também trabalhavam com madeira e móveis no campo. Sabendo disso, passei a investigar, nos domingos, como me encontrar com esses dois "parentes" e não demorei muito tempo para conhecê-los. Numa tarde perguntei para alguns trabalhadores judeus se tinham uma prima chamada Paulina e eles foram logo se apresentando. Eu disse que era noivo dela e logo ficamos amigos. Eram pessoas simples, com idades de 30 anos, casados e com famílias. Eram realmente exímios marceneiros, muito requisitados no campo e muito alegres. Quando lhes disse que era namorado de Paulina, passaram a me tratar como se fosse da própria família. Eu ria e filosofava sabendo que, apesar de todas as agruras cometidas pelos nazistas, ainda existia o calor da família judaica.

CORONEL GURFINKEL E O SEU CÃO

Gurfinkel, coronel do exército alemão, com 2,10 metros de altura, forte e musculoso, já matara judeus com as mãos. Era caçador de fugitivos e contava com o seu cão farejador, sempre pronto para atacar à sua ordem. Ninguém se atrevia a fugir. Nem pensar.

Ah! Mas parecia que eu nascera para ter intuição, ousadia e amor pela liberdade. Aos domingos, geralmente ia à casa dos irmãos marceneiros Nathan e Abrahão, com os quais travara boa amizade.

Eu ficava por lá com meus amigos, almoçava, ouvia músicas, compunha outras tantas e ensaiava composições. A minha permissão para sair aos domingos era um pequeno passaporte que eu conseguira para poder viajar pelo céu e pelas estrelas, por um mundo de paz, pela poesia.

Eu tinha 21 anos, e era como milhares de jovens naquela situação, vítima de um lunático da destruição – Hitler – que tinha mãe, mas, como milhares de pessoas, ignorava quem fora seu pai. Nesses domingos de lazer recrudesciam a saudade, os sonhos, os planos, o idealismo e a vontade sobre-humana de viver em plena liberdade.

– Fugir? Ahn? Eu fugir?

Fitei os irmãos marceneiros quando Nathan, olhar triste, mas sério, indagou:

– Por que não foges, Moshe?

– Sim, Kleinsinger, fugir! – acrescentou Abrahão.

– Não sei. Ando pensando nisso... mas ainda não apareceu a oportunidade – disse eu, cabisbaixo.

– Fugir é a sua solução, Kleinsinger. O que você ganha ficando no campo? Uma medalha? – disse um dos irmãos.

– Um tiro talvez – disse o outro –, jamais uma medalha! Esses nazistas vivem metendo balas nos judeus por pura diversão. Tiro ao alvo... Fuja Moshe!!!

– Sim. Isso tudo acabará em tragédia. Vá para Varsóvia!

Abrahão falava com convicção e lealdade.

– E vocês me ajudariam? – hesitei ao perguntar.

– Por que não? Claro que vamos ajudá-lo! – disse Nathan.

– E depois, se descobrirem que me ajudaram? O que acontecerá com vocês?

– Sei lá... Somos daqui, vivemos aqui. Negaremos! E você sabe que, ajudando ou não, um dia eles acabarão conosco. Nós, judeus, estamos condenados. Fuja, tente sobreviver... vá para Varsóvia, lá é uma cidade grande, você poderia se esconder, entendeu?

– Sim, entendo. Vou pensar... Obrigado.

À noite, pensativo, cheguei a uma conclusão:

"Os alemães são anti-semitas impiedosos, sem consciência. Eles só sabem odiar, perseguir, torturar, espancar e matar. Preciso escapar. Meus amigos têm razão".

Depois daquela decisão, minha cabeça mudou. Após a limpeza geral dos banheiros, eu demorava a pegar no sono. Era um sono repleto de sobressaltos: acordava sentindo-me num pesadelo eterno.

A FÚRIA DO OFICIAL

Meus amigos marceneiros haviam preparado a fuga. Por alguns dias, Nathan e Abrahão levaram meus pertences para fora do campo e os guardaram em suas casas. Ansiedade, angústia e medo, além de tremores seguidos por um ligeiro desarranjo intestinal na véspera, ocasionado certamente pelo nervosismo, me fizeram tomar um remédio arranjado por Nathan para segurar o intestino. Precisava estar em forma para fugir no dia 10 de novembro de 1940, dia de minha licença para sair do campo e ir a Lublin. Queria aproveitar a folga. Imagine, um judeu fugitivo com diarréia...

Em abril de 1941, já em Varsóvia, fiquei sabendo que os oito chefes de grupos de trabalho do campo de Lublin haviam sido fuzilados sem nenhum motivo, em 20 de novembro de 1940. Eu seria o nono, se Nathan e Abrahão não tivessem me ajudado a fugir. Na hora da morte, me disseram depois, todos entoaram o **Shemá Israel** (*a principal oração dos judeus*), em uníssono. Foram fuzilados dez dias depois de minha fuga. Pensei que D-us realmente me protegia. Fugindo da morte, a sensação de proteção divina é muito forte, principalmente depois que se consegue o objetivo.

Antes de minha fuga, Hantke andava furioso. Talvez com alguma ordem recebida de Berlim. Alguma coisa não andava bem. Alguns, em tom de brincadeira, diziam que ele estava com as hemorróidas infla-

madas e não podia nem sentar-se direito. Outros diziam que pegara o "seu homem" dormindo com outro... e outros diziam ter ele sabido que sua mulher, em Berlim, andava com um general, para conseguir-lhe uma promoção... abrindo as pernas... Ah, se Hantke soubesse das más línguas que se divertiam no campo, em meio ao sofrimento, atribuindo-lhe qualidades especiais!... Hantke, furioso, em pé, na sua sala me recebeu. Tinha ido até lá pedir um salvo-conduto, mesmo sabendo que ele o estava negando a todos. Não me acovardei, pois minha ânsia de sair e a decisão de fugir, de libertar-me, fizeram-me caminhar em direção à sala dele. O alemão mirou-me friamente, parecia soltar faíscas.

– O que deseja?

– Senhor, por favor, preciso de sua licença.

– Licença para quê? – olhava-me, transtornado.

– Senhor, hoje é domingo, preciso passear na cidade, ouvir música, meditar, descansar...

– Descansar... passear?

– Sim, senhor, o trabalho nos banheiros, o senhor sabe, é cansativo demais e os passeios aos domingos ouvindo música, andando entre as árvores, ajudam. Ouvir música...

– Ouvir música?

– Sim, senhor... amo Beethoven, Bach...

– Ah, sei... eu também amo os compositores alemães, gênios!

– Amanhã estarei em excelente forma de novo.

– Amanhã?

– Sim, senhor, volto à noite, renovado....

– Ou você é muito corajoso, audacioso, ou é louco. Quer a licença para hoje?

– Sim, senhor.

– E você sabia que eu não dei licença para nenhum chefe hoje?

– Ouvi dizer... pensei que eram boatos. O senhor tem sido ótimo...

– *Iavol*! (Está certo!) – Hantke pegou o salvo-conduto, assinou-o, olhou firme para mim e esbravejou: – Tome, esteja aqui às 19 em ponto.

– *Iavol*! Às 19 horas estarei de volta. Obrigado senhor.

Saí da sala sorrindo, exibindo a licença. Estupefatos, os outros perguntaram:

– Como foi que conseguiu?

– Pedi... só pedi – e encaminhei-me para o portão.

Na casa dos marceneiros aprontei a roupa. Troquei as vestes e arrumei-me. Quase esqueci de tirar a estrela de David do braço. Ajeitei-me para ficar com aparência polonesa. Os marceneiros deram-me algum dinheiro e desejaram:

– Boa sorte, Kleinsinger!

Um abraço comovido e Nathan alertou:

– Cuidado com Gurfinkel, eu o vi, há poucos minutos, andando com o cão pela cidade.

– Terei cuidado – respondi e saí andando, lentamente, maletinha na mão rumo à estação. No guichê disse em alemão:

– *Warshau*! (Varsóvia, em alemão.)

O bilheteiro olhou-me e, em vez de cobrar 33 *zloys*, cobrou apenas 16,50, pois para os alemães cobrava-se a metade do preço. Na verdade, disse "Warshau" em alemão sem saber por quê. Foi uma surpresa, pois não tinha pensado em viajar para Varsóvia como alemão. Foi um impulso meu, sem entender nada!

Bilhete na mão, fiquei um pouco nervoso com a presença de Gurfinkel que, andando pela cidade, poderia me ver. Indaguei então ao funcionário:

– A que horas passa o trem para Varsóvia?

– Dentro de quinze minutos.

Fiquei mais tenso ainda, pois teria quinze minutos pela frente. Precisava tomar cuidado. Quinze minutos naquela situação pareciam

uma eternidade e assim fui caminhando até a ponta da plataforma, parei e fiquei fitando o horizonte, onde os trilhos pareciam encontrar-se com o céu. Desejei olhar só para a paisagem, mas, de repente, olhando para os lados da cidade, avistei o grandalhão e seu cão. Tremi. Disfarçando, caminhei lentamente para o banheiro e ali fiquei, ansioso, preocupado, coração disparado. Ouvi lá fora os latidos do cão e Gurfinkel falando com algumas pessoas.

– O trem! – gritou o fiscal da estação.

Ouvindo chegar a locomotiva, o ruído das rodas de aço em atrito com os trilhos e o ranger dos vagões resvalando até a parada total, cheguei à conclusão de que não poderia falhar. Da porta do banheiro coloquei lentamente a cabeça para fora e resolvi aguardar. Meu coração acelerou. Gurfinkel estava se aproximando com seu mastim... e se me visse? Poderia sacar a pistola e atirar ou ordenar ao cachorro que me pegasse. A máquina chiava e o maquinista então apitou três vezes. As rodas começaram a girar e o trem foi andando, tomando velocidade... E foi aí que saí correndo do banheiro e, alcançando um vagão, pulei no estribo com o trem ganhando velocidade, velocidade, velocidade. Agarrado ao estribo, olhei para trás. Lá estavam Gurfinkel e seu fiel companheiro, subindo as escadas da estação.

Suspirei aliviado, mas continuava tremendo. Era muita emoção para um só dia. Foi nesse momento que percebi qual era a população no vagão: só havia alemães. Sentei-me, recostando-me na janela com o rosto virado para a paisagem, fingindo cochilar. Isolado, evitando que um nazista tentasse conversar comigo, pois estaria frito! Não desejava abusar da sorte. Fugi graças à fé em D-us. Meu espírito decidido acreditava no êxito total da fuga. No período passado em Lublin curara-me totalmente do "vermelho" e agora estava retornando para casa. Adormeci profundamente e, quando abri os olhos, o trem estava chegando ao destino: Varsóvia!

UM FANTASMA?

Chegara a Varsóvia, céu estrelado mas sem luar. Fui em direção à casa de meu irmão Rafael. Adorava andar pela minha cidade e, antes da guerra, caminhava quilômetros pelas ruas, cumprimentando clientes e conhecidos e até explorando bairros distantes do meu. Mas, nessa chegada a Varsóvia, não poderia chamar a atenção, pois, afinal, fugira do campo de Lublin havia poucas horas. Entrei no edifício em que Rafael morava e subi os lances de escada – todos sem corrimão –, que haviam sido retirados e queimados nas lareiras, para proteger do frio. Bati à porta familiar e esperei alguns segundos até indagarem:

– Quem está aí?

– Sou eu, Moshe! Deixe-me entrar.

Abriram a porta e todos me olharam, estupefatos. Não esperavam que eu conseguisse fugir do campo de Lublin e me abraçaram, emocionados.

Entrei e contei a minha fuga recente, agitado, exagerando em gestos teatrais. Minha explanação causava-lhes curiosidade e medo. Falei entusiasmado sobre a ajuda dos primos de Paulina. Ficamos horas conversando, mas no início da madrugada entendi que seria um incômodo ficar na casa de Fule pois ele estava repleto de problemas com que se preocupar.

Poucos dias antes os nazistas tinham expulsado Rafael e meus outros irmãos, tios e primos, das lojas de que eram proprietários na

ulica Swietokrzyska. As lojas eram de antigüidades e os alemães pegaram as chaves e mandaram todos sair sem deixá-los levar objetos e móveis. Confiscaram tudo. O meu irmão Rafael, a mulher e os filhos estavam tristes e desesperados.

É claro que, durante a conversa, senti que eles ficaram amedrontados, porque eu poderia estar sendo caçado e, se me descobrissem ali, a família poderia ser punida. Retirei-me, porque não desejava que alguém sofresse ou fosse castigado e até morto por minha causa. Amava os meus irmãos, os sobrinhos, mas me convenci de que teria de viver isolado, ajudando os familiares e amigos como pudesse e se a situação permitisse.

Procurei o meu velho quarto e por sorte não o haviam alugado. Ajeitei meus parcos pertences, saí perambulando pelas ruas do bairro judeu, observando a destruição, e cheguei até a casa de Paulina. Entre beijos e abraços, senti depois de muito tempo a alegria que voltava. O pai e o irmão dela mostraram-se felizes pelo meu retorno. Contaram-me a novidade: os muros do Gueto estavam prontos, mas ainda tinham liberdade de andar pela cidade. Os portões estavam abertos e todos podiam sair e retornar – ainda havia alguma liberdade dentro daquele regime totalitário.

Paulina continuava linda, desenvolta, alegre, parecia uma flor que desabrochara, regada com água límpida, bem cuidada, naquele jardim embrutecido pelos nazistas. Beijou-me com carinho, os lábios se tocaram, os corpos tremeram.

– Que bom você voltar, querido!

– Sofri, e a saudade me deixava abalado!

Quando nos beijamos, ela apertou os lábios nos meus com mais sensualidade, mais força. Excitado, procurei disfarçar.

– E então Paulina, continuas trabalhando? – nossos olhos tinham um brilho de desejo.

– Sim. Continuo fazendo as camisas para a fábrica. Eles gostam do meu trabalho – ela sorriu.

– Você é caprichosa, sabe fazer camisas... Quando casarmos só cuidará da casa e fará camisas para mim e nossos filhos.

– Farei com prazer! Te amo Moshe.

Novamente eu a beijei. Paulina parecia mais alegre, mais esfuziante e adorável. A ausência de vários meses, entre nós dois, não a deixara abatida. Fiquei feliz vendo-a mais bonita e com o corpo elegante parecendo mais desenvolvido. Ela, diante de mim, sorria, mas de repente ficou séria, pensando talvez nas amigas, nos momentos em que as moças a paravam para conversar. Contavam novidades e indagavam seriamente:

– O seu namorado, como vai? Ainda longe?

– Sim, ainda não voltou.

– É bom você arrumar um outro... Esta guerra está liquidando os homens!

– Gosto de Moshe. Só ele me interessa! – respondia, com altivez.

Elas ficavam caladas, porém uma delas, um dia, parando-a na porta da fábrica, foi indiscreta:

– Você traz sempre as camisas e entrega ao dono da fábrica, ao Max. Por que demora tanto lá em cima?

– Eu demoro?

– Sim. Uma média de quarenta minutos, tenho reparado – a indiscreta cronometrista comentou.

– Ah, o diretor me manda esperar, e depois ele fica conversando ao telefone, faz contas... Fico feito tonta, esperando, mas também não posso reclamar, ele paga direito, em dia...

– Ah, ele nunca tentou avançar? – indagou a moça observadora.

– Imagine! Eu faria um escândalo. Sou noiva, vou casar virgem... nada de confianças!

– Ah, que pureza! – ironizou a moça. – Estamos em guerra... mas, cada uma pensa como quiser... você é purinha, nem uma encostadinha do noivo...

– Boa tarde.

Ela despedira-se, atordoada com a pressão psicológica das outras trabalhadoras. Além de lhe contarem intimidades, cada vez maiores, com os namorados, ainda ficavam especulando e tentando incentivá-la à imoralidade.

Pensou, olhou para mim, abraçou-me com carinho, beijando minha boca mais demoradamente. Eu correspondi, enlaçamo-nos, e nos sentimos excitados. Novo beijo e depois a despedida.

Saí sentindo-me maravilhado, atordoado, lépido, ansioso para recomeçar as atividades e rezando para que a guerra terminasse.

Era preciso agir com cautela, serenamente e sem levantar suspeitas. Eu não podia dar pretexto para que os nazistas suspeitassem de mim. Depois da experiência do campo, a liberdade se valorizou mais ainda em minhas entranhas... A tal da "liberdade", porém, durou pouco no bairro. Na primeira sexta-feira que passei em Varsóvia, pela manhã, vários guardas se postaram nos diversos portões: nazistas, polícia polonesa e milícia judaica e, a partir daí, ninguém podia entrar ou sair. O Gueto estava isolado do convívio com Varsóvia. Faltava eliminá-lo, destruí-lo totalmente. Varsóvia ficaria livre de seus indesejáveis vizinhos. Os judeus estavam confinados a poucos quarteirões da urbe.

Por ordem nazista, os judeus que moravam em apartamentos ou casas grandes, habitações luxuosas, médias ou mesmo pequenas, ou em outros bairros fora do Gueto, foram expulsos de suas residências, sem poder carregar móveis, lustres, obrigados a procurar moradia no Gueto.

Era uma situação muito difícil. Não podiam vender os móveis e outros pertences. Ninguém tinha dinheiro para comprar. E perguntava-se nas ruas: por que comprar? Quando uma família saía de sua residência, qualquer polonês podia mudar-se e tornar-se dono da casa ou do apartamento abandonado. Houve centenas de invasões.

Era proibido sair do Gueto. A ordem viera do comando alemão naquela fatídica sexta-feira de 15 de novembro de 1940. Todos os judeus de Varsóvia estavam trancafiados. O ambiente era de sufoco generalizado, a angústia tomava conta dos habitantes do bairro murado. Com o impedimento de circularem pela cidade, muitos não podiam trabalhar fora nem comercializar. Estavam sitiados e fatalmente morreriam de fome. A solidariedade se instalou no Gueto, mas, por maior que fosse, não haveria suprimentos para todos por todo o tempo. Logo no primeiro dia o mercado negro iniciou as atividades. Alemães, poloneses e os próprios judeus vendiam alimentos aos que tinham posses. Os preços estavam triplicados. A extorsão era regra comum.

Retomei os contatos com poloneses conhecidos e lhes vendia sabonetes de glicerina fabricados por um judeu alemão. Eram muito preciosos em Varsóvia, pois todo o parque industrial havia virado pó, incluindo as fábricas de sabonete. Os sabonetes que vendia eram de boa qualidade, preço competitivo, e meus clientes os revendiam com lucro. Assim fui trabalhando, reativando meu comércio, agora restrito aos muros.

Dias antes de o Gueto ser fechado, os nazistas entraram nas lojas dos meus irmãos, primos e tios e tomaram as chaves, expulsaram-nos e tomaram posse de todos os bens, isto é, peças de antigüidades. A fortuna dos meus irmãos foi dilapidada em poucos minutos.

Naquela vida restrita ainda se via o passar dos bondes em trânsito pela rua principal. Os telefones funcionavam. No bairro cercado existia um prédio *sui generis* na *ulica* Leszno: o Tribunal de Justiça. Esse edifício tinha duas portas: uma dava para o Gueto e outra para fora dos muros. De um lado, os judeus pagavam seus tributos e, do outro, faziam tramitar seus processos judiciais. Nesse prédio eu encontrei alguns de meus clientes, e pude trocar e vender mercadorias. O mercado do Gueto

necessitava de todo tipo de mantimentos e Varsóvia, de muitos produtos baratos fabricados no Gueto.

Eu tinha um cotidiano curioso: acompanhava a fabricação de sabonetes junto com meu representante, um judeu alemão e acabei dessa forma conhecendo um outro judeu, de Varsóvia, um técnico que trabalhava na fábrica desse judeu alemão. Ele me propôs sociedade na fabricação de sabonetes, porque não estava satisfeito em trabalhar como empregado e ambos poderíamos aumentar nossos rendimentos. Raquel, prima de meu sócio, linda com seus 18 ou 20 anos, ajudava-nos a empacotar os sabonetes. Ela se apaixonou por mim, mas eu não percebi. Amava Paulina.

As coisas até que caminhavam bem até eu contrair tifo, a pior das doenças no Gueto. Tudo motivado pelo *stress*, a tensão no mercado negro e principalmente pela higiene precária. A população do Gueto aumentava e as condições de higiene pioravam. Parecia um daqueles paradoxos bíblicos, quando multidões estavam totalmente à mercê de D-us.

ANJO DA GUARDA

Precisava ir a um hospital, mesmo sabendo que dezenas de judeus já haviam morrido por falta de atendimento. Quando os doentes eram encaminhados aos hospitais, eram largados à própria sorte, deitados no chão, resultado da falta de vagas. Os cadáveres eram retirados do Gueto e jogados em caminhões, como lixo. Equipes de sanitaristas andavam pelas ruas, entravam nos apartamentos à caça de doentes. Os nazistas temiam que uma epidemia se espalhasse pela cidade. Eu, felizmente, conseguira juntar algum dinheiro e convenci a dona do apartamento a me ajudar. Um médico veio me examinar e receitou-me remédios que foram comprados a peso de ouro no mercado negro. Raquel ficou o tempo todo à beira de minha cama. Cuidava de mim como um anjo da guarda.

Um dia bateram à porta.

– Quem é? – perguntou dona Sabina, a senhoria.

– É o controle sanitário! Abra logo!

Depois de vistoriarem o apartamento, a interrogaram a respeito daquele quarto fechado.

– Por que aquela porta está fechada?

– O moço que aluga o quarto trabalha o dia inteiro. Ele tranca a porta assim que sai pela manhã.

– Se souber de algum doente, avise-nos.

Foram embora. Caso soubessem que eu estava ali e com tifo não teria tanta sorte. Seria levado para um hospital, do qual pelo descaso não escaparia da morte. Às noites eu delirava. Raquel, zelosa, cozinhava meu prato preferido: couve-flor. Ela pagava muito caro, mas não poupava esforços e dinheiro para que eu me recuperasse.

– Coma, Moshe! É couve-flor, você gosta! – dizia e me enfiava garganta abaixo, obrigando-me a comer. A doença tirou-me o apetite, mas Raquel era insistente, agia com decisão, carinho e amor.

– Se você resistir a esta noite e amanhã estiver vivo, viverá... – sentenciou o médico, após vários dias de agonia.

Eu estava fora de mim, delirava todo o tempo, o suor escorria-me pelo rosto e o corpo molhava os lençóis. Nos delírios noturnos eu me via viajando com Hitler pela fronteira e os canhões bombardeavam minha Varsóvia. Por entre o tiroteio eu consegui fugir de Hitler e de seus soldados. Alucinando, pensava em Paulina e no que ela dissera sobre as dificuldades de cuidar de mim, pois seu pai, religioso e conservador, não permitiria e, além do mais, ela não poderia deixar de entregar suas camisas na confecção. Eu, ainda no início da doença, acariciando o seu rosto, compreendera.

– Estou com fome! – disse abrindo os olhos, depois de semanas com febre alta, falando ainda com dificuldade por causa da fraqueza que o tifo me causara.

Sentia uma fome de leão. Parecia que não comia desde a destruição do Templo de Salomão. Tinha perdido minha bela cabeleira e estava com a fisionomia decadente. Mais parecia um morto-vivo, mas Raquel não conteve as lágrimas que escorriam de felicidade e o grito de satisfação:

– Você vive! Você viverá, Moshe! – chorava de alegria e saiu saltitante para comprar comida.

Raquel retornou e passou a preparar suculentas refeições. Faminto, eu devorava tudo. Os dias se passaram e fui me recuperando gradati-

vamente. Já me levantava sozinho, ia ao banheiro e até tomava banho sozinho. Andava pelo quarto exercitando as pernas. Raquel ficou firme ao meu lado, ajudando-me em tempo integral, massageando minhas pernas, o pescoço, e aproveitando para acariciar meu rosto. Ela, numa certa manhã, aproveitando-se da massagem que me fazia no pescoço, beijou-me a face delicadamente, suspirando, e descendo o corpo resvalou propositadamente seus seios rijos em minhas costas, confessando:

– Moshe... te amo. Eu... me apaixonei por você.

Eu me virei, fitando aquele rosto meigo, delicado, cabelos lisos e loiros. Mirei seus olhos e senti seu olhar doce e apaixonado:

– Raquel, não sei como lhe agradecer... Você é maravilhosa, linda, sou-lhe muito grato... mas não será com mentiras que vou pagar por tanta dedicação... Você sabe, eu amo Paulina.

– Eu sei, eu sei... – ela afastou-se lentamente.

– Raquel, você certamente será uma boa esposa. Feliz do homem que se casar com você...

– Muito obrigada, Moshe.

A partir desse dia continuamos bons amigos.

Recuperado, fiz um retrospecto dos dias que passara na cama; apenas meu irmão Shaia me visitara durante a enfermidade. Não contive um suspiro de decepção. Sacudi os ombros. Afinal, o medo não é privilégio e atinge todas as pessoas. E também cheguei a uma outra conclusão: numa guerra o dinheiro vale mais do que vidas.

AMONTOADOS NO GUETO

As entregas de sabonetes eram feitas pelo lado judeu do Gueto, pela janela do prédio do Tribunal da Justiça. Leszek, um polonês, cristão, baixinho e muito inteligente, se destacava naquele comércio: era o nosso melhor vendedor. Os poloneses católicos podiam fazer pequenas fortunas revendendo meus sabonetes. Eles vinham e nos encontrávamos em horários alternados, pois, caso fôssemos descobertos, seríamos presos e condenados à morte. Havia inúmeras janelas naquele prédio, o que nos permitia ficar vigiando o lado de fora durante as entregas, evitando assim uma surpresa da polícia.

A perseguição aos judeus apertou ainda mais: eram presos em todos os recantos da Polônia, desde a mais miserável casa, na aldeia mais distante, até a mais luxuosa residência e enviados para os Guetos das maiores cidades. Varsóvia concentrava a maior população judia da Polônia. A Gestapo invadia as casas surpreendendo seus moradores nas camas dormindo, rezando, fazendo amor, escovando os dentes, tomando banho, e os obrigava a saírem de seus lares, praticamente com a roupa do corpo, rumo a Varsóvia. Na capital eram mantidos no Gueto, e dali saíam passivamente rumo aos campos de trabalho e de extermínio. A solução final estava sendo preparada. Estava a caminho.

Quando caminhões entravam no Gueto, seus habitantes já sabiam: mais uma leva de judeus infelizes eram jogados como restos de lixo

nas calçadas. Vinham de outras cidades, de pequenos povoados e muitos aparentavam curiosidade, pois era a primeira vez que estavam numa cidade grande. Se a circunstância fosse outra, poderiam até dizer que estavam fazendo turismo, mas aquele turismo não tinha nada de alegria, risadas, comidas ou bons hotéis. Era o turismo da morte, um *ticket* só de ida. A maioria desses judeus era muita ingênua.

Fazíamos sopas em grandes panelas e distribuíamos a fraca alimentação aos confinados. A solidariedade era de fato comovedora, mas o alimento escasso. Os moradores do Gueto tentavam acomodar da melhor forma possível os novos companheiros e conseguiam alojá-los em pequenos quartos onde já dormiam famílias inteiras. A promiscuidade transformou-se em hábito. A pouca comida era dividida e distribuída igualmente, embora os recém-chegados chegassem famintos e, muitas vezes, avançassem nos alimentos.

A invasão das casas dos desalojados era brutal. Os nazistas roubavam-lhes as melhores roupas, o dinheiro e todos os objetos de valor. Pareciam trapos humanos quando entravam no Gueto, mas mesmo assim ainda eram revistados pelos alemães. Os religiosos, os ortodoxos eram encostados nas paredes, e os nazistas lhes cortavam as barbas longas, os **peiot** (*cachos de cabelos*), zombando, gargalhando e fazendo-se fotografar ao lado das vítimas para mandar essas fotos aos parentes. Utilizavam-se de facas e tesouras e, na tarefa de raspar as barbas dos religiosos, feriam-nos propositadamente. Só a fé em D-us sustentava os confinados: durante o ritual a maioria rezava baixinho e tenho certeza de que muitos perguntavam: "Onde está você, **Hashem** (*um dos nomes de D-us*)?" A reza mais comum no Gueto era o **Kadish** (*oração fúnebre*). Em todas as ruas, em todas as casas, ouvia-se o dia inteiro: **Itgadal, veitcadásh, shemê rabá**...

A situação era caótica e a anarquia poderia instalar-se a qualquer momento. Assim, organizaram-se espetáculos nos grandes prédios, com o fim de se juntar dinheiro para comprar comida e levantar o moral dos

habitantes. Os dias se passaram trazendo mais e mais vítimas. Não havia mais lugar no bairro, a comida era insuficiente, já não era possível alimentar a todos. Ruas, becos, marquises do Gueto eram habitados por figuras esquálidas, sem luz, com a marca da fome estampada no rosto. A fome era implacável, matando homens, velhos, mulheres, jovens e crianças. Os que morriam eram despojados de suas roupas: elas aqueciam outros famintos. Os nazistas mandavam recolher o que para eles eram resto de feira: os mortos. Eu assisti a todo aquele *show* macabro... vi todos os atos, carreguei muitos cadáveres... as lágrimas desciam pela minha face, quando lembrava. Lembro e choro até hoje pelas vítimas do Gueto. Até hoje.

Dezembro de 1941: os alemães começam a matar judeus nas câmaras de gás. Os "passeios de trem" se tornaram mais constantes, sempre acompanhados das notícias da morte dos "turistas" em câmaras de gás. Os que escapavam contavam a selvageria dos nazistas: eram obrigados a abrir covas para os mortos. As más notícias iam sendo veiculadas boca a boca. Os membros da Resistência polonesa e os judeus nela engajados conseguiram passar as notícias clandestinamente para os ingleses, pedindo socorro. Acontece que naquele momento a Inglaterra, comandada por Winston Churchill, lutava estoicamente contra os alemães. Procurando levantar o moral dos poloneses e judeus que resistiam, uma das respostas veio no dia 8 de dezembro: os Estados Unidos tinham entrado na guerra contra a Alemanha, após serem atacados, em Pearl Harbour, pelos japoneses.

Como se fosse uma represália aos norte-americanos, os nazistas incrementaram ainda mais o extermínio dos judeus, dentro dos seus planos da chamada "solução final", para extirpar o judaísmo da Europa. Soube-se posteriormente das mortes de Kujanska, Isbica, Kolo, Dombie, Kladawa e outros líderes da Resistência judaica. O pânico aumentava.

A MORTE E OS ARTISTAS

Por ironia, naqueles tempos de miséria foram montados no Gueto os melhores espetáculos de música, balé e teatro que eu já tinha visto até então. O bairro fervilhava de cultura e as pessoas, buscando superar suas fraquezas, diante do poderio alemão e da morte anunciada, participavam, cantavam e batiam palmas. Para muitos artistas era como se fosse o último espetáculo. Para a maioria dos espectadores, também.

Nas ruas do bairro encontravam-se concertistas de violino, flauta, saxofone, acordeão... Eram os melhores músicos da Europa que haviam sido expulsos da Alemanha e enviados ao Gueto de Varsóvia. Apesar de tantas mortes, os músicos conseguiam interpretar grandes composições, bailarinas esmeravam-se em peças clássicas – os maiores intérpretes do tablado europeu provocavam risos e lágrimas do público. Todas essas manifestações da mais pura arte transportavam os habitantes do Gueto para um mundo novo de fantasia e paz.

Para sobreviver, abri outro tipo de comércio. Pedi a Leszek que me trouxesse tabaco em troca dos sabonetes e assim faríamos o intercâmbio. Já estava pensando em outro negócio: com o tabaco faria cigarros, que já começavam a rarear, usando apenas um pequeno aparelho manual que eu tinha conseguido comprar. Aos poucos a minha produção foi aumentando e cheguei a fabricar 10 mil por dia. O cigarro se

tornou um instrumento de suborno, objeto raro e caro. Conseguia pagar meus ajudantes e trocava cigarros por lâminas de barbear, pincéis, roupas, e os revendia a Leszek, que os revendia a quem precisava. Fui ganhando a vida dessa maneira.

A MULTIPLICAÇÃO DOS MORTOS

A situação piorava a cada dia. Os comentários de que as pessoas seriam conduzidas aos campos de extermínio provocavam muita angústia e temor. Ninguém sabia ao certo o que estava ocorrendo. Não se tinha notícias fidedignas do desenrolar da guerra: não se sabia se a Alemanha estava vencendo ou perdendo. A morte era a rotina do Gueto. Os judeus mortos nas ruas se multiplicavam, morriam de barriga inchada devido à fome que se agravava nos meses de inverno: janeiro, fevereiro e março.

Lembrei-me de meus cinco amigos músicos que haviam fugido para o lado russo: diziam na época que seria uma "guerra relâmpago". Mas a tal guerra relâmpago já durava dois anos e nove meses...

Em junho de 1942 os telefones ainda funcionavam; Leszek me ligou e marcamos um encontro dentro do prédio da rua Leszno. No dia seguinte, na hora acertada, pensava: pela voz aflita de Leszek alguma coisa ruim estava acontecendo, ou iria acontecer. Eu estava encostado à parede, quando Leszek chegou, cochichando:

– Moshe, tenho notícias desagradáveis.

– O que está acontecendo?

– Os alemães estão desviando as linhas de trens para o campo de Auschwitz. Planejam levar vocês para a câmara de gás, o primeiro campo de extermínio.

Tremi. Não conseguia acreditar em tal barbárie. Recusava a crer que a guerra, a ambição, a sede de poder fossem chegar a tal extremo. Apesar de presenciar atos de crueldade, as mortes, o horror, ainda acreditava no lado bom da espécie humana. Criado com religiosidade, com amor, respeito ao próximo, respeito à natureza, a D-us, senti as pernas tremerem, e exclamei com voz firme:

– Não posso acreditar!

– Psiu, fale baixo. Creia-me, é verdade – insistiu o vendedor.

– E você também é um anti-semita! – disse eu, sem querer aceitar totalmente a idéia.

– Psiu! Você está louco, Moshe? Quer nos denunciar? Fale mais baixo. Estão construindo ramais ferroviários para os campos de concentração e extermínio. Logo começarão a levá-los, acredite.

Fiquei em silêncio. Os pensamentos embaralhavam-se. Lembrei-me das palavras de meu pai quando o consultara sobre a minha fuga para o lado russo: "Moshe, fugindo ou ficando, você sobreviverá".

Fechei os olhos, vi a fisionomia de papai, sereno, tranqüilo, em vida e depois já morto, quando sua expressão era de extrema felicidade e paz de quem continuava feliz. Leszek, ao meu lado, permaneceu em silêncio. Como eu faria agora?

PARECENDO POLONÊS

Eu tinha estatura, juventude, andava ereto, com a arrogância típica de um polaco. Realmente, aparentava ser polaco. Bastava esconder a estrela de David e torcer para não ser desmascarado pela circuncisão. Ao ser convidado por Leszek a fugir do Gueto passei a me preparar. Adotei o meu andar altivo, peito estufado, passadas firmes, arrogância e o ar de superioridade, que me dava maior segurança. Diariamente, ao sair para as ruas e negociar, fazia o "treinamento" para viver a vida fora do Gueto, pois lá eu não poderia titubear. A maneira de agir poderia me colocar fora de suspeitas. Do outro lado, em liberdade vigiada, precisaria me transformar num cidadão estranho ao judaísmo. O judeu normalmente andava inseguro, humilde, era reconhecido de imediato: seu corpo o denunciava. Nos "treinamentos" observava os ortodoxos e os demais judeus e assim eu ia assumindo a postura de um polaco autêntico.

Pensava na família, nos irmãos, cunhadas, sobrinhos que não poderiam escapar. As informações que chegavam eram trágicas e cada vez mais não havia dúvida de que o destino dessas pessoas, de minha, família seria trágico. Só lhes restava uma esperança: que a guerra terminasse logo. Era uma esperança sem cor, sem alma, sem olhar.

PREPARANDO A FUGA

Rezar, procurar no céu a proteção divina. D-us protege: era a única certeza de que dispunham os prisioneiros do Gueto. E, depois de algum tempo, quando a dor era muito dura, as pessoas acabavam se prostrando, reduzindo e quase que negando a passagem penosa de suas existências. Eu ainda não chegara a esse tipo de pessimismo total. Em meados de 1942 eu ainda acreditava, nem sei bem no que, mas acreditava...

Jovens alemães, muitos jovens, nazistas por convicção, entravam em alta velocidade no Gueto com seus veículos escuros, como se estivessem numa pista de corridas, atropelando os que não conseguiam sair da frente dos carros. Atiravam a esmo contra os judeus. Gargalhavam quando alguns dos agredidos voavam pelo capô do jipe ou caíam com o peito sangrando por um tiro. A estratégia nazista era criar aquela "cortina de fumaça" para atordoar suas vítimas antes de mandá-las às câmaras de gás. Queriam aumentar o desespero, o medo e a depressão na já miserável vida no Gueto de Varsóvia.

Se algum infeliz, para escapar dos tiros, se refugiasse numa loja, os vidros eram estilhaçados pelas balas. Os nazistas se divertiam com o terror implantado. Preparavam dessa forma a ante-sala das câmaras de gás: "o passeio de trem".

Pensei na crueldade humana e fiquei com um nó preso na garganta. As pessoas andando em volta, num frenesi de entra e sai constante daquele prédio da Justiça que dividia o Gueto da cidade.

– Não vim apenas dar a má notícia. Vim também por outra razão – acrescentou Leszek, após longo silêncio.

– Que razão? O que você deseja? Como acha que estou me sentindo? Sinto náuseas, suor e angústia... Sou judeu e amo meu povo. Amo a vida... ninguém tem o direito de matar ninguém.

Irritado, mas atento, ouvi Leszek murmurar:

– Meus pais saíram em férias por dois meses. Você sabe, meu pai é juiz. Durante o tempo da viagem, se você quiser fugir do Gueto... pode ficar em minha casa.

Surpreso, respondi:

– Em sua casa? Mas se fugir... não posso deixar Paulina. Eu não a deixarei aqui. Ela irá comigo.

– Leve Paulina, vocês podem ficar realmente na minha casa. Lá você pensará no que fazer. Logo que meus pais viajarem, eu venho buscá-los. Preparem-se.

– Mas Leszek, Paulina tem cabelos escuros, pele clara, cara de judia. Como poderei levá-la comigo? Eles descobririam facilmente...

– Ela pode tingir o cabelo de loira, bem ariana, passará por polonesa. A sua cara, Moshe, felizmente, é de polonês, nem parece judeu. Tudo dará certo, Moshe... – Leszek me reanimou.

– Você... anti-semita, querendo me salvar – observei.

– Sim, posso ter alguns traços anti-semitas, já odiei muitos judeus, mas ganhei um bom dinheiro com você e acho que nos tornamos amigos. Você é bom sujeito... tudo o que combinamos você cumpriu. Ganhei bastante graças à sua honestidade. Você... você... deixe para lá... – e calou-se.

– Eu o quê? Fale! – insisti.

– Sabe, Moshe, você é tão bom que não parece judeu. Foi por isso que resolvi ajudá-lo.

– Quando chegar o dia, avise-me – respondi secamente, pensando como a ironia do destino pode produzir frases do tipo: "tão bom que não parece judeu...".

Sim, teria a liberdade, uma precária liberdade... mas estaria vivo e fora do Gueto e, enquanto respirasse, andasse ou mesmo me arrastasse, continuaria lutando pela vida.

– Combinado! – gritou Leszek correndo em direção à sua casa.

Na verdade, até se encontrar comigo, Leszek não conhecia nenhum judeu, mas a propaganda anti-semita era tão grande na Polônia, mesmo antes da ocupação alemã, que sujeitos como ele conseguiam odiar mesmo não se relacionando com nenhum judeu. O racismo e o preconceito polonês eram conhecidos por toda Europa. Leszek apenas reproduzia o senso comum do povo polonês, entre o qual uma frase corria solta: um judeu bom é um judeu morto.

A "CONFRATERNIZAÇÃO"

Imprimi um maior ritmo aos meus negócios, pois tinha de juntar o máximo de dinheiro possível para poder fugir junto com Paulina. Continuei comercializando com Leszek. Ansiava pelo momento de sair do Gueto. A situação piorava diariamente, novos boatos corriam pelo bairro, aumentava o desespero. As pessoas andavam cabisbaixas, famintas, chorando...

Na entrada do Gueto o policiamento continuava rígido, fechando aqueles quarteirões ao mundo. Mesmo assim, crianças famintas, em desespero, pulavam o muro – e iam esmolar nas ruas de Varsóvia. Retornavam com um pouco de alimento sob os casacos e repartiam-no com os pais e irmãos.

No portão oeste a guarda era feita por um tal de Frankenstein, um soldado nazista, apelidado desta maneira por sua fisionomia repleta de traços grotescos. Fingia não ver os garotos pularem o muro e, de tocaia, os esperava. Quando retornavam com as esmolas, Frankenstein os cercava e sorria, exibindo seus dentes alvos e grandes. Seus olhos se tornavam mais esbugalhados quando via a imagem de terror no semblante dos meninos.

– Deite-se de cara para o chão! – ordenava ao primeiro, que obedecia docilmente àquele gigante armado de metralhadora. Depois gri-

tava para o resto: – Vocês, deitem-se em cima dele, um sobre o outro, rápido!

Frankenstein formava um pilha de garotinhos: oito, nove, dez crianças que tentavam equilibrar-se, como sacos de farinha ou de lixo. Ele ria descaradamente:

– Assim mesmo, porquinhos! – e disparava então a metralhadora, divertindo-se com os corpos estrebuchando no chão, os gritos de dor, os gemidos... as poças de sangue. Enquanto a metralhadora matraqueava, eles pareciam ainda perguntar:

– Por quê?... Por quê?...

Frankenstein mandava limpar o local. Jogavam os corpos numa carrocinha de lixo que os levava até o cemitério, onde eram enterrados em covas rasas. Inocentes que morriam no anonimato. Era o castigo por tentarem saciar a fome.

As notícias do extermínio de judeus pelos alemães corriam a Europa e a América, mas nenhuma voz se levantou para protestar.

Enquanto o mundo silenciava, os alemães, sob as ordens de Goebbels, ministro da Propaganda, começaram a utilizar-se de uma tática de contra-informação para confundir os inimigos. Faziam filmes e os exibiam na Suíça – "neutra", durante a guerra – para mostrar ao mundo a "verdade alemã".

A farsa filmada em Varsóvia era grotesca. Antes das filmagens, os nazistas entravam no Gueto, prendiam alguns judeus ortodoxos, alguns jovens e mulheres, formando um grupo de trinta e cinco pessoas. Eram colocados em caminhões que os levavam até um restaurante tradicional da cidade, na *ulica* Leszno. Lá, as luzes da filmagem eram acesas e a "festa" começava: velas, muitas luzes, candelabros, vinho, comida, fartura, como um banquete de casamento imperial. À mesa, oficiais nazistas misturavam-se aos judeus, e como pano de fundo, garçons servindo vinhos e sucos. Um operador de cinema, fotógrafo da Gestapo, documentava a "confraternização". Filmagem detalhada em

forma de documentário, mostrando risos, bebidas e... fraternidade, muita fraternidade como iria narrar o locutor para os espectadores do outro lado do mundo. Terminadas as filmagens, o panorama mudava completamente.

Os oficiais alemães puxaram os religiosos pelas barbas, esbofeteando-os, enquanto os mais jovens eram espancados com cassetetes. As mulheres eram despidas e jogadas no chão da rua e arrastadas pelos cabelos. Todos chegavam em casa em farrapos, sangrando muito e mal podendo caminhar.

O filme do banquete fraternal, narrado pelo alemão, seguiu para a Suíça e depois para outros países, tentando divulgar como "os alemães eram bonzinhos, cordiais para com os povos subjugados, principalmente os judeus".

A mentira, repetida muitas vezes, tornava-se verdade, dizia Goebbels.

A SOLUÇÃO FINAL

Os campos de extermínio vinham sendo preparados em localidades próximas a Varsóvia. Os boatos se espalhavam quando o Gueto foi cercado por soldados ucranianos, alemães e tropas nazistas do serviço secreto.

Eu já tinha percebido que os boatos eram verdadeiros. Leszek dissera a verdade sobre os campos de extermínio. Junto a Varsóvia, o vilarejo de Osviencim fora escolhido para sediar o primeiro campo: Auschwitz. Um ramal ferroviário dava acesso direto ao campo. Na entrada, um letreiro de ferro ornava o portão com os dizeres em alemão: *Arbeit macht frei* (O trabalho liberta). Mais uma ilusão para os inúmeros condenados que lá chegavam em direção aos "banhos" de gás. Os mais fortes eram poupados, temporariamente, para servirem como trabalhadores escravos. Eram sugados como laranjas que, depois de secas e sem bagaço, são atiradas ao lixo, ou seja, às câmaras de gás.

Alguns prisioneiros conseguiram fugir e, ao voltarem a Varsóvia, relataram o terror testemunhado. Ninguém acreditava neles, tidos como lunáticos, por causa de suas visões devido à fome. Com o passar do tempo, entretanto, os boatos passaram a ser freqüentes e chegavam informações pormenorizadas sobre a rotina em Auschwitz. O terror cresceu no Gueto, acompanhado de revolta e desespero. Nas meditações cotidianas só havia um objetivo: como fugir daquele inferno.

Eu preparava a fuga com Paulina. O ritmo de trabalho e produção cresceu e eu ligava constantemente para Leszek:

– Apareça amanhã, precisamos conversar. Aliás, não se esqueça de trazer mais tabaco.

– Combinado, amanhã estarei aí.

Já sabíamos onde e como nos encontrar e agíamos com cuidado para evitar suspeitas. Contratei mais moças para trabalhar e passei a produzir 20 mil cigarros por dia. A produção funcionava a todo o vapor, dia e noite, e as trocas eram discretas. Leszek ia três vezes por semana para recolher a produção e a estocava em sua casa. Eu sabia que precisaria de dinheiro, muito dinheiro para obter documentos falsos e viver como se eu e Paulina fôssemos poloneses católicos.

Avisei-a para se preparar. O dia da fuga estava chegando. A primeira mudança era tingir os cabelos de loiro. As demais, como vestidos, adornos, deixaríamos para depois. No Gueto ela andava com roupas simples e velhas, como mendiga. Somente no dia da fuga precisaria estar parecendo uma dama polonesa.

Entre as minhas freguesas havia uma pobre polonesa que trabalhava no prédio do Tribunal de Justiça. Ana comprava sabonetes e revendia-os para ajudar no orçamento doméstico. Ela me forneceu papéis de convocação para nos apresentarmos, eu e Paulina, como testemunhas de uma ocorrência policial fictícia.

Leszek já tinha sido avisado. Ali, no próprio Palácio da Justiça, com centenas de pessoas circulando pelos inúmeros corredores e antesalas de juízes poloneses, estava a oportunidade perfeita para fugir. Nos papéis dirigidos ao juiz, os nossos nomes eram poloneses. No dia e hora marcados, parecendo um casal polonês bem vestido, não provocamos suspeitas. Misturamo-nos rapidamente ao público e fizemos um sinal para Leszek, que nos esperava.

Caminhamos firmes em direção à liberdade, uma firmeza e uma serenidade que pareciam emanadas da **Torá**, tão estudada pelo meu pai. Se tudo desse certo, a partir daquele instante poderíamos recomeçar a viver.

Aproximamo-nos de Leszek e ficamos conversando amigavelmente para disfarçar. Após algum tempo, depois de observar bem o ambiente, olhamo-nos, nos concentramos e, respirando fundo, fomos saindo do prédio em direção à liberdade. O saguão barulhento e movimentado foi ficando para trás.

Na última porta, antes de chegar à rua, um soldado perfilado mediu Paulina com os olhos. Elegante e bonita, ela sorriu discretamente enquanto, com o canto dos olhos, eu observava a cena e fingia ciúmes, como se não desse importância ao alemão. Leszek, por sua vez, foi polido e cumprimentou o guarda. Este, com os olhos voltados só para Paulina, esboçou um sorriso, e os três passamos andando sem pressa.

– Meu anjo da guarda está de plantão – disse eu, num sussurro, para Paulina.

– Estamos livres! – ela murmurou alegre.

Tomamos um bonde e rumamos para a casa de Leszek, cujos pais estavam viajando. O apartamento, amplo e com lareira era digno de um magistrado. Acomodados na sala, resolvi – de repente – pedir para Leszek botar fogo na lareira. Leszek nada entendeu. Afinal, era verão. Parecia-lhe loucura.

Insisti. Na lareira, o fogo pequeno crescendo. Extasiado diante das chamas, fiquei com os olhos fixos nas cores que brotavam da lenha. Destruição, miséria e terror precisavam ficar para trás. Eu deveria pensar somente na liberdade e na vida. Viver livre para fugir do inferno nazista com minha amada Paulina.

Tirei do bolso as carteiras de identidade que nos identificavam como judeus. Lá estavam Moshe e Paulina. Fitei-as longamente e num repente joguei-as no fogo. Era um ritual de renascimento; portanto, o

fogo, um dos quatro elementos da natureza, deveria queimar nossos nomes, para podermos adquirir outras identidades. Absorto nos pensamentos, olhava fixamente para as labaredas na lareira.

– O que está acontecendo, Moshe? – Leszek olhou-me admirado.

Paulina passava a mão nos meus cabelos, quando comecei a chorar, soluçando como criança. Paulina e Leszek não entenderam o que se passava. Extático, pálido, eu não tirava o olhar da lareira. Os papéis transformaram-se em cinzas. Paulina aproximou-se, balbuciando:

– Que houve, Moshe? Você está bem? – disse preocupada.

– Tudo foi queimado! Não temos mais identidade alguma... não podemos ser nada... não podemos ser judeus... parece que estamos renunciando à nossa tradição...

– Não, Moshe! Não é renúncia, estamos só tentando sobreviver...

– É que eu sinto um vazio imenso dentro de mim...

Desabafei entre soluços, os punhos cerrados, sacudindo a cabeça, os pés batendo nervosamente no chão. Precisaria viver como um polonês católico. Não poderia mencionar mais nada do meu passado, nada que me identificasse como judeu. Explodi:

– Paulina, estamos sem identidade. Fugimos do Gueto, escapamos da morte, quem sabe se escaparemos das câmaras de gás. Nossos amigos, nossos companheiros, nosso povo, estão todos morrendo. Os nazistas estão matando nossos parentes... Será que veremos alguém de novo? Sou músico, quero compor... mas compor o quê? A sinfonia da morte? A sinfonia do massacre? Será que conseguirei um dia compor uma música que transmita amor, morte, crueldade, vontade de viver, dizimação? Sou jovem ainda, mas é como se já tivesse 60 anos. Só penso em sobreviver! Quantos anos já vivi sob o domínio nazista? E agora? Agora sou um desertor... Fugi do Gueto deixando todos os meus amigos, a minha família... meus irmãos! Oh, D-us! O que fizemos nós? Já não sofremos demais? O que fizemos de mal ao mundo, aos homens, a Hitler, aos alemães? Por que o nazismo só pensa em torturar, matar,

conquistar, exterminar? Não tenho vergonha de chorar! Eu me sinto num redemoinho que vai me sugar, carregar para o fundo... Mas eu resisto, preciso resistir, preciso viver...

Paulina e Leszek ouviram toda aquela explosão emocional sem abrir a boca. Os documentos viraram cinzas e, apesar de inconsolável, eu conseguira desabafar. A partir daquele dia precisaria ter nova identidade e uma nova data de nascimento.

Ergui a cabeça, aproximando-me da janela e mirei o horizonte. Os prédios estavam mais cinzentos, o dia claro. Levantando os braços, gritei:

– Eu viverei! Viverei. A vida é mais forte que a morte! Eu vou viver!

Sabia por dentro que somente através de alguns mistérios como a arte, por exemplo, eu conseguiria sobreviver. Essa vontade de compor, de fazer música, isso talvez me protegesse. Eu tinha esse instinto muito forte. Continuei:

– Eu nunca saberia matar alguém. Não conseguiria tirar a vida de ninguém... usar uma arma... e olhem, eles invadem terras, matam, destroem... tudo em nome da pureza ariana, e ainda têm coragem de falar de D-us! – voltei-me para os dois, olhos brilhando, faces rosadas:

– Desculpem-me!

– Ora, Moshe... – Leszek, impressionado, tentou me consolar.

– Querido... – Paulina deu-me um beijo.

– Eu viverei...

– Viveremos, amor. Não chore mais... – Paulina olhava-me triste, acariciando-me a face.

– Viveremos, sim. E nossos parentes? Serão massacrados? Novo massacre contra o povo judeu! – ainda falei, chorando.

– Calma, Moshe... – disse Leszek – vá descansar, durma. Amanhã você pensará melhor no que fará para sair dessa situação.

Leszek me deu um novo ânimo, tentando acalmar-me. Acho que Leszek nunca imaginara que aquele jovem judeu, sempre tão ativo, negociante correto, ávido para fazer novos fregueses, fosse sensível, humano.

INSÔNIA E PESADELOS

No novo apartamento eu não conseguia dormir. Virava-me de um lado para o outro da cama, mal fechando os olhos. Quando conseguia cochilar um pouco, acordava sobressaltado, angustiado. Levantava-me e ficava rondando pelo quarto. Uma noite caminhei até o parapeito da janela, dei meia-volta e retornei até a beira da cama. Parei ali e fiquei admirando minha bela Paulina. Olhei embevecido o corpo esguio, elegante sob o lençol branco. Aquela situação me deixou excitado, mas nem pensei em possuí-la. No estado de nervos em que estava sabia que não poderia. Entre sonolência e sobressaltos, erotismo e medo, a longa noite foi passando.

Ela dormia de saiote comprido mas ao levantar-se, com o movimento, suas coxas brancas surgiram esplendorosas. Nós nos fitamos sorrindo e eu a beijei na face:

– Dormiu bem, minha menina linda?

– Dormi. Nem pensei que sou uma fugitiva. Senti-me protegida com você aqui.

Retribuiu-me o beijo. Quando começamos a nos abraçar um ruído na porta nos assustou. Era Leszek lá na sala. Avistou-nos pela porta entreaberta, acenou. Ela foi ao banheiro e eu ao encontro do amigo.

– Leszek, precisamos acertar as contas. Onde estão as minhas roupas, os sabonetes, os pincéis? E todo o resto?

– *Nihil* (*Nada*) – respondeu Leszek.

– *Nihil*? – Explique-se.

– Não tenho mais nada, vendi tudo. Infelizmente minha namorada ficou doente, precisei arrumar dinheiro, ajudá-la... entende?

– Se entendo?! Entendo... mas não posso concordar. Era tudo meu, era tudo o que eu tinha... o que tenho a ver com sua namorada? Você ganhou muito dinheiro comigo... E agora? Sem identidade, sem dinheiro, como vou me arranjar nesta situação?

– Ora, Moshe, você é judeu. Os judeus são ricos, sabem ganhar dinheiro. O que fiz não modificará a sua vida... Vocês devem ter diamantes, ouro, dinheiro... deixe de se lamentar.

– Lamentar? Você sabia que eu iria fugir do Gueto. Preparamos tudo e a única maneira de eu sobreviver aqui fora era ter dinheiro, conseguir documentos falsos. Você não podia, não devia fazer isso – exaltei-me.

– Calma, Moshe, calma. Você pode ficar aqui o tempo que quiser. Meus pais só voltarão no mês que vem. Vocês ficam, dormem, comem, sem problemas. Enquanto isso iremos procurando uma maneira de arrumar as coisas ou até arrumar mais dinheiro.

– Calma, calma... – fui até a janela ver o movimento das ruas. Estava aflito, desesperado. Era difícil explicar o sentimento que me invadira: traído, roubado, mãos vazias... e a Gestapo fora, rondando pela cidade.

Perdi completamente a confiança em Leszek. Para mim ele era um polonês anti-semita e provavelmente me trairia novamente. Poderia entregar-nos aos alemães. Pensando que nunca gostara de viver de favores, tinha saído cedo de casa contrariando meu próprio pai e vivera sozinho até aquela data, sem dever nada a ninguém. Sendo assim, cheguei a uma conclusão: Leszek era como qualquer polaco, filho de um juiz polonês anti-semita.

Apesar de me ajudar a fugir e de me acolher em sua casa, só mantínhamos laços de amizade por causa dos negócios, nada tínhamos

em comum além do dinheiro. Resolvi sair o quanto antes do apartamento. Olhando o céu, as nuvens límpidas no horizonte, lembrei-me de um ditado de meu povo: "O céu não permanece sempre com nuvens negras. Elas somem, o céu clareia...". Virei-me e olhei para Leszek, sentado, cabisbaixo, quieto. Paulina surgiu arrumada, transpirando vida, elegância.

– Ainda nervoso? – ela perguntou.

– Sim.

– Café?

Na Polônia inexistia um café de verdade, mas, apesar dos pesares, aceitei tomar um café meio aguado. Ela foi até a cozinha, voltando com uma caneca de café que Leszek fizera logo após levantar-se. Eu bebi silenciosamente, fitando-os. Pensei mais uma vez: "É preciso cair fora desta casa, logo!". A intuição outra vez.

– Obrigado, querida, pelo café. Agora preciso sair.

– Cuidado com os alemães – ela me advertiu.

– Sim, Moshe, cuidado com eles – murmurou Leszek cabisbaixo, parecendo arrependido do que fizera.

Tinha sido enérgico com Leszek. Afinal, pensei que ele queria realmente nos ajudar, mas agora não conseguia mais tirar da cabeça a idéia de sair o quanto antes daquele apartamento.

Ao chegar à rua comecei a andar: passos firmes, cabeça erguida, corpo ereto, camisa fechada no colarinho, assobiando, parecia um polonês. Os olhos, todavia, pareciam holofotes, para detectar alemães, ou poloneses traidores, enfim, para evitar problemas.

INTUIÇÃO, VELHA COMPANHEIRA

Anjo da guarda, dizem, todos nós temos. Intuição, sexto sentido, desconfiança ou sensibilidade, variam de ser em ser. Há os que têm premonição. Pensava tumultuadamente nesses assuntos e procurava uma solução. Crianças atravessaram a rua carregando cadernos e livros escolares e foi neste instante que tive uma espécie de revelação:

– Stefan! Stefan!

Lembrava-me da maior livraria de Varsóvia, onde trabalhava Stefan, meu amigo, um de meus primeiros fregueses. Antes da guerra ele comprava ternos, calças, sapatos, roupas e depois sabonetes. Resolvi procurá-lo, embora minha intuição dissesse que Stefan também poderia ser um anti-semita disfarçado. Mas, pensei: em alguns casos, as pessoas poderiam se proteger aparentando ser anti-semitas, para não serem suspeitos de ajudarem os judeus. Era uma "lógica torta", mas era uma lógica.

Stefan morava próximo à livraria. Apertei a campainha e aguardei em silêncio. Ouvi passos dentro da casa, a porta abriu-se:

– Você?

– Sim, Stefan, posso entrar? Podemos conversar?

– Claro! – Stefan abraçou-me, lívido.

– Venha, entre! – conduzindo-me a um quarto, trancou a porta.

Eu estava em dúvida. Afinal, ele era um anti-semita? Poderia me denunciar? Pensei que tinha cometido um grande erro, mas raciocinando rapidamente, inventei uma história:

– Estou trabalhando na reconstrução da cidade. Eles tiram a gente do Gueto de manhã para o trabalho e no fim do dia nos levam de volta para lá. Aproveitei e dei uma escapadinha para vir visitá-lo. Precisarei voltar à tarde.

– Retornar? Não. Você não retornará. Eu não o deixarei fazer isso. Fique fora, vingue-se dessa raça de bandidos, criminosos. Eu o ajudarei!

Fiquei extático, boquiaberto com o que acabara de ouvir.

– Fique calmo, Moshe. Tenho raiva dos nazistas, mais raiva do que você pode imaginar – explodiu Stefan em voz abafada, como se quisesse evitar que sua esposa ou os filhos, que estavam na outra sala, o escutassem.

– Acredito em você, Stefan, quem convive com eles jamais poderá amá-los. Infelizmente só se pode odiá-los. Contrariando os ensinamentos de D-us e de Moisés, só podemos odiá-los – suspirei.

Olhei Stefan que murmurava, desabafando, em voz angustiada, nervosa:

– Um dia estava caminhando pela rua. Tinha minha pasta na mão e fui abordado por uma patrulha. Um dos soldados gritou: "Ei, judeu, judeu!". Continuei caminhando, pois eu achava que não seria molestado e nem respondi, nem sequer olhei para trás. Foi aí que um soldado muito alto e forte me agarrou por trás e disse: "Judeu, não ouviu chamá-lo?". Eu me voltei para ele e disse que não era judeu. Nem terminei de falar e já estava apanhando. Primeiro começaram a me bater na cara e depois partiram para o estômago, pernas e todo o corpo. Tomava socos e pontapés de todos os soldados da patrulha. Levei até pisadas nas costelas. Tentava falar que não era judeu e, quanto mais afirmava, mais apanhava. Desmaiei de dor. Moshe, você acredita? Não agüentei de dor

e desmaiei, caí duro na calçada. Os alemães saíram dando gargalhadas. Pelo menos foi o que me disseram quando acordei no hospital. Fiquei internado dois dias, para exames, e foi pura sorte não ter sofrido nenhuma fratura ou hemorragia... Esses nazistas, Moshe, são uns covardes! Bárbaros covardes! Sujos...

Eu o olhava, olhava e comecei a ficar com dó, entristecido.

– Eu os odeio. Odeio! Vou ajudar você, Moshe!

Violência, muita violência, o pouco caso, a humilhação perpetrada pelos nazistas indiscriminadamente transformaram-se em bumerangues contra os alemães. A Resistência crescia em todos os países ocupados pelo III *Reich*.

Stefan, polonês, católico, que eu achava que era anti-semita, transformara-se em antinazista e resolvera me ajudar. Stefan era um tipo de gente e Leszek, outro. Jamais poderia confundi-los, jamais. Contei que estava com Paulina fora do Gueto, sem rumo, sem esperanças.

– Volte em dois dias – disse-me Stefan – e eu farei tudo o que estiver ao meu alcance.

– Combinado.

Fiquei mais seguro. Despedimo-nos.

Nas ruas assobiava para disfarçar meu nervosismo, mas estava muito atento, afinal, as ruas eram território de caça... caça aos judeus. Fui caminhando até a casa de Leszek, entre alegre e preocupado. Um pensamento me atormentava: "Saia de lá, saia... cuidado com Leszek!".

– Moshe, amor, que bom que voltou logo! – Paulina abraçou-me e beijou-me na face e nos lábios.

Retribuí entusiasmado, abraçando-a com força e com um beijo prolongado. Embora indócil, preocupado, fiquei excitado ao resvalar no corpo da amada.

– O que tem você? – quis saber Leszek.

– Eu? Ahmmm, nada, nada. Só pensando no que fazer, como fazer, afinal estou sem dinheiro.

Leszek virou-se e foi para o seu quarto.

Na verdade, eu estava inquieto, não conseguia controlar-me devidamente. O medo me perturbava. Passei dois dias sem dormir, ansioso e angustiado e vagava em silêncio meditando pelo apartamento. Havia algo de mistério no ar... olhava Paulina dormindo, seminua, com a camisola da mãe de Leszek. Ela se remexia na cama, e a camisola, no seu doce ritual, deixava descobertas as lindas coxas e, por vezes, desnudava partes íntimas que se ocultavam por trás de uma calcinha de algodão. No escuro do quarto eu andava de um lado para o outro, indo até a sala fumar e voltando para apreciar mais um pouco o corpo sensual. Aproximei-me e delicadamente a cobri com o lençol que estava no chão. Embora excitado, mantinha-me comportado, sem ânimo suficiente para o amor. Sempre a respeitara e tencionava possuí-la somente no momento certo, depois do casamento, possuí-la com intensidade, com mais segurança. Ali, sentia-me inseguro.

– Linda Paulina, minha noivinha amada!

Cobrindo-a, admirava suas lindas formas esguias, o seu bonito rosto, a meiguice e a singeleza. Ela ressonava serenamente qual criança, talvez, por estar ao meu lado.

Olhei-me no espelho da sala e senti-me envelhecido. Parecia que, no tempo do nazismo, um ano valia por dez! Amadureci e, olhando Paulina, a moça dos meus sonhos, resistia à tentação da carne. Não sabia se no dia seguinte estaria vivo, mas preferia admirá-la, sem contatos sexuais.

Eu não era disciplinado, mas religioso, e respeitava as tradições. Fitava minha noiva singelamente, enquanto os primeiros raios de sol entravam pela janela.

Fui até a casa de Stefan conforme o combinado.

– Arrumei esta certidão de nascimento para você – anunciou Stefan, tirando do bolso o valioso documento.

Estávamos no quarto, longe da mulher e das duas filhas de Stefan que ficaram na sala. Para elas, Stefan dissera que eu era apenas um amigo, deixando de dizer que eu era judeu e que fugira do Gueto. O segredo era a única e melhor arma dos fugitivos, pois os nazistas, ao interrogarem pessoas próximas, escolhiam as mulheres e crianças, que, sob torturas psicológicas ou físicas acabavam por denunciá-los. Assim, quanto menos pessoas soubessem das coisas, melhor, pensei com meus botões.

– Você nasceu em Lwów, distante de Varsóvia, e agora sob o domínio dos russos. Ninguém poderá checar, é impossível. Seu nome a partir de hoje é Stanislaw Rozanski, católico praticante. Ah! Coloquei a data de nascimento como você queria: 11 de julho, aí está – e me abraçou sorrindo.

– Muito obrigado, Stefan. Nem sei o que dizer...

– Nada a agradecer, amigo. Agora é mais fácil tirar a carteira de identidade. Vá logo e volte amanhã, que estou tentando alugar um quarto para você e sua noiva. Lá mora uma viúva, e eu disse a ela que você é de fora, está fazendo negócios e precisa ficar uns dois meses morando em Varsóvia. Acho que ela vai aceitar.

– Ótimo!

Nós nos abraçamos e eu corri de volta ao apartamento de Leszek para contar a Paulina as novidades. Pedi-lhe para não dizer nada a ninguém, para ficar calada. No dia seguinte, depois da primeira noite bem dormida, acordei bem mais tranqüilo e retornei à casa de Stefan.

– Tudo certo – me disse Stefan. – Vá procurar a viúva e mude-se. Tome este dinheiro para recomeçar a vida. Devolva quando puder, não tenha pressa e... apareça quando quiser.

– Muito obrigado, Stefan. Muito obrigado mesmo. Eu virei pagar a você, pode crer no que digo.

Rumei para o apartamento da viúva, levando "minha" esposa. A viúva mediu-nos de alto a baixo e concordou.

Fomos ainda, uma última vez, até a casa de Leszek.

– Leszek, obrigado por tudo, mas vamos nos mudar hoje.

– Por que a pressa?

– Leszek, você é bom sujeito, mas seus pais podem voltar de repente. E aí, como ficamos nós? Seu pai pode me reconhecer.

– É verdade. E meu pai tem a fama de ser um juiz duro!

– Sinto muito, amigo, até breve – falei.

Paulina e Leszek abraçaram-se carinhosamente e ele disse, emocionado:

– Sejam muito felizes.

Na verdade, pensei, Leszek era uma boa pessoa. A porta fechou-se, e eu e Paulina fomos para o novo lar, novo esconderijo em Varsóvia. Juntos carregamos uma pequena maleta de couro claro que eu comprara. Precisávamos aparentar, ao menos, ter bagagem. Na verdade era tudo o que tínhamos. Era mais uma peça irônica, esta de fingir que tínhamos pouca bagagem. A verdade é que realmente tínhamos pouca bagagem, mas era preciso fingir que era pouca bagagem...

A viúva nos recebeu desconfiada e acho que não percebeu que éramos judeus. Nada falou. Mostrou-nos o quarto e indicou onde ficava o banheiro e eu lhe adiantei um mês de aluguel. A noite caiu e da janela podia-se ver uma parte da cidade quase sem movimento. De repente ouviam-se as estridentes sirenes dos carros da Gestapo patrulhando as ruas e soldados, em grupos ou pares, parando pedestres e exigindo documentos. O sistema policial era implacável e duro na caça aos fugitivos e procurados da Resistência polonesa.

– Amor, estamos salvos graças a você! – Paulina aproximou-se da janela, parando ao meu lado, segurando minha mão esquerda. Em silêncio, mãos dadas, olhávamos a rua, o horizonte.

– Em que está pensando, querido?

– No fim disto tudo. Como terminará? Penso no Gueto, na perseguição, na guerra, na minha música... será que ainda poderei compor?

Ontem mesmo senti uma vibração estranha misturando-se em acordes: barulho de botas, tropas, o brilho das estrelas, minha respiração, as luzes, o raiar do dia... Será que conseguirei transformar tudo em música? – olhei-a e apertamos as mãos.

– Poema de amor! – disse orgulhosamente.

– Poema de amor?

– Sim, querida, poema de amor... apesar do nazismo. Ah, se eu conseguisse transportar para a música o que sinto! Saudades da minha mãe, da minha infância, lá longe, nos meus 7 anos. Ela deve estar no céu. Olhe o céu... como é lindo! Suave com as estrelas, as nuvens bailando... um balé cheio de figuras... E lá longe, quando o céu se encontra com a paisagem, as árvores, os pássaros gorjeando... E quando parece que o céu se encontra com o mar... vida! O amor! A sensação de que somos nada diante da imponência da natureza... Por que tanta crueldade humana? Não consigo entender.

– Poema de amor, Moshe. Realmente deverá ser uma linda música e um dia você a tocará para mim...

Abraçados, num beijo ardente, sentimos a pulsação um do outro. Sob a tênue luz da rua e o céu límpido como testemunha, fui conduzindo-a para o leito. Meu coração dizia que o momento era aquele, deixaria de lado as tradições. Começou em mim uma dúvida atroz: e se a gente não pudesse casar? E se fosse preso por uma patrulha e, mesmo sendo "Stanislaw Rosanski", me fuzilassem por achar que parecia judeu ou que pertencia à Resistência? Achei que o momento era aquele. Queria possuir Paulina naquele instante, naquele momento. Paramos junto à cama beijando-nos. Comecei a despi-la devagar, delicadamente, desabotoando-lhe o vestido longo, retirando-o até cair no chão. O saiote foi fazer-lhe companhia. As coxas bem torneadas, alvas. A calcinha de algodão, protegendo-a. Os mamilos, empinados sob o sutiã.

Os seios surgiram esplendorosos e os mamilos róseos enrijecidos, quando joguei o sutiã no chão. Ela, imóvel, enquanto eu lhe beijava os

mamilos e descia até o umbigo. Tirei-lhe a última peça. Paulina mostrava-se em sua esplendorosa beleza.

A pele branca, aqueles pêlos castanhos do púbis, o corpo trêmulo de ansiedade – abraçamo-nos no pulsar do desejo. As bocas coladas, primeiro com suavidade, depois com fúria. Como dois namorados, deitamos devagar para o ato sublime do amor. Ela não resistiu, abrindo-se inteira. Eu não resisti à visão do corpo e puxei-a para mim. Ela beijou-me.

Os pêlos se encontraram lentamente, corpos se aproximando. Ela sentiu a carne úmida tocando-lhe a pele e suspirou. Minha respiração, os corpos curvados, as bocas se tocando, olhos em fogo. Ajeitei-me entre as coxas. Os seios latejantes, os corpos se acoplando. As bocas grudadas, a ansiedade fazendo com que nos jogássemos um ao encontro do outro e a penetração quente, amorosa, ocorreu num instante de ansiedade, desejo, sensualidade. Não encontrei resistência e estranhei, mas Paulina apertou-se contra mim até suas paredes uterinas, que pareciam vulcão em explosão... Ela gemeu de prazer, sentindo-me inteiramente. Quando começou a mexer-se, agitando-se sob o meu corpo, lancei um grito, um lamento:

– Nãããooo... Não! Não! – eu gemi, quase chorando, afastando-me num tranco, debatendo-me no limiar da explosão, umedecendo as coxas dela.

Saltei da cama, nu na meia-luz. Andei até a janela, procurando palavras, num esforço supremo para manter a calma, o corpo inteiro tremendo. Ao virar-me, lá estava ela, nua, olhando para o chão:

– Por quê? Por que não me contou que não era mais virgem?

Aproximei-me da cama falando baixo, para evitar que a viúva escutasse. Paulina, chorando, puxou o lençol e cobriu o corpo.

– Por que, Paulina? Eu sempre disse que aguardaria você. Nunca exigi nada, pensei também que você iria me aguardar...

– Perdoe... eu... eu...

– Quem foi? – falei um pouco mais alto do que deveria.

– Foi... lá no Gueto... na fábrica... as camisas... eu ia entregar as camisas...

– Max? Foi Max. Foi naquele dia que encontrei você na porta da fábrica e você disse que esperava uma amiga... E a moça apareceu lá em cima e gritou: "Max não está aqui!..." Lembra? A sua amiga estava lhe dando um recado, não é? Ela se dirigiu a você! Max... foi ele?

– Moshe...

– Não fale!

– Moshe... eu sempre amei você! Mas sempre que... eu ia entregar as camisas... Max me agradava, tentava me conquistar... um dia ele me beijou no rosto, me elogiou... Quando eu ia embora, as moças me contavam coisas... os namorados... o que eles faziam com elas. Eu... eu... Moshe!

– Calada, não fale... eu também vivia excitado por você...

– É isso, excitada... Um dia Max, no fim do expediente... eu entreguei as camisas, ele demorou, deixou todos irem embora e depois me pagou... A fábrica vazia, ele me beijou no rosto... Ah, eu tentei sair... ele me puxou pela cintura, me apertou, beijou na boca forte... eu fiquei tremendo, tremendo... fiquei com medo, Moshe...

Eu estava a ponto de chorar. Era a guerra, era eu, era Paulina.

– Ele pulou em cima de mim, me violentou, o canalha me violentou... me beijava loucamente, levantou minha saia, e eu fui ficando sem forças, lenta... eu amo você, amor, só você, amor...

– Me ama? Mas deixou o Max te desvirginar... ficou farreando com ele... Agora me lembro: você foi procurá-lo naquele dia da fuga, para novo encontro, para se despedir dele, não é verdade?

– Não... Moshe...

– Paulina, não diga nada. Não me conte, não me diga mais nada. Enquanto eu tentava ganhar dinheiro, trabalhando, pensando em tirá-la do Gueto, amá-la, você e Max... Foi por isso que não ficou comigo quando apanhei tifo... Ah, Paulina! Fui ingênuo mas aprendi que um

amor deve ser casto, sincero, honesto, leal. Amor casto, amor virgem, reservados um para o outro... Não foi isso que nos ensinaram?... A guerra precisava mudar tudo? Por quê? Os alemães violentaram, estupraram nossas mulheres, abusaram delas, algumas morreram de tantos homens que... que... e você? Precisava dormir com Max? Em troca de quê? Dinheiro? Roupas? Amor? Poderia ter me contado... deveria...

Paulina me olhava e chorava. Eu também a olhava e chorava.

– Eu não vou te abandonar... vou ajudá-la a sobreviver... depois de te amar tanto não saberia odiar.

Só isso me faria continuar ajudando Paulina. Eu jamais lhe pediria sexo, nem a qualquer outra mulher, em troca de minha ajuda.

Vamos continuar juntos, dormindo juntos, mas de agora em diante sem intimidades – e vesti o pijama.

– Moshe!... – foi o que ela respondeu entre lágrimas, ocultando o rosto.

– O meu castelo de amor ruiu... mas não minha música. Um dia irei compô-la. Poema de amor, grande poema de amor...

Deitei-me. Ela foi ao banheiro e, ao retornar, veio de camisola. Sob a luz, percebia-se, estava nua por baixo. Deitou-se ao meu lado. Eu estava arrasado, triste. Demorei a dormir.

Às noites, dormia só do lado direito. Não queria voltar-me para o lado dela. Não queria esbarrar naquele corpo sensual, mas que fora conspurcado, violado.

– Ah, Paulina... Paulina... – suspirei, olhando o céu pela janela que deixara aberta. Fazia frio, mas precisava respirar. Ainda balbuciei:

– Você me traiu, me enganou, nem sei o que falar. Minha decepção é grande, a dor que sinto... Acho que você jamais entenderá os meus sentimentos...

A ROTINA

Stefan se tornou meu amigo, meu novo irmão. Quase diariamente nos víamos. Corrigia quando eu falava polonês com sotaque judaico, num ritmo rápido, pois os judeus falavam polonês quase que "cantando". Preveniu-me de que, se não melhorasse meu jeito de me expressar poderia, num interrogatório, por exemplo, ser acusado de ser judeu e ainda portando documentos falsos. Era uma condenação à morte, com certeza.

Stefan me incentivou também a voltar a produzir cigarros porque era negócio certo, dinheiro em caixa. Com um quilo de fumo eu conseguiria produzir mil cigarros. Os cigarros passariam a ser vendidos um a um e os maços renderiam ainda mais dinheiro, como já ocorrera no Gueto. Eu ainda estava muito abalado com a decepção amorosa que sofrera, andava abatido, tentava reagir, acordar de bom humor, mas o coração... e ainda acordar e ver Paulina ao meu lado...

Persistente, fui produzindo cigarros, primeiro sozinho. Depois encontrei uma senhora que, ansiosa por ganhar dinheiro, concordou em produzir mil cigarros, por dia, em sua casa. Eu lhe fornecia o material e o fumo. Mais tarde, ela me apresentou uma amiga, e a produção aumentou ainda mais. A rede aumentou, famílias inteiras vinham falar comigo, Stanislaw Rosanski, para poderem trabalhar na confecção de mais cigarros, e o dinheiro começou a entrar rapidamente. Combinei

com o fornecedor a entrega direta do fumo na residência das pessoas que queriam produzir meus cigarros, pois assim a bola de neve financeira não pararia de crescer.

Assim, numa bicicleta-táxi (*riksza* ou *riquixá*), muito usada em Varsóvia, eu entregava os cigarros, percorrendo a cidade em várias viagens, quilômetros e quilômetros com vento na cara, desviando de possíveis patrulhas. Depois, voltava e telefonava para combinar os negócios do dia seguinte.

Eram distribuídos, primeiro, dez quilos de tabaco, significando dez mil cigarros por dia. Como, às vezes, as famílias tinham mais de duas, três pessoas, elas produziam 3.400 cigarros ao dia. Quando percebi, estava produzindo e vendendo 30 mil por dia. A produção aumentava e os almejados 40 mil por dia foram atingidos após dois meses. Foi o auge do negócio: o fornecedor me distribuía 40 quilos de tabaco, diariamente. Mas o negócio era arriscado. Eu vivia em tensão nervosa permanente, pois os cigarros começaram a rarear na cidade e se os alemães pegassem alguém com mais de 200 gramas de fumo, prendiam-no. Era a lei da selva. Imagine-se, então, um entregador que, distribuindo 40 quilos diários, fosse pego e me denunciasse. Era fuzilamento na hora. E se uma das dezenas de mulheres que produziam os cigarros resolvesse também dizer que eu era o chefe daquela operação toda? Acho que me fuzilariam duas vezes... ou por ser judeu, três??? Sim, o povo judeu sempre viu humor em situações trágicas, e eu não poderia escapar daquela sentença paterna: "Nós não podemos fugir de nós mesmos... Nosso destino não nos deixa escolha...". E apesar da escassez de cigarros oficiais na praça, todo mundo fumava. Guerras e cigarros sempre se deram bem...

Nessa atividade intensa, nesse frenesi de receber o tabaco e produzir os cigarros, vendendo, ganhando dinheiro, trocando-o às vezes por outros produtos, lembrei-me certo dia de meu amigo Leszek, o po-

lonês filho de juiz, que me ajudara a fugir do Gueto. Apesar de tudo, eu lhe era grato, muito grato e reconhecia que Leszek, apesar de ter-me deixado sem nenhum tostão, porque "gastara com a noiva", era um sujeito bom. Decidi ir visitá-lo. Quando estava no saguão do prédio, o zelador me perguntou:

– Aonde vai o senhor?

– Visitar Leszek.

– Leszek? Não vai não.

– Por quê? Ele não está, mudou-se?

– Leszek está morto e enterrado – respondeu o porteiro, sério, mas com o semblante triste.

– O que aconteceu? – perguntei tremendo, sobressaltado.

– Os nazistas invadiram o prédio. Bateram à porta. Leszek atendeu, abriu e pum-pum... pumpumpum... metralhado.

Espantado, tremia, olhando o porteiro, em silêncio.

– Mataram, carregaram, enterraram.

– Por quê?

E pensei: será que os nazistas tinham descoberto que Leszek me ajudara a fugir do Gueto? Mas, se tivesse sido assim, iriam torturá-lo para revelar meu paradeiro.

– Resistência, Resistência... ele fazia parte da... Psiu! – Me fez um sinal com o dedo indicador levado à boca, chamando-me para perto:

– Ele era um dos membros mais ativos da Resistência... só que disfarçava muito bem... um de seus amigos foi preso e torturado, não resistiu e acabou entregando Leszek. E... Leszek, entregou outros... Você sabe que os nazistas torturam... torturam... e o sujeito que resiste morre, não fala mais. Os mais fracos falam... alguns fazem acordo, falam... e eles acabam matando também. Quando chegaram para prendê-lo, seis deles subiram as escadas e os outros seis ficaram vigiando a entrada. Eu só ouvi, ra-tá-tá-tá-tá, pum-pum-pum... Depois desceram com o corpo arrastado pelas pernas, escadaria abaixo. Sujaram tudo de sangue. Acho

que Leszek, arrastado no saguão, ainda vivia... olhos abertos, arregalados! Parece que o vejo ainda... Foi jogado num caminhão... maldita guerra! E você?... É da Resis...

Nem o ouvi terminar a pergunta e já chegara à rua, andando vagarosamente. A minha intuição me salvara novamente. Entendi o porquê daquela ansiedade em sair apressadamente do apartamento de Leszek. Agora eu sabia quem era a "namorada" de Leszek e onde fora parar o meu dinheiro. Pobre Leszek! Grande Leszek. Na rua mesmo rezei por ele, pedi por sua alma e ainda disse em voz alta, lágrimas correndo e olhando para o céu:

– Obrigado, D-us, obrigado!

MUDAR DE NOVO

Voltei rapidamente ao apartamento e relatei a Paulina, em voz baixa, o que acontecera com Leszek. Ela não conteve o choro. O que fazer agora?

Continuamos morando no mesmo local, mas os olhares inquisidores da viúva me incomodavam. Talvez estivesse desconfiada de algo. Uma noite ouvi ruídos e percebi que a velha parara bem junto à porta do nosso quarto. Empostando a voz, comecei a falar com Paulina:

– Amor... vamos dormir... você quer? Você quer fazer...

– Amor? Claro... – a voz de Paulina demonstrava ansiedade, achando que eu a desejava mesmo.

– Prepare-se... – e apontei o dedo em direção à porta. Paulina entendeu e nós dois ouvimos passos e percebemos que a viúva se acomodava junto à porta.

– Geme, geme... – eu sussurrei ao ouvido de Paulina. Começamos a gemer como se estivéssemos em plena festa carnal, e Paulina deu um toque especial ao enredo, me enlaçando e suspirando ao meu ouvido. Queria me ter, de verdade, dentro de si e me provocava.

– Gostosa... Maravilhosa... – eu gritava, como se estivesse grudado nela. Não demorou muito e ouvimos passos se afastando da porta.

No escuro, enquanto fumava um dos meus cigarros, lembrei-me da ajuda de Stefan. Ele conseguira até uma certidão de nascimento para Paulina, agora Zofia Jasinska, nascida em Lwów. Mas continuava preocupado com a senhoria. Ela me despertava desconfiança. Confuso, decidi que era a hora de sairmos daquele apartamento. No dia seguinte iria procurar Stefan e ver se ele ajudava. Paulina estava a meu lado e dormia como um bebê.

– Eu dou um jeito nisso, prepare-se para mudar imediatamente – disse Stefan. – Arrume uma desculpa e deixe o resto comigo.

Stefan continuava gerenciando a livraria, mas era também proprietário de uma loja de artigos variados, inclusive caixas de papelão que serviam de embalagens para os cigarros que eu produzia. Graças ao amigo, que tinha grande relacionamento social e comercial, minhas vendas aumentavam substancialmente. Eu e Paulina continuamos morando por algum tempo no apartamento da viúva. Fingíamos o tempo todo, simulando sexo, causando um misto de espanto e inveja na mulher, que nos media de cima a baixo cada vez que saíamos para a rua.

– Stanislaw, arrumei um lugar seguro para vocês. Terão que ir a Konskie – falou Stefan. – Ficarão na fazenda de um amigo meu. Ele me fornece leite e queijos. Fique tranqüilo.

A duas horas de Varsóvia, Konskie era um lugarejo tranqüilo, cheio de árvores e gente pacata. A fazenda ficava a dois quilômetros do centro. O caseiro, um polonês alto, de bigodes espessos, nos recebeu cordialmente.

– Eu já os esperava. Stefan falou comigo. Só que... há um problema...

– Qual?

– O quarto, não tem cama de casal.

– Ora, isso não é problema.

Zofia soltou uma gargalhada. Caminhamos rumo ao quarto, cheio de janelões de madeira, porta também de madeira, alta, e assoalho de tábuas grossas e compridas.

– Vocês podem encostar as camas de solteiro e... ficam mais perto e... não há perigo de caírem... Ora, vocês sabem o que quero dizer...

O polonês riu maliciosamente, medindo Zofia de alto a baixo e olhando para mim com inveja.

– Claro, claro... sabemos – respondi, sério, e o polonês foi saindo.

– Bom, se ficarem mal acomodados... podem fazer no chão e depois dormir na cama – completou o polonês sorrindo, fechando a porta atrás de si.

Ninguém poderia supor que os dois não eram casados.

– Aqui estaremos seguros por algum tempo – murmurei após trancar a porta.

Era mais uma ironia: poderíamos ter um relacionamento mais íntimo, mas eu não queria. É claro que eu ainda amava Zofia, mesmo depois da "revelação" e do choque da desilusão. Eu não poderia deixá-la, era responsável por sua segurança e não me furtaria a essa determinação. Afinal, tinha sido eu que a convidara para sair de casa (se tivesse permanecido na casa dos pais talvez estivesse morta) e, sendo assim, decidira que a protegeria até o fim da guerra, até o fim dos dias, se preciso, e só a deixaria quando ela estivesse em absoluta segurança.

Os dias pareciam semanas na fazenda. Ajudávamos a carregar leite, cuidávamos da alimentação das vacas e nos céus os aviões alemães que iam a Varsóvia ou que de lá voltavam. O fazendeiro e os capatazes ficavam nos admirando, embevecidos com o casal apaixonado. O importante naquele momento era sobreviver e proteger Zofia.

Sentado, olhando para o céu azul, os pássaros e os animais pastando, a figura de meu pai vinha sempre à minha mente: silencioso, o

pai cabalista, profundamente religioso, que pensava mais na alma do que no corpo. Lembrava também dos meus irmãos que, com barbas compridas e boinas, já não podiam mais fugir. Talvez alguns já não estivessem mais vivos. Me lembrava também que, após a morte de mamãe, tudo começou a desmoronar, justamente porque o pai, indiferente aos bens materiais, se desfazia das antigüidades da loja, vendendo-as a preços irrisórios, empobrecendo e comentando com os filhos e amigos: "Quanto mais coisas boas dermos ao corpo, pior estaremos fazendo às nossas almas".

Eu sentia, nesses momentos no campo, nesse contato com a natureza, que a transferência da força espiritual do pai me invadia, mesmo sabendo que, quando vivo, desejava que eu seguisse o exemplo de Maimônides. Mas um Maimônides não nasce todo dia. Embora acatando e seguindo os dogmas e mestres, respeitando a formação talmúdica (*uma das interpretações da* ***Torá***) e espiritual, gostava mesmo era de música e realmente, reconheço, não me dedicara aos estudos cabalísticos para seguir os caminhos daquele sábio judeu, cujos exemplos e ensinamentos perduram e perdurarão pelos séculos, transmitidos de geração em geração, como herança do meu povo.

Na loja de Reb Aharon, além das antigüidades, famosas em toda Varsóvia, havia também instrumentos musicais e violinos especialmente raros e de marcas famosas, mas que eram guardados em sua casa. Normalmente, após o **Shabat**, o pai escutava, num velho gramofone, músicas chassídicas – em iídiche – e eu, garoto de 4 anos, ouvia atento, sentindo o despertar da vocação de músico-compositor.

Os interessados em comprar violinos se dirigiam à loja de papai e ele marcava os encontros em casa, para mostrar os instrumentos. Nesses dias, os músicos dedilhavam e experimentavam os violinos, para sentir a sonoridade, comprovar a qualidade e acabavam executando trechos de obras de Chopin, Mozart, Schumann, Beethoven. Eram momentos sublimes, de melodia pura e parecia que os violinos choravam

em certos trechos executados. As visitas eram constantes: duas, até quatro vezes por semana. Varsóvia, na época, era um centro cultural-musical que rivalizava com as demais capitais culturais, como Berlim, Paris ou Viena. Menino, deliciava-me com os acordes suaves e sublimes.

Um tremor passou-me pelo corpo e, olhando para o céu, agradeci a D-us e à minha formação. Tinha certeza de que a determinação e as intuições tinham vindo até aquele momento e era por isso que eu me mantinha vivo.

Se sobrevivesse jamais esqueceria de Leszek tirando-me do Gueto numa atitude nobre, pois colocara sua vida em jogo. Mostrou ser um polonês de fibra, corajoso e humano.

O "REBELDE"

Um dos meus tios, Simcha (*festa*, em hebraico), o irmão mais novo de meu pai e que tinha um carinho especial por mim, era um dos poucos que criticavam papai abertamente. Um dia vi o tio Simcha repreendendo o meu pai:

– O que deseja dele? É o mais novo, não é adulto ainda. Por acaso você cuida dele? Veja como ele anda... com sapatos furados, pisando na água da chuva, roupas sem botões, despenteado... O que você quer dele?

Eu tinha cerca de 14 anos, era órfão de mãe e ouvi a conversa por acaso. Reb Aharão lamentava-se:

– Queria que meu filho fosse... fosse mais aplicado... seguisse o bom exemplo de seus irmãos... Na verdade, Simcha, gostaria que ele fosse um novo Maimônides, uma cabeça privilegiada, pois afinal ele é o meu caçula. Quando consultei o rabino sobre o nome a dar a ele, me disse: "Moshe, que é Moisés, você sabe, é o primeiro nome de Maimônides..." Um filósofo da nossa religião! Eu queria vê-lo filósofo... mas ele só quer saber de música... é rebelde...

– Ele é seu melhor filho, Aharão. Você verá – respondeu o irmão.

Recordava o diálogo, emocionado. Ao interromper a lembrança, percebi que o dono da fazenda, à distância, olhava-me curioso.

– O que será que ele pensa de mim? Será que me traí? – pensei.

Sem sincronia, as bombas estouravam em Varsóvia destruindo prédios e pessoas. Os nazistas continuavam impondo o seu poderio. A meta era dominar o mundo. Lembrei de quando levava pão para papai. Quando fui pela primeira vez, papai me abraçou chorando. Tinha sido o único filho que se preocupara em levar-lhe pão...

A paisagem escurecia rapidamente enquanto relembrava passagens dispersas de minha trajetória desde a infância. O filho "rebelde" estava ali sentado, olhando o gado que pastava, as árvores, com Zofia ao lado. Calados...

Outra lembrança: 1939, o velho Aharon, o místico barbudo, saía para visitar amigos, clientes da sua loja, para tentar receber algum dinheiro dos devedores. Seus parentes avisavam:

– Aharon, cuidado, os nazistas! Vão acabar arrancando-lhe a barba. Quantos judeus já não foram humilhados, com as barbas arrancadas no meio da rua? Tenha cuidado! Não saia...

– Ora, fiquem tranqüilos. Nenhum nazista irá mexer comigo nem tirar a minha barba.

Um dia chegou em casa sereno. Sorrindo, reuniu os filhos e contou:

– Eu caminhava pela *ulica* Marszalkowska, quando um oficial alemão me parou. Eu o olhei dentro dos olhos. Ele, muito educado, me falou: "Senhor, sugiro que entre numa barbearia e corte sua barba. Isso evitará que sofra o corte pelas mãos de algum militar mais radical. Entende? Boa tarde, senhor. Até logo".

Papai não seguiu o conselho. Contou em detalhes a passagem, e sorriu como raramente fazia. Ficamos emocionados, olhos marejados. Ele sempre tivera razão. Morrera com a sua barba, na qual nenhum alemão jamais tocara.

Pensei nos meus irmãos: Alter, Rafael, Shia, Nathan, Shaie, Rachmil, Jacob, Balcia – única irmã –, Shulim, Arie, Nachman, Jochanan... Como estariam vivendo? Quantos tinham morrido? Alter e Jacob, pouco antes da invasão, haviam viajado com as famílias para a Palestina.

Peguei a mão de Paulina e fomos para o quarto. Sentei-me na cama e, voltando à realidade, senti uma couraça espiritual me envolvendo e a disposição de sair ileso da guerra:

– Hei de viver... – falei para mim mesmo.

Olhei para Zofia e comentei:

– Irei a Varsóvia amanhã. Preciso de mais dinheiro.

– Cuidado, Stanislaw, me prometa cuidado... – disse Zofia.

Fomos para o nosso quarto. Ela em sua cama, de repente, começou a soltar sons, palavras desconexas:

– Quero você, Stanislaw, te amo meu amor... – gemia, parecendo chorar.

Voltei-me, vendo a agitação dela sob as cobertas. Senti-me excitado, mas me contive.

– Ah!... Stanislaw, meu amor!

Eu a cobri e deitei-me. Impressionado, nunca vira uma mulher naquela situação, nem lera a respeito. Porém, decidira que o maior castigo para Zofia seria perdoá-la, protegê-la, fazê-la sobreviver, sem receber nada em troca. Caso fizesse amor com ela, estaria contrariando meus princípios e a dignidade de meus sentimentos.

– Stanislaw, eu amo você! – ela murmurou, mas se alguém passasse pela porta do quarto, ouviria.

– Ah! Eu também a amo! – respondi, fitando o teto, levemente excitado. Desde menino ouvira uma frase: "Ou se é homem, ou rato". Eu sempre agira como homem e era preciso ser muito homem para resistir aos encantos, à sensualidade que Zofia despertava em mim.

No dia seguinte, quando o trem chegou a Varsóvia, lentamente, ouvi da estação um barulho intenso proveniente das ruas. Ereto, disfarçado com boina, andando de cabeça erguida, percorri o corredor onde soldados alemães gesticulavam e gritavam. Havia jovens poloneses em posição de sentido. Ágil e sem pressa, pois um gesto, um passo mais rápido poderia me trair, cheguei à rua onde centenas de jovens, entre 18 e 20 anos, em filas, cercados por soldados nazistas, recebiam ordens em alemão e em polonês. Estavam sendo recrutados para trabalhos no campo. Era a chamada mão-de-obra gratuita para produzir alimentos, fazer colheitas, pois o III *Reich*, sozinho, não poderia suprir os povos subjugados e alimentar seus soldados espalhados pela Europa.

"Calma, calma... Moshe... você enganará os poloneses e os alemães e sobreviverá!"

Eram as palavras do pai. Estufei o peito e, num gesto arrogante, olhei para cima e, com passadas normais, fui seguindo ao lado dos alemães e poloneses. Ouvi ainda o apito do trem e um grito do oficial comandante:

– Marchem para o trem! Juntem-se aos outros que estão lá dentro! Depressa! *Heil* Hitler!

Os passos firmes ecoando no solo, nas escadas, um novo apito de trem. Observei os últimos jovens chegando à estação cercados pelos nazistas. Olhei o céu azul e agradeci a D-us em silêncio. Subi no ônibus e pensei: "Meu anjo da guarda está de plantão..."

Stefan não me esperava e isso me deixou um pouco apreensivo. Ir ao encontro de Stefan, procurá-lo em sua casa seria temerário. Talvez tivesse acontecido alguma coisa ruim. A morte de Leszek me perseguia. Esperando, ansioso, respirei aliviado ao ver Stefan chegar atrasado:

– Desculpe o atraso. Você está bem acomodado, Stanislaw? – salientou o nome para não chamar a atenção dos passantes.

– Muito bem! – respondi.

– Vamos aos negócios.

Stefan tratava-me com respeito, admiração até. Na verdade, Stefan sempre tivera lucro comigo, o amigo judeu, desde o tempo em que negociava com sabonetes.

– Stefan... – falei baixinho, e contei-lhe o susto da chegada à estação.

– Pobres rapazes. Os que resistirem sobreviverão e os que fraquejarem... – Stefan sacudiu a cabeça.

Em sua casa, sem a família presente, Stefan me serviu um chá. Eu agradeci e em seguida nos dirigimos à loja dele.

– Atenda os seus fregueses, Stefan. Depois conversamos... não tenho pressa – disse.

Deixei-o à vontade e permaneci num canto enquanto o amigo atendia à freguesia que chegava. Ao terminar, aproximou-se:

– E lá na fazenda, tudo em ordem?

– Sim, eles são ótimos... até agora. Comemos, dormimos, passeamos, ajudamos um pouco. Sabe, a gente não pode ficar parada, mas ontem meditei sobre minha vida... Fiz um retrospecto desde que perdi minha mãe... meu pai... a religião... o Gueto, meus irmãos, Zofia, Leszek... E resolvi que é hora de voltar a trabalhar... reativar.

– Eu o ajudarei.

– Novamente?

– Você é meu amigo, Stanislaw, é um sujeito honesto e direito. Eu lhe emprestarei dinheiro... compre tabaco e faça cigarros.

– Mais dinheiro? Eu não posso...

– Você me pagará, tenho certeza.

– E se me prenderem... me matarem?

– Também corro esse risco... estamos em guerra contra esses malditos nazistas.

– Stefan... você é realmente ótimo, mas para voltar a fazer cigarros preciso de um lugar... um quarto... um apartamento.

– Claro... Eu sei...

Falou-me de uma mulher que morava com os filhos pequenos. Fui procurá-la, mas o quarto só vagaria em duas semanas. Assim, resolvi voltar à fazenda e conversar com Zofia. A caminho da estação, pensei em encomendar o tabaco com negociantes que conhecia. Conseguindo um apartamento, teria o ponto de partida para o negócio e o ponto de referência para os fregueses. Precisava encontrar gente necessitada de trabalho. Entrei sorrindo na estação, pensando: "Em época normal todo mundo anda atrás de dinheiro... nesta guerra maldita, então, nem se fala..."

Parei no guichê e comprei a passagem para Konskie no trem que chegaria às 20 horas. Depois precisaria caminhar mais dois quilômetros em estrada de terra até a fazenda e é claro que correria perigo de ser interpelado por alguma patrulha nazista. Mas eu estava confiante. O trem partiu e ao meu lado sentou-se uma mulher de uns 40 ou 45 anos. Era muito simpática, gordinha, e logo quis conversar: coisas superficiais, o tempo, a situação dura da guerra. À medida que o trem se aproximava de Konskie, aumentava minha apreensão, pensando nas possíveis patrulhas.

– Mora em Konskie? – a mulher, curiosa, disparou a perguntar. Claro que ela sabia a resposta, porque num lugarejo pequeno como aquele todos se conheciam.

– Não, senhora. Estou hospedado, com minha mulher, numa fazenda. Sou recém-casado e quero ver se consigo pernoitar na vila.

– No centro? Não encontrará lugar...

– Eu não estou disposto a andar dois quilômetros no escuro, pode chover...

– É só por esta noite?

Gesticulei afirmativamente.

– Então, pernoite lá em casa.

– Em sua casa? Não haverá problemas?

– De forma alguma... Eu falo com meu marido e meu filho. Não precisa se preocupar.

O trem parou e rumamos para a casa daquela simpática senhora. Fui apresentado ao marido e ao filho que me receberam cordialmente.

– Há um problema apenas... Não temos quarto disponível... Só se o senhor dormir na cozinha... podemos colocar um colchão no piso e... – o marido olhava-me esperando a recusa da oferta.

– Tudo bem... – concordei.

E foi aí que cometi um erro. Jamais deveria ter concordado tão rapidamente, pois um polonês autêntico, católico, dificilmente admitiria dormir no chão. Um judeu, tudo bem, pois estávamos em situação delicada, sendo caçados como coelhos e não nos preocupávamos muito com o lugar onde dormir. Seguimos conversando e no jantar foi servido café com leite e pão. Percebi na mesa que o chefe da família me olhava com desconfiança, mas permaneci firme, fingindo uma frieza que até eu desconhecia.

– Boa noite, senhor Stanislaw.

– Boa noite...

Deitei-me no colchão estendido na cozinha. A luz permanecia acesa bem acima de meus olhos, impedindo o sono profundo. Acordava a todo momento, sobressaltado. Nem reclamei da luz acesa e esse foi o segundo erro: o conformismo, pois um polonês com certeza reclamaria do desconforto. Às seis horas, o anfitrião, vendo-me acordado, disse:

– O senhor me desculpe, mas vou precisar ver os seus documentos para apresentar ao delegado. Eu sou o comissário e...

Comissário era uma função nova criada pelos nazistas, um tipo de espião ou "dedo-duro" para colaborar com os alemães. O único documento que possuía era a certidão de nascimento que Stefan me conseguira. A carteira de identidade, a *Kenkarte,* criada pelos alemães, ainda não estava pronta.

– Só tenho esta, a *Kenkarte* ainda não chegou ao bairro onde moro.

Levou a certidão dizendo que iria falar com o delegado da polícia da cidade. Quando saiu, fiquei apreensivo, mas procurei manter a

calma, enquanto tomava café. Pela janela podia ver que a chuva aumentava, e os minutos pareciam horas. Raciocinando que fugir seria inadequado, decidi ficar, enfrentar.

Vozes lá fora e o delegado ao lado do comissário entrou na casa, com a certidão na mão. Olhei-o como se fosse um oficial polonês, "patriota", e dei um pulo para frente, estendendo-lhe a mão e batendo os pés:

– Bom dia, senhor, muito prazer!

O delegado, que na verdade não tinha cara de delegado, estava à paisana, vestia uma camiseta e estava de botas, barrigudo e parecendo uma fera. Fitou-me e, olhando novamente o documento, bradou, dirigindo-se ao comissário:

– Não! Este homem não é judeeeuuuuu! Imagine você me tirar da cama, com chuva, a esta hora, à toa!

Virei de costas tentando fazer o sinal-da-cruz no peito para impressioná-los.

Nervoso, o delegado xingou o comissário, cuja mulher e filho acompanhavam a situação. Furioso, leu:

– Stanislaw Rozanski, nascido em Lwów! – sentia-se frustrado e, olhando para o casal, gritou:

– Ele não tem jeito de ser judeu! Não tem jeito de ser judeeeuuu... Vocês estão errados!

Devolveu-me a certidão e eu que continuei ereto, altivo e aliviado, querendo pular de alegria, mas permanecendo frio. Virei-me para a família e disse, meio indignado:

– Eu sou judeu? Eu, judeu? Vocês realmente pensaram nisso? – repeti várias vezes, indignado e ofendido.

Silêncio no ar. Boquiabertos, os denunciantes, calados, viram quando o delegado, sem perder a pose de autoridade, estendeu-me a mão, apertando-a. Mais calmo, foi explicando:

– Desculpe-nos sr. Stanislaw. Eles erraram, pensando em acertar. Mas tudo bem, precisamos estar atentos para prender e punir os judeus.

– Eu sei, senhor. Nada a reclamar. O senhor cumpre o seu dever, precisa prender e castigar os judeus. Entendo!

– Correto, jovem Stanislaw! Aprecio a inteligência das pessoas! Bah, judeu!

O delegado retirou-se. No íntimo, eu me sentia aliviado, feliz, vingado da denúncia do casal e pela vinda do delegado. Mesmo assim gritei para o delegado:

– A inteligência é a alavanca que conduz o mundo, senhor delegado. E o senhor conduz com sabedoria e eficiência a sua cidade. Parabéns!

Da porta, o delegado voltou-se e disse:

– Que idiotice a de vocês... este jovem, judeu? – e saiu caminhando de barriga empinada, batendo as botas, altivo e orgulhoso de si por ter cumprido a sua missão.

– Desculpe-nos... – disse o hospedeiro, humilde, aproximando-se.

– De forma alguma. Desculpá-lo de quê? – eu olhei firme nos olhos dele, dela e do filho.

– Pelo que fizemos... nós ofendemos o senhor. Desculpe-nos...

– Os senhores apenas pensaram e agiram, nada a reclamar... Quanto lhes devo? – indaguei, colocando a mão no bolso da calça.

– Nem pense nisso. Nada nos deve. Se fosse judeu...

– Entendo... eu seria preso e o meu dinheiro ficaria com vocês...

– Sim, dividiríamos com o delegado.

– Correto. Posso ir?

– Claro, senhor Stanislaw – disse o hospedeiro, apertando-me as mãos. Saí, caminhando em direção à fazenda, com lágrimas nos olhos e lamentando: "Por que essa perseguição toda contra nós?".

A chuva parecia um bálsamo divino, molhando suavemente a minha cabeça, meus pensamentos e a natureza em volta.

A GESTAPO

Fui recebido com alegria por Zofia e pelo fazendeiro e lhes disse que tinha tratado de negócios em Varsóvia e que breve iríamos retornar. O hospedeiro disse-me que poderia ficar o tempo que desejasse pois, afinal, éramos amigos de Stefan. Agradeci.

Falando alto com Zofia, segurei-a pelo braço e beijei-lhe a face. Ela retribuiu roçando meus lábios, fitando os meus olhos e sorrindo. Ela me provocava sempre que podia. O fazendeiro também sorriu e se afastou.

Ficar mais alguns dias era necessário, pois o comissário e a mulher sabiam onde eu estava hospedado. Por sorte, aquele delegado era um perfeito idiota, pensei, e não poderia imaginar o que aconteceria se fosse investigado por um soldado ou mesmo por um oficial alemão. Eles eram muito bem treinados para reconhecer os fugitivos. Se desconfiavam de algum rapaz, não pediam documentos, avançavam violentamente contra o suspeito arrancando seus papéis e abaixando-lhe as calças. Ai do infeliz se fosse circuncidado! Para evitar suspeitas, decidi ficar com Zofia na fazenda por mais alguns dias. Os vizinhos e mesmo os camponeses nos olhavam desconfiados e, às vezes, gostavam de gritar e assustar uns aos outros:

– Olha a Gestapo!

Era uma brincadeira de péssimo gosto, pois ao ouvir essa palavra todos se sobressaltavam. Eu e Zofia, então, éramos tensão pura quan-

do ouvíamos os gritos dos "brincalhões". A Gestapo escolhia pessoas altas, fortes, treinadas para a tirania, que andavam fardadas de azul-escuro, sempre com revólveres, metralhadoras, chicotes e grossos cassetetes. Não indagavam. Batiam primeiro, perguntavam depois. E batiam firme, principalmente em judeus e não judeus. Centenas de poloneses sofreram em suas mãos. Dos vários agrupamentos nazistas, a Gestapo era a mais temida. O seu quartel-general ficava na antiga escola do médico e educador Janusz Korczak que, despejado, cuidava de duzentas crianças carentes do Gueto de Varsóvia. Achava-o um herói. Ainda acho.

Os dias foram passando, e eu e Zofia nos tratávamos com meiguice e carinho, principalmente na frente dos outros, parecendo um casal em lua-de-mel constante. Causávamos inveja e excitação nos espectadores, que imaginavam como eram quentes as nossas noites.

Mal sabiam que, dia sim, dia não, apenas teatralizávamos nossas relações sexuais e talvez essas performances fossem melhores do que uma relação normal. Percebíamos que nos escutavam atrás de portas e janelas, isto é, nosso teatro tinha público, casa cheia a cada dois dias. Fingíamos para sobreviver. Qualquer desconfiança seria fatal.

Zofia, propositadamente, luz apagada, deitava-se nua, afastando as cobertas e falando languidamente:

– Stanislaw... meu amor, vem.

De soslaio eu a via nua jogando as cobertas de lado e, mesmo na sombra do quarto, podia perceber seu corpo esbelto e jovem.

– Vem, amor... vem amor... É a nossa última noite...

Houve uma pausa e murmurei para que os espiões ouvissem:

– Obrigado, querida... você é ótima! – como se agradecesse pelo momento erótico. Ouviram-se passos do lado de fora e risinhos, muitos risinhos.

TERRA, MATO E MEDO

Acordei de madrugada sobressaltado. Era minha intuição novamente trabalhando. Sacudi levemente Paulina e disse que precisávamos ir embora naquele momento, pois algo aconteceria nas próximas horas e bem perto de nós. Ela ainda disse que tínhamos combinado ir embora na hora do almoço, mas mesmo assim se levantou, arrumou-se e fomos saindo. Ela também confiava na minha intuição. Nós nos despedimos de alguns camponeses que já estavam indo ordenhar as vacas e pedimos que agradecessem ao proprietário os maravilhosos dias que passamos.

Todos começaram a rir e uma delas disse:

– Não só os dias, senhor, parece que as noites também foram maravilhosas...

Ah! Se eles soubessem...

De mãos dadas, pela estrada rodeada de árvores frondosas e pequenas touceiras, fomos caminhando com a maleta nas mãos. Zofia caminhava solta, numa velocidade maior do que a minha, olhando as flores campestres que esperavam a luz do sol, cujos raios iriam brilhar em poucos minutos iluminando a mata, a natureza divina. Por um momento pensei em Baruch Spinosa. De repente, barulho de motos. Paramos e assustados percebemos o barulho aumentar. Saímos da estrada e nos escondemos atrás de um pequeno morro com uma grande árvore

em frente. Vozes em alemão, abafadas por motores de motocicletas. Minha intuição estava afiada. Ouvimos:

– *Juden!* – como os judeus eram tratados pelos nazistas.

Ouvimos também os latidos de alguns cachorros. Pensei: "Venham alemães! Venham seus covardes! A minha intuição é mais forte que as suas metralhadoras" – e puxei Zofia mais alguns metros mata adentro, para perto de um roseiral, que exalava um perfume incrível, para que os cães se confundissem com os odores.

Deitamo-nos abraçados, corpos colados e silenciosos atentos aos sons das motos, aos palavrões e blasfêmias dos alemães e aos latidos dos cães. Nossos corações dispararam simultaneamente. Com certeza, os alemães estavam procurando judeus foragidos, também na pequena Konskie, para levá-los ao Gueto de Varsóvia. Consegui entender um pouco do que falavam e sussurrei para Zofia dizendo que alguns judeus tinham fugido de um vagão de trem e que poderiam estar escondidos naquela região.

– Se nos encontrarem, adeus – disse Zofia com o rosto sujo de terra e lágrimas nos olhos.

Coragem, querida! D-us nos protegerá! – e a apertei carinhosamente, beijando-lhe levemente a face. – D-us nos protegerá e eu a protegerei enquanto viver.

– Você não me odeia, Stanislaw?

– Não sei odiar, não poderia odiá-la, sempre a amei.

– E ainda me ama? – seus olhos brilhavam.

– Amo, por que iria mentir? – respondi com olhos atentos na estrada.

O ruído das motos aumentara, com algumas motocicletas partindo em direção à fazenda, outras para a cidade.

– Silêncio! – Voltei-me para ela que fazia um muxoxo com a boca, desejando um beijo.

Sorri e, triste, continuei olhando para a clareira da estrada, vendo vultos, ouvindo o falatório e o barulho infernal dos três motociclis-

tas que aceleravam as máquinas paradas. Os minutos se arrastavam, parecendo horas. O sol começava a mostrar a sua face. Zofia encostou-se mais em mim, temerosa. Ouvimos vozes vindas da fazenda, e um dos nazistas perguntando se havia gente estranha nas redondezas:

– Um casal saiu da fazenda faz pouco tempo. São poloneses recém-casados – disse um dos camponeses.

– Poloneses recém-casados? Tem certeza? – gritou outro alemão, diminuindo a aceleração da moto.

– Devem ser... eles... bem, eles... falavam polonês até quando estavam na cama... – e soltou uma gargalhada.

– E por acaso você ficava atrás da porta? – bufou o alemão que parecia ser o chefe.

O camponês baixou os olhos:

– Todo dia faziam amor; só podia ser um polonês ou ele era um super-homem alemão para fazer o que fazia...

– *Heil* Hitler! – Percebi os nazistas erguerem o braço em saudação e seu riso debochado, comentando o vigor sexual do polonês com a mulher bonita. Eu e Zofia poderíamos abrir um teatro depois da guerra...

– Vamos procurar judeus! – gritou um deles.

Aceleraram as máquinas e saíram em alta velocidade, levantando uma nuvem de poeira. Eu tinha contado quatro alemães, mas pelos ruídos percebi mais uns cinco. Estavam fazendo uma varredura da região e, pela lógica, achei que deveríamos continuar escondidos.

Zofia acariciou-me os cabelos, despertando-me do raciocínio pelo qual buscava uma maneira de salvação.

– Você está com medo? – a mão dela escorregou pela minha face.

– Um pouco... Na guerra todos têm medo... e nós mais ainda, já que somos perseguidos mesmo sem guerra...

– Esse cheiro de terra, de mato, das florestas! Estou excitada... Vem Stanislaw, vem para sua Zofia...

Ela se aproximou e fez com que eu me virasse para fitá-la, deitada de costas, olhando para o alto, para as nuvens, as copas das árvores!

– Não! Nada de intimidades...

Olhei-a demoradamente. Aquela mulher me excitava demais, mas permanecia atento ao ruído das motos se afastando. Poderiam aparecer outros... quem saberia?

– Pode ser que não tenhamos mais chances... Vem, meu amor... vem para a sua Zofia.

– Não! Chega!

– Pode ser a última oportunidade.

– Com você...?

– Comigo ou outra pessoa... Podemos ser apanhados, fuzilados, vem...

Embora a amasse, passara a ser somente uma amiga, uma grande amiga.

– Você me despreza!

– Eu a amo! – disse enquanto eu prestava atenção à estrada.

Deitei-me de bruços no chão, colocando o queixo sobre os braços cruzados. Olhos abertos, ouvidos atentos, só o silêncio. Ela quieta ao meu lado e o sol iluminando a mata. Ela cochilou. Se fôssemos apanhados, de nada adiantariam as certidões de nascimento. Ela não passava de uma garota assustada, no meio da guerra, das torturas, das crueldades. Ergui-me e, olhando para o céu, braços abertos, orei em voz baixa:

– Meu D-us, salve meu povo, pois se eu viver, contarei esta história para o mundo, a história do meu povo... a minha história... da nossa luta... nossos ideais... fé... para que, talvez, o mundo possa tirar uma lição... ou uma esperança, ou mais fé... quem sabe?! Tentarei levar a todos as palavras de meu pai... de minha religião... o judaísmo humanista... a todos. O amor que recebi de minha mãe... a luta por uma humanidade mais perto do Senhor, meu D-us!!

Sorri, alegre, ao recordar as palavras do sábio judeu Hilel: "Se você não for por você, quem será por você? E se você for só por você, o que é você?"

O "mundo-do-além, ***Olam Há-Ba***!, o mundo vindouro"... Quanto mais alta e nobre a moral do homem, tanto mais próximo estará de seu objetivo final – a redenção e a bem-aventurança do ***Gan Éden*** (Paraíso)!! ***Schechinah! Schechinah! Schechinah!*** (Divindade)! Presença inefável de D-us! Salve, Uriel... Uriel, príncipe da luz de D-us!! Salve os mestres rabínicos que aconselhavam no **Talmud**: "Se tens uma voz doce glorifica a D-us com o dom que Ele te deu. Entoa o **Shemá Israel** e guia o teu povo na oração".

Depois da reza, da reflexão, me senti fortalecido novamente.

– Paulina, acorde! Vamos! – falei baixinho, pois tivera um estalo. Sentira que uma voz vinda do infinito, suave, ordenara: "Agora!". Despertei Zofia, que, sonolenta, olhou-me tremendo.

– Onde estamos? – ela perguntou.

– No mato, vamos embora, rápido.

Levantamo-nos agilmente, sacudimos as roupas, pegamos a maleta e saímos para a estrada, mãos dadas, rumo à estação ferroviária. Quando atingimos o centro, íamos de braços dados, como namorados... Andar depressa despertaria suspeitas e os poloneses poderiam nos denunciar como fizera o comissário. A diferença é que a Gestapo andava pela cidade e uma denúncia nos colocaria a caminho da morte. Os nazistas, principalmente os da Gestapo, adoravam torturas... Zofia fatalmente seria violentada e morreria, vítima de perversidades.

– Duas passagens para Varsóvia! – disse imperativamente.

O bilheteiro destacou as passagens e estendeu a mão, entregando-as. Peguei, paguei e voltei a abraçá-la. Sentamo-nos num banco rústico de madeira, aguardando o trem. O comboio aproximou-se lentamente. Vários passageiros desceram. Subimos, abraçados, ombros encostados, como dois apaixonados. Passageiros nos olhavam sorrindo

discretamente, pensando que, apesar da guerra, ainda existia amor. E assim viajamos silenciosos, cochilando, mas não totalmente.

O apito estridente, repetido três vezes, anunciou a chegada e o fiscal do trem, entrando nos vagões, explodia em gritos:

– Varsóvia! Varsóvia!

Acordamos e pela janela avistamos a cidade. Desembarcamos sem problemas e, já na rua, pegamos um *riksza*. O condutor nos olhou:

– Chegando agora?

– Sim.

– Os alemães não devem ter visto vocês... Viram os alemães?

– Não... estavam por aqui?

– Sim, caçando jovens poloneses para trabalhos forçados... para levá-los aos campos. Vocês tiveram sorte.

Sorrimos.

O *riksza* parou diante da loja de Stefan que nos recebeu entusiasmado, falando rápido:

– Consegui acomodações. Vou levar Zofia e depois você. É melhor não ficarem juntos.

E Stefan a levou para a casa de uma família conhecida. Minha "lua-de-mel" terminara...

PESADELOS E SUSPEITAS

A mãe de Stefan, casada pela segunda vez com um delegado da polícia federal aposentado, me hospedou, pois Stefan lhes disse que eu era um dos homens da Resistência. Apartamento pequeno, quarto, cozinha, sala e banheiro. No único quarto dormiam o casal e um primo dela, também policial, que trabalhava no Gueto.

Eu consegui novos contatos, a produção de cigarros aumentava e o esquema voltou a funcionar. A distribuição era feita, de bicicleta, por um amigo nosso. Fingindo-me de católico, pendurei uma cruz no peito. Levantava cedo, trabalhava incessantemente, porque nas fugas, no cotidiano conturbado, mudando constantemente de residência, necessitava de dinheiro vivo e no bolso. Certa manhã, lavando-me no banheiro, com a porta aberta, notei, pelo espelho, o delegado federal aposentado me fitando sério, com semblante desconfiado. Aparentando serenidade, pensei: "O que será? Vou sumir". E saí para o trabalho sem demonstrar temor, dirigindo-me ao estabelecimento de Stefan. Este, nervoso e vermelho, bufando, me pegou pelo braço e me levou para um canto, explodindo:

– Filho da puta! O que você anda fazendo?!

– Eu? Você está louco, Stefan? Estou trabalhando... Preciso de dinheiro, preciso ajudar Zofia, pagar a dívida com você...

– Eu arriscando a minha vida, levando-o para a casa de minha mãe, e você falando em iídiche!!!

– Em iídiche?

– Sim, à noite, enquanto dormia.

Não acreditei. Fora inconsciente, mas eu tinha cometido um grande erro. Pensei rápido e me lembrei do sonho da noite anterior, quando tinha falado em iídiche: era o fim da guerra, eu tinha reencontrado meus irmãos e, em especial, ficara conversando com o meu irmão Shaia, pois fora ele o único que me visitara quando tive tifo, no Gueto. Acho que foi "conversando" com Shaia que acabei falando em iídiche! Não podia mais ficar lá. Entendi o porquê do olhar do padrasto de Stefan naquela manhã.

– Tenho uma saída, Stanislaw. Direi que você vendeu muita mercadoria no Gueto, aprendeu algumas palavras em iídiche com "aqueles judeus filhos da puta", concorda?

– Que mais posso fazer?

– Evite ter pesadelos e falar dormindo!

A versão de Stefan foi aceita, mas com reservas. Mãe e padrasto, este um anti-semita fanático, ouviram a história, mas continuaram me vigiando. Eu perdia o sono, temendo cometer outro erro. Dormia, acordava assustado, permanecia de olhos abertos, escutando o ronco dos outros três. Às vezes ouvia a velha resmungar, percebendo que o padrasto de Stefan queria copular, e ela pedindo para esperar, pois precisava ter a certeza de que todos dormiam. Depois de alguns minutos, notava respirações ofegantes, ruído de molas da cama, e o silêncio...

Evitando levantar maiores suspeitas, permaneci no apartamento por mais dois dias. Encontrei, entre os anúncios nos jornais, o de uma viúva que oferecia um quarto em seu apartamento. Gostei e mudei-me discretamente. Stefan disse à família que eu fora viajar a negócios. O padrasto olhou nos olhos de Stefan e este desviou o olhar dizendo que estava saindo. Eu prossegui na produção de cigarros.

Zofia encontrou trabalho numa confecção e continuava insistindo em passear e fazer amor comigo. No seu ritual de provocação sexual, tentava me seduzir de todas as formas. Eu resistia. Um dia, convidou-me a entrar, a ir para a cama. Num outro, na porta da casa, agarrou-me, beijando-me de surpresa e começou a se esfregar com força. Eu saí aborrecido, irritado. Afinal, minha couraça espiritual me mantinha vivo e fiel às tradições e resistia porque tinha estrutura. Mas eu era um ser humano também...

Dinheiro no bolso. Vendera muitos cigarros. Entrei numa loja de roupas. A vendedora, jovem polonesa, ruiva, elegante, olhos verdes, atendeu-me:

– Gostei daquela calça e daquela camisa – indiquei as peças.

– Deseja experimentar? – disse enquanto nos olhávamos com simpatia.

– Sim, posso?

– Ali na cabina, por favor – e puxou a cortina.

Não percebi uma fresta na cortina. Quem estivesse de fora poderia me ver pelo reflexo do espelho. Tirei a calça e vesti a escolhida. Provei a camisa nova. A calça estava comprida, era necessário mudar a barra. Quando saí, notei a vendedora próxima:

– É preciso fazer a barra, encurtar um pouco... – disse mostrando a calça.

A moça entrou na cabina, olhou, abaixou-se e marcou a barra, pregando-a com alfinetes.

– Assim está bem, senhor...?

– Stanislaw... Sim, está ótimo.

A moça ficou de frente fitando-me naquele espaço exíguo. Podia perceber a sua respiração e me senti atraído depois de tantas provocações de Zofia.

– Pode vir buscar em uma hora, senhor Stanislaw – disse a vendedora e sorriu, charmosa.

– Virei mais tarde... Talvez você possa sair comigo depois? – Fixei meus olhos nela e ambos sorrimos.

– Posso ao fechar, às 19 horas... Está bem?

– Melhor impossível! – e saí tranqüilo, antevendo que iria, finalmente, passar uma grande noite com aquela polonesa simpática e elegante.

– Viúva? – comentei espantado quando a vendedora me disse sua condição.

Seu marido morrera na invasão alemã, defendendo a Polônia, e ela, viúva jovem, 30 anos, não tinha filhos e era proprietária da loja. Reclamou que o movimento caíra muito devido à guerra e, mudando de assunto rapidamente, disse que teríamos de ir a um hotel, pois morava com a mãe e um irmão. Caminhamos de mãos dadas até um hotel discreto. Entramos no quarto simples com cama de casal e banheiro pequeno. Ela saiu do banheiro, enrolada numa toalha que lhe cobria o corpo até as coxas. Eu também estava enrolado numa toalha, pois não queria lhe mostrar a circuncisão. Meia-luz e nos deitamos enrolados nos lençóis. Embora excitadíssimo, mantive o respeito, ao enlaçá-la, sentindo-a, seios duros. Ela também gemia e tudo durou pouco mais de três minutos. Senti-me desfazer dentro dela e ela também sentiu vários orgasmos.

– Insaciável! Você é incrível! – ela exclamou e nos abraçamos de novo.

– Você volta, amor? – disse ela sorrindo, parecendo feliz.

– Sim, claro que voltarei! – disse e saí caminhando rumo à fábrica de cigarros, sentindo-me leve. Nem mesmo acreditava que, finalmente, pudera praticar o amor com aquela mulher bonita, elegante e fogosa! Voltaria, claro que desejava voltar.

Era uma época em que eu trabalhava muito no novo apartamento, produzindo cigarros e saindo para vendê-los. Durante as visitas que

eu fazia à loja de minha namorada, a filha da viúva, bela jovem, também me olhava languidamente. Alta, esguia, olhos azuis. Os homens estavam ou no *front* ou nos campos de trabalho forçado, e as mulheres viviam indóceis, excitadas, desejando um parceiro para aliviar a tensão.

Além da venda de cigarros, comprava aspirinas, pois poderia vendê-las em ocasiões e momentos cruciais: a aspirina era procurada, valia dez vezes mais do que os cigarros e o seu preço subia sempre.

– Stashek, precisamos conversar – Zofia telefonou-me angustiada, chamando-me pelo apelido.

– O que há, querida? – disse, amável como sempre, mas preocupado, olhando de lado e evitando suspeitas dos fregueses que freqüentavam a loja de tubinhos de cigarros de Stefan.

– Venha buscar-me, preciso mudar, sair de casa – ela falava ofegante, temerosa.

– Irei buscá-la, claro.

Antes de apanhar Zofia lembrei-me de uma das moças que me comprava sabonetes e da qual tinha o endereço desde que negociava no Gueto. Procurei-a e ela concordou em dar um quarto a Zofia, sem cobrar nada. O marido dela, Janusz, era artista plástico, pintor. Era um sujeito liberal e residiam perto do quartel-general da SS em Varsóvia, no bairro Zoliborz.

Zofia fora reconhecida por um dos capatazes da fazenda de Konskie que, especulando sobre sua vida e indagando sobre o seu marido, queria levá-la para a cama e, diante da negativa, disse-lhe que não acreditara nunca que ela fosse casada e que fossem poloneses.

– Vocês são judeus! Onde está o porco judeu do seu amante, sua porca? – ele a ameaçara dizendo que se ela fizesse amor com ele, esqueceria tudo.

Decidiu mudar-se e realmente isso aconteceu. Foi morar no apartamento do artista plástico.

A GESTAPO AMEAÇA

A caça aos judeus prosseguia implacável. Caçavam-se também poloneses católicos e os jovens para levá-los aos campos de trabalho forçado. Os alemães patrulhavam a cidade de Varsóvia, com jipes, caminhões com tropas, carros da Gestapo e motociclistas barulhentos sempre colocando em sobressalto os que estavam em liberdade, mas que mesmo assim viviam aflitos, angustiados. Uma noite, cheguei cansado ao apartamento e, mesmo com roupas, recostei-me na cama e cochilei. Despertei assustado e intrigado com barulho de motocicletas, o falatório na rua. O barulho foi aumentando no pátio interno do prédio e, rapidamente, entrei no banheiro do corredor do prédio, tranquei a porta e fiquei em silêncio e atento. Os alemães gritando, subindo e descendo as escadarias, vasculharam o prédio e os apartamentos. Eu permaneci sentado na bacia, mal acomodado até o amanhecer, quando saí silenciosamente. Ao entrar no apartamento, a viúva, arregalando os olhos, perguntou-me:

– Onde esteve, senhor Stanislaw?

– Eu? Na casa de um amigo, ficou tarde e...

– Os alemães estiveram aqui, procuravam um judeu.

– Um judeu?

– Sim. Procuravam pelo senhor.

– Por mim? A senhora acha que me procuravam?

– Ah! Não pode ser, imagine... o senhor Stanislaw é polonês, não é?

– É claro. Algum engano...

– Está cansado?

– Passei a noite jogando cartas, bebendo vodca – disse, lembrando que os poloneses eram grandes apreciadores da bebida e do jogo.

– Vai dormir? Eles ficaram de voltar...

– Preciso trabalhar – disse-lhe com o coração disparado.

Entrei, lavei-me, troquei de camisa e saí normalmente. Deixei no apartamento o estoque de aspirinas que representavam muito dinheiro.

"A liberdade é mais importante do que o dinheiro" – lembrei-me de uma das frases do meu pai.

Caminhei rumo à casa do pintor Janusz, pois precisava comunicar o ocorrido à Zofia. Passei antes pela loja de roupas da viúva.

– Sairemos hoje? – perguntou-me.

– Não sei se poderei... Se conseguir voltar antes de você fechar...

– Esperarei... estou com saudade. Sinto sua falta.

Continuei caminhando, lembrando-me da força sensual daquela mulher. Mas precisava decidir onde me esconder novamente. Ao chegar à casa de Janusz, indaguei calmamente:

– Posso ficar aqui?

– Claro, é um prazer tê-lo conosco.

O pintor fez-me entrar. Zofia, vibrando, fez a festa. Estava certa de que eu voltaria aos seus braços. Astuta, inteligente, sorriu, abraçou-me beijando-me na face, delirante.

– Stanislaw, meu amor...

– Zofia, querida... – eu correspondi com suavidade. O casal anfitrião sorriu, achando que ali se encontrava um perfeito casal de namorados.

A desilusão de Zofia repetiu-se. Cansado, após tomar um banho, fui até o quarto e tirei a camisa, deitando-me só de ceroulas. Ela, numa camisola de algodão, aproximou-se, sensual no lusco-fusco do quarto, deitou-se ao meu lado, abraçou-me, e me beijou no rosto. De olhos fechados, quieto, fingia que dormia. Ela ronronou, ergueu a camisola, encostando-se no meu corpo.

– Zofia, durma. Estou cansado, preciso descansar, pensar no que fazer... Eles estão em todos os lugares. Não se esqueça... corremos perigo a cada minuto.

– Stashek, não vai me perdoar nunca?

– Eu já a perdoei. Você fez a sua escolha e não posso fazer mais nada.

Virei-me para o lado, deixando-a ajoelhada na cama com suas lamúrias. Antes de dormir, eu disse baixinho, quase murmurando:

– Me esqueça, não pense em sexo comigo. Peço-lhe, pela última vez: sejamos amigos, bons amigos, como irmãos...

– Mas hoje, na guerra, até irmão faz sexo com irmã – ela resmungou.

– Eles são degenerados... esqueça!

Antes de dormir lembrei-me de que estava sem roupas, sem aspirinas e só com alguns trocados.

No dia seguinte, conversei com Janusz e disse que precisávamos de novos documentos. Ele pertencia à Resistência e disse que conseguiria os papéis, pedindo apenas fotografias e os documentos de nascimento. Dois dias depois ele apareceu com os documentos de identidade e no escuro do quarto sacou a almofada de carimbo do bolso e passou-a, para que imprimíssemos o polegar sobre o documento. No dia seguinte, percebemos o equívoco. Janusz cometera um erro, pois havia apanhado por engano a almofada de carimbo azul e não havia na Polônia documentos de identidade com impressões digitais azuis. Todas eram em tinta preta. Haviam dado a almofada com tinta azul a Janusz, e ninguém percebera o perigoso engano.

Reativada, a produção de cigarros aumentava vertiginosamente. A cada dia mais pessoas interessavam-se em produzi-los.

MARYSIA AO TELEFONE

Havia decorrido alguns dias desde que me mudara para a casa de Janusz, quando passei pela loja de minha amante viúva. Esperei-a fechar a loja e combinamos ficar algumas horas juntos. Depois, já no hotel, decidimos passar a noite. Andar de madrugada pelas ruas de Varsóvia era muito perigoso e podíamos ser presos ou mortos. Ela me elogiava, confessando o prazer que eu lhe dava, misturado ao medo da guerra.

Perto da loja de Stefan havia um restaurante, que estava sempre lotado. Uma das garçonetes, Marysia, chamava a atenção. Marysia, na verdade, não precisava trabalhar, pois sua família tinha posses, mas para não ficar o dia todo em casa, ajudava a amiga Jadwiga, filha da dona do restaurante, no atendimento de clientes. Marysia era uma linda moça: alta, loira, esbelta, cabelos caídos sobre os ombros, olhos azuis, lábios polpudos; muito desejável, mesmo vestindo-se com simplicidade, chamava a atenção dos homens com sua delicadeza e sensualidade naturais.

Ela se tornou minha amiga por achar-me simpático e atraente e não tão machista quanto os poloneses em geral. Chamava-me também de Stashek. Um outro ponto de contato com os meus clientes era numa lavanderia, próxima do Gueto. Marysia me disse, certa vez, que tinha bons contatos na prefeitura e em repartições governamentais. Lembrei-

me de meus documentos com as digitais em azul e fiquei meditando sobre como pedir-lhe para regularizá-los.

Uma noite saímos e entramos num bar cheio de gente jovem e muita fumaça no ar.

– Uma vodca! – pediu Marysia.

Eu também pedi uma vodca, pois daria a impressão de que era um polonês autêntico. Detestava a bebida, mas, de vez em quando, precisava bebê-la para que os outros não desconfiassem de minha identidade.

– Parece triste, Stashek – comentou Marysia. – O que acontece?

Seus olhos fitavam-me meigamente.

– Pensando... preciso mudar.

– Mudar? Não é fácil... mas podemos procurar um quarto... é para você sozinho?

– Sim, Zofia não irá comigo.

– Zofia? Sua namorada?

– Sim e não! – Não quis entrar em detalhes.

– Entendo... as coisas andam difíceis... principalmente para duas pessoas...

– Ninguém sabe se estará vivo amanhã – suspirei sorvendo o último gole da bebida.

– Vou arrumar um lugar para você – garantiu-me enfática, vibrante.

– Não sei como agradecer... – e realmente não sabia como.

Terminado o serviço daquele dia, rumei para a casa de Janusz, quando, de repente, parei, pois lembrei-me de Zofia e de suas provocações. Lembrei-me também da viúva da loja. Não marcara nada com ela, mas, se a encontrasse, com certeza iríamos para um hotel, pelo menos para eu descarregar a tensão e, ao mesmo tempo, sentir a plenitude daquela mulher. A viúva também só me queria para satisfação sexual e

esse fato me deixava mais aliviado, mas, por outro lado, contrastava com meus princípios religiosos. O que fazer? A carne é fraca e na guerra é mais ainda e eu sentia necessidades... Dessa forma, reforçava-me para resistir aos apelos sensuais de Zofia... Mas precisava mudar...

Decidi mudar-me da casa de Janusz, desta vez não por causa dos alemães, mas é que não suportava mais ficar com Zofia, não dormia direito, não relaxava com aquela bela mulher comigo todas as noites, excitando-me com trejeitos delicados e sensuais.

Precisava mudar-me e resolvi fazê-lo de forma inabalável. Não me permitiria ficar com ela nem mais um dia. Dessa forma dei meia-volta e dirigi-me à loja da viúva. Vendo-me chegar, ela imediatamente fechou a loja, e agarrando meu braço, disse:

– Sabia que você viria. Até avisei em casa que só voltaria amanhã!

Caminhamos agarrados sem trocar uma palavra, rumo ao hotel.

Sentia-lhe os batimentos acelerados, presa como estava ao meu braço. Ao entrarmos no quarto, mal fechamos a porta e ela atirou-se, sufocando-me com beijos. Logo despimo-nos e rolamos na cama, agarrados, na convulsão de orgasmos múltiplos.

No dia seguinte, Marysia me falou que conseguira um quarto na casa de uma viúva. Sobravam viúvas em Varsóvia, nessa época de guerra. Rumamos direto para o apartamento.

– Um piano! – vibrei, quando abri a porta, e me aproximei daquele instrumento-mor na saleta. Tocar me ajudaria a livrar-me das tensões cotidianas.

Mudei-me imediatamente, deixando Zofia em lágrimas na casa de Janusz. O seu intento de seduzir-me não seria mais possível. E eu... novamente estava de mudança.

NA GUERRA

Era abril de 1942.

– Marysia, preciso trocar meus documentos. Veja, a digital está em azul e isso é irregular. Você pode fazer algo por mim?

A pergunta foi à queima-roupa e a moça olhou-me languidamente e pegou o documento:

– Por você... faço tudo, Stashek – respondeu.

Num olhar percebi nos olhos dela um desejo oculto. Passou-me pelo corpo um *frisson,* um arrepio, e uma intuição que procurei disfarçar. A tia de Marysia era uma importante funcionária na prefeitura e essa era a oportunidade para obter uma *Kenkarte* original.

Marysia entrou em ação e dois dias depois fui à prefeitura para tirar o novo documento.

– Obrigado, Marysia. Quanto lhe devo?

– Só as despesas referentes à propina... entende?

– Sim, claro... quanto? – insisti. Ela me falou no equivalente a 20 dólares. Paguei o valor correspondente em moeda polonesa.

– Você merece, Stashek, meu querido judeu – ela sorriu.

– Judeu? Deixe de brincadeiras Marysia, eu sou...

– Judeu! Eu sei. Não se assuste, eu não me importo. Eu gosto de você e, se precisar de algo mais, pode contar comigo.

– Ahnn... obrigado!

– De nada, querido Stashek! Meus amigos e minha tia, lá na prefeitura, desconfiaram, mas eu lhes disse que você era da Resistência e que precisava andar com documentos em ordem. Acreditaram e pronto.

– Você é um amor!

– E você é um judeu educado. Conte sempre comigo.

– E você comigo, Marysia.

Continuamos bons amigos. Ela, recebendo os recados e os pedidos de cigarro dos clientes pelo telefone do restaurante, eu produzindo cigarros, driblando os alemães. Aprendera a falar sem nenhum sotaque de iídiche, realmente como polonês, e sentia-me mais seguro.Visitava Zofia na casa de Janusz, contava-lhe as novidades e a ajudava financeiramente. Stefan conseguira uma *Kenkarte* para ela por meio de um amigo na prefeitura. Zofia tinha todos os meus telefones, caso precisasse me procurar.

Numa noite Marysia me ameaçou:

– Stanislaw, ou faz amor comigo ou entrego você à Gestapo!

Marysia, em pé, ajeitava os cabelos diante do espelho. Olhou pelo espelho, apanhou o batom, passou-o nos lábios. O sol penetrava pela janela, iluminando e destacando-lhe o corpo curvilíneo, claro, cheio de energia. Cabelos soltos sobre os ombros, ela voltou a mirar-se no espelho, apertou os lábios para melhor fixar o batom. Depois pegou o vestido estampado, colocou-o lentamente, ajeitou-o. Eu não podia fraquejar. Marysia era sensual, mas a frase era mais forte: ou fazia sexo com ela ou ela me denunciava. Quando conheci Marísha no restaurante. Pensei comigo assim que a vi: "E se eu a convidasse para morar comigo?". Fomos viver juntos num apartamento, de quarto e sala, emprestado por um amigo de Stefan Chrobak, um ucraniano chamado Iusik e, juntos, vivíamos o drama da guerra. A palavra Gestapo me fez estremecer. Procurei manter a calma. Olhei-a demoradamente e disse tranqüilo, mas com a voz embargada pelo desejo e ao mesmo tempo pelo dever da renúncia:

– Marysia, eu não poderia enganá-la. Sou grato a você, mas amo Paulina, minha primeira namorada. Farei tudo para recompensá-la pelo que tem feito por mim. Considero você um anjo que me ajuda. Mas não posso...

– Não me venha com desculpas.

Ela caminhou em direção à cama, com um brilho nos olhos, misto de desejo e ansiedade. Marysia, ainda jovem de pouco mais de 20 anos, pertencia a uma família de classe média alta polonesa, e sempre fora mimada, criada num lar de tradições polonesas com muita dança, vodca e anti-semitismo. Desde o primeiro dia que me viu, apaixonou-se. Como garçonete, chegou à minha mesa e serviu-me pão e sopa. Disse que eu era muito bonito e tinha rosto de judeu e no mesmo instante respondi-lhe que muitas pessoas faziam essa confusão. Na verdade, desde o primeiro instante, amava-me com a juventude e energia de uma moça que encontrara seu sonhado príncipe. Nos encontros seguintes, contou-me que as tradições judaicas e católicas lhe eram indiferentes. Nesses momentos, eu permanecia calado.

– Você é linda, tem um corpo lindo, mas não podemos... Não posso!

– Não pode? – Fez a pergunta e terminou de ajeitar o vestido, fechando-o, languidamente. Imitava as grandes estrelas do cinema americano que vira nas telas. Retomei o diálogo:

– Somos bons amigos, mas eu não posso...

– Bons amigos! Você é são, é forte, eu sei...

– O que é que você sabe? – respondi deitado, vendo-a parada, os olhos se encontrando firmes.

– Eu sei que você é... é... é normal. Já senti... de noite, você esbarra em mim... nas minhas coxas... você fica... fica... excitado. E eu me excito... você dormindo e eu acordada... entende?

– Não percebi... – eu a olhava atônito, surpreso.

– Eu percebi... eu senti. Eu quero você... aqui, dentro de mim... entende? – disse ela e apalpou-se por sobre o vestido.

– Querida, entenda...

– Entender? Você não me quer, me despreza! – continuou ela, ereta, irritada, fitando-me. O olhar parecia em fogo, a boca trêmula.

– É que você... – mal terminei de falar e ela disparou:

– Não sou judia... é isso? Será que elas são melhores do que eu?

Colocou as mãos na cintura, as lágrimas desceram-lhe pela face, balbuciou:

– Você dorme comigo, me vê diariamente quase nua, nos esbarramos na sala, no quarto, no banheiro e nem um beijo de amor, de carinho... nada! Se sirvo para fingir que sou sua mulher, para os outros pensarem que somos casados, não sirvo para você me amar. Não... – procurou limpar a face, ergueu a cabeça novamente.

– Você seria uma grande esposa, se, se... nós judeus pudéssemos nos misturar com os católicos; não posso enganá-la, dizer que a amo, depois abandoná-la... minha educação, a tradição, não permitem!

– Dormir juntos, no mesmo quarto, na mesma cama... isso é possível! – disse Marysia – Eu amar você, você me amar, não pode! Regras, tradições, família impedem você de tocar em mim! Sou desprezível? Feia? Malcheirosa?

– Não! Você é linda, perfumada... e é virgem! Não podemos...

– Não podemos! Pense, tenha juízo! Você é meu príncipe encantado! Fui preparada para casar, viver, me entregar a um homem amado! Stanislaw, te amo...

– A guerra... querida! A guerra.... – comovido, balbuciei.

– A guerra! Você prefere cair nos braços da Gestapo! Eu quero você nos meus braços... ao inferno com a guerra, com as tradições. A guerra nos juntou, vivemos enganando os católicos, os alemães... por que não podemos nos amar? Amanhã poderemos estar mortos... – disse

isso e virou-se, caminhando lentamente para a saída. Colocou a mão no trinco, voltou-se parcialmente:

– A Gestapo ou eu? Pense... – puxou a porta, batendo-a ao sair.

Passos forte no corredor. Respirei fundo.

Sentia-me num beco estreito, cada vez mais estreito, fechando-se. Desejava ter um relacionamento amoroso com Marysia, mas os meus princípios não me permitiam isso. Aliás, às vezes, tinha vontade de transgredi-los, mas uma força interna me brecava. Afinal, podia morrer no dia seguinte. Ela era católica, jovem, sensual, estávamos em plena guerra. Se eu tivesse tido uma outra formação familiar, mais liberal ou que não infundisse tanto o sentimento de culpa, eu estaria me aproveitando daquele corpo esbelto, daquela jovem atraente, usando o seu corpo, tendo-a na cama, à minha mercê, submissa, feminina para satisfazer minha libido. Entretanto, eu não a amava: sendo judeu e ela católica, antes de mais nada, jamais nos casaríamos. Éramos amigos, e eu esperava que assim continuássemos. Morávamos no mesmo apartamento e fingíamos ser marido e mulher para que os vizinhos não desconfiassem da minha condição judaica. Eu era simplesmente Stanislaw, um polonês católico. Lembrei-me de que, ao passar alguns dias no sítio dos pais dela, em uma de nossas crises existenciais, tivemos momentos também de uma intensidade muito grande de carinhos, carinhos ansiosos mas contidos como se fossem desejos estancados no ar... A ansiedade, a eterna dúvida sobre o momento seguinte, as fugas do nazismo, fizeram com que nos tornássemos namorados, um curto romance, com excitações próprias da juventude, em instantes de fraqueza humana, submetidos à atração da carne... na grama, na beira do rio, sob as árvores frondosas, o céu limpo. Romantismo puro, sem maiores conseqüências. No fundo, a guerra, a perseguição, a intolerância. O medo, a lágrima, a impotência.

– GESTAPO! – lembrei-me da força da palavra e estremeci porque sabia, como judeu, e os poloneses também sabiam, o que realmente significava Gestapo! Eles não tinham a mínima sensibilidade, torturavam, matavam sorrindo. Nos últimos cinco anos sobrevivendo, eu ouvira, vira, sabia o que me esperava se Marysia me denunciasse!

Nessa manhã, levantei da cama preocupado e caminhei para o banheiro. Vi meu rosto no espelho, triste, pensei:

– Ela quer sentir-se mulher... quer sentir-se fêmea, está atormentada... mas eu não posso, amo Paulina, não posso!

A água escorria pelo meu corpo, pensei em alguma trama para livrar-me das ameaças dela.

As recordações sempre me acompanhavam na correria.

Era quando parava para repensar sobre como agir. Em minha nova moradia, no primeiro dia, olhei o piano e passei a dedilhar o teclado, lembrando-me do perigo que correra quando fora buscar cigarros naquela manhã. No caminho vi um conhecido funcionário de uma fábrica que produzia roupas íntimas para o exército alemão. Era o porteiro da Têxtil Handels Gesellshaft. Na verdade, um oficial polonês disfarçado, com documentos falsos, igual a muitos outros. Passavam por operários e, na surdina, agiam como espiões. Notei que ele estava embriagado e decidi oferecer uma carona até a fábrica, parando o *riksza* em que vinha e mandando-o subir. Era 20 de abril de 1944, e eu portava um documento falso que havia vencido em 31 de março como funcionário de uma fábrica de sabonetes. Para os conhecidos poloneses eu me passava por membro da Resistência. Quando entramos no parque "Jardim Ogrod Saski" avistamos poloneses sendo chicoteados por nazistas, uma luz de lanterna forte em nossos olhos e uma voz metálica:

– Alto! – gritou um alemão.

O condutor estacou. O porteiro embriagado se encostou no meu ombro e raciocinei rápido: se esta voz vier de um soldado raso, pois a maioria não falava polonês, ele poderá complicar a nossa vida e portan-

to será mais difícil livrar-me dele. Se for um oficial mais graduado, a situação será melhor para mim e para o bêbado que roncava baixinho encostado no meu ombro. Ao ver o uniforme, as estrelas do oficial, eu me acalmei:

– *Kenkarte*! (identidade) – ordenou o oficial.

Tive uma presença de espírito e agi rápido.

– Apresente-se! Não vê que há um oficial aqui? – gritei com o bêbado, em polonês, fingindo que não era comigo. Sacudi o porteiro com insistência, mas ele abria os olhos, olhava tudo aquilo e voltava a deixar cair a cabeça.

– *Kenkarte*! – exigia o alemão.

– Onde está sua *Kenkarte*? Mostre a sua *Kenkarte* para o oficial! – gritei novamente. O porteiro enfiou a mão no bolso e me deu um documento.

– Por que esse porco não se levanta? – indagou um soldado alemão que se aproximara.

– Ele está bêbado... – respondeu o oficial, mandando o soldado vigiar outras ruas próximas. Senti-me mais aliviado.

– *Arbeitskarte* ! – exigiu o oficial alemão, referindo-se à carteira de trabalho. O bêbado olhou, fez sinal afirmativo com a cabeça, pegou a carteira de trabalho e estendeu a mão dando-a ao oficial. Prendi a respiração, quando o oficial voltou-se para mim:

– *Vuarbeintnzi* (onde você trabalha)?

Fingindo não entender, olhei-o como se estivesse envergonhado, sacudindo os ombros. Era raro um polonês compreender alemão e poderia ser desmascarado se demonstrasse esse conhecimento.

– *Vuarbeintnzi*? – indagou o oficial sem obter resposta.

O porteiro foi despertando com a gritaria do oficial, entendeu a pergunta e respondeu. Eu, ao lado, fazia cara de que não estava entendendo nada.

– Têxtil Handels Gesellshaft – respondeu o bêbado.

O oficial lembrou-se da fábrica (naturalmente usava as tais roupas íntimas), devolveu os documentos do porteiro e nos dispensou. Seguimos o caminho, liberados do bloqueio, e eu bem baixinho, agradecendo a presença daquele porteiro que voltara a dormir encostando a cabeça no meu ombro. Passei o braço por trás de sua cabeça e ficamos assim até chegar em minha casa. Paguei a corrida, adiantei mais algum dinheiro para o condutor e lhe disse para levar o polonês até a fábrica das roupas íntimas que os alemães usavam debaixo daqueles uniformes empolados.

Lembrei-me de um dos ensinamentos filosóficos judaicos: "D-us não é recebedor, é doador. Quem ajuda o próximo estará melhorando o seu destino. Quem pratica o bem e se entrega, mesmo correndo riscos, se eleva até D-us". Não sei por que essa reflexão tomou conta de mim a tarde inteira. Senti novamente que algo estava para acontecer. Mas não sabia direito se era uma coisa boa ou ruim. Era uma imagem embaçada.

Uma noite convidei a dona do apartamento para vir ao meu quarto. Sentado, dedilhando o piano, consegui acordes e melodias que me soaram relaxantes.

– Como você toca bem... Por que tudo o que toca é triste, Stanislaw? – indagou a viúva.

– Depende do meu estado de espírito.

Eu compunha naquele mapa de teclas, em branco e preto, músicas fortes que pareciam expressar o meu ponto de vista da guerra. Os sons de espécies de instrumentos macabros de uma orquestra de loucos, dirigida por um **maestro-führer**: canhões ensandecidos bombardeando, metralhadoras giratórias, o ruído dos tanques, dos jipes de ataque, as botas, o marchar das tropas alemãs, os gritos, os gemidos, as lágrimas... e o sangue das crianças metralhadas no Gueto permeando tudo, encharcando a todos.

A música saía aos tropeços, mas eu não conseguia passá-la para o papel, pois meus pensamentos se embaralhavam e levavam-me de volta aos 7 anos, quando mamãe ainda era viva e, mesmo cuidando de mim e dos doze filhos, da loja, ainda arrumava um tempo para tocar piano. E como tocava bem! Foi nessa idade que também comecei a tocar piano. De repente, um trovão explodiu na minha cabeça. Era o dia 17 de junho de 1926, às 5 horas. Eu dormia tranqüilo quando acordei com lamentos. Eram várias pessoas reunidas, em prantos, e eu não entendia o que se passava. Sabia que minha mãe estava doente fazia dois dias, mas jamais imaginara qualquer coisa grave. Era apenas um menino e não me passava pela cabecinha não ter mais mãe. Todos estavam confusos e ninguém sabia o que fazer para aliviar as dores de mamãe. O médico, por sua vez, tentava com compressas quentes e depois frias... uma confusão. Até que aconteceu. Um dos meus irmãos me bateu no ombro e disse:

– Moshe, a partir de hoje você tem de ficar mais forte. Não temos mais a mamãe entre nós!

O impacto da notícia deixara-me paralisado, sem conseguir esboçar qualquer reação. Senti a perda e ouvi gritos. Pulando da cama vi três irmãos segurando Alter – o mais velho de todos – que ameaçava pular pela janela. A perda foi maior do que eu imaginava. Aos 7 anos de idade, parecia que o mundo estava desabando...

Acompanhado da governanta, fui ao enterro numa *Drorzka* – charrete de três lugares – e, por onde passava, as pessoas em silêncio, postavam-se nas ruas orando, despedindo-se de Sheindele. Vi as lojas fechando as portas, em sinal de luto, e as pessoas juntando-se para acompanhar o féretro.

Sheindele Kleinsinger era respeitada, amada e querida na comunidade. Indaguei à governanta, Mania, o porquê de tantas pessoas acompanharem o enterro. Ela explicou-me que minha mãe tinha feito muita coisa boa em prol de gente pobre. Costumava comprar enxovais com-

pletos para as moças carentes que iam se casar e oferecia ajuda aos necessitados.

Ninguém, nem mesmo os meus irmãos – até aquela data – sabia disso, pois ela preferia fazê-lo no silêncio da sua singeleza e humildade. Sheindele Kleinsinger foi sepultada com honras prestadas pela comunidade judaica de Varsóvia. Eu não havia completado 8 anos de idade e, antes dos 54 de mamãe, separamo-nos para sempre. Desde então, a meiguice, a bondade, a generosidade e a sensibilidade dela habitavam a minha alma...

Dedilhava o final da música e o piano explodiu nas teclas em lá menor, alto, parecendo uma trovoada, um canhão disparando, o grito de uma criança assustada, revoltada.

– Poema de amor! – falei e caí com os braços sobre o piano, cabeça entre as teclas, chorando um pranto infantil...

TRÊS ANOS E OITO MESES

Janeiro de 1943. Himmler visitou o Gueto e, no dia 11, mandou retirar 8 mil judeus. Esses, no entanto, decidiram reagir, deixando as ruas desertas, escondendo-se nos becos e começando a atacar os alemães. Os judeus, comandados por Mordechai Anilevitch, eram muito valentes e lutavam com poucos recursos técnicos. Os alemães atiravam sem saber de onde vinham os ataques e, surpreendidos com a reação, cortaram todas as linhas de abastecimento. Era o prenúncio de uma tragédia.

O Gueto morria à míngua. Toda manhã encontravam-se corpos inertes de pessoas que faleciam de fome, sede ou frio durante a noite... Eram recolhidos, despojados de roupas que seriam utilizadas por outros. Depois, empilhados nas carrocinhas e transportados para uma vala comum. Mais de 90 mil judeus foram enterrados sem a menor dignidade, e os alemães traziam ainda mais judeus para o Gueto de Varsóvia. Queriam concentrar todos ali para facilitar a eliminação.

Os boatos diziam que já haviam morrido 200 mil judeus. Os planos de Hitler avançavam para a "solução final". Muitos já sabiam que os nazistas estavam predispostos a liquidar todos os judeus da Polônia. Os transportes de trem, chamados de "passeios", não tinham volta, e passavam a ser chamados de "trens da morte". Desde a primavera de

1942, os judeus eram mandados para os campos de extermínio: Treblinka, Sobibor, Chelmno, Auschwitz.

Massacre total, impiedoso. Os judeus morriam em situação trágica, sob os mais modernos métodos de extermínio, incluindo câmaras de gás. O terror começou a provocar ansiedade desmedida.

Morrer sem saber a razão, pacificamente, ou morrer lutando? Morrer só porque eram judeus ou morrer defendendo a honra? Era um contra-senso: afinal, era um dos povos que mais contribuíra para o progresso da humanidade: cientistas, médicos, humanistas, filósofos, músicos, juristas, matemáticos... Muitos deles foram parar nos campos...

Mas Mordechai Anilevitch e seus comandados resistiam. Compravam armas no mercado negro, fabricavam bombas caseiras e coquetéis *molotov* provocando muitas baixas entre os alemães que começaram a duvidar de seu próprio poderio.

DIA DE *PESSACH*

Véspera do aniversário de Adolf Hitler. Talvez pensando em oferecer ao *Führer* um "presente", Himmler ordenou pessoalmente a liquidação do Gueto de Varsóvia. O general Jüngen Stroop prendeu alguns rabinos e iniciou um interrogatório à moda nazista. Deu ordem para que incendiassem os prédios do Gueto.

A Resistência judaica não cedia. A luta desigual iniciada em 19 de abril, durou vinte e oito dias. Um tempo maior do que o da luta do exército polonês diante da invasão alemã de 1939. Utilizando meios precários, diante do mais poderoso exército europeu, os judeus demonstraram valentia considerada impossível para um povo "desqualificado" aos olhos de poloneses e alemães. A batalha desigual foi se prolongando. Os alemães bombardearam o bairro com aviões, canhões e tanques blindados. Mesmo assim, centenas deles foram mortos. Ainda que abatidos, fracos, os judeus resistiram. Alguns, com coquetéis *molotov*, preferiam atirar-se do alto dos prédios em chamas, estatelando-se sobre os nazistas, matando-os. O cheiro de queimado, a fumaça nos céus, as chamas, o odor de carne queimada tomaram conta de Varsóvia. As explosões espalhavam estilhaços e o povo percebia que o Gueto estava sendo arrasado. Nos intervalos entre as explosões, ouvia-se o matraquear das metralhadoras, gritos, edifícios desabando. As ordens de Hitler eram para arrasar completamente o Gueto, não deixar pedra sobre pe-

dra. Indignados com a ousadia dos judeus, que enfrentavam a autoproclamada raça superior, os alemães, em tanques, cada vez em maior número, foram entrando pelos escombros.

Os resistentes preferiram a morte heróica e anônima a se entregarem passivamente. Não morreriam nas câmaras de gás. Morreriam lutando, como heróis.

ABRIL DE 1943

Eu vi os primeiros dos 130 ataques dos alemães contra o Gueto, pois, da tinturaria, onde contatava meus fregueses, podiam-se ouvir os primeiros tiros e os ataques aéreos. Os alemães, conscientizados desde tenra infância, mostravam estar preparados para a "solução final". O Levante no Gueto de Varsóvia apanhou-os de surpresa: não esperavam a rebelião dos judeus, sempre tão humildes e pacíficos. Espantados com a reação, os nazistas aceleraram o processo de extermínio. Os judeus que conseguiram escapar foram se juntar aos guerrilheiros, em lutas clandestinas. No Gueto, mulheres, idosos, adolescentes, resistiam e lutavam em defesa de suas vidas, embora soubessem que iriam morrer, pois a diferença de armas era brutal. Sem lamúrias, em defesa da honra, da dignidade do povo, sem medo, enfrentavam e iam caindo sob o poderio bélico do inimigo.

No dia em que estourou a rebelião judaica no Gueto de Varsóvia, eu estava no balcão de uma lavanderia que um polonês, Michalski, me cedera gratuitamente, embora sabendo que eu era judeu. Ali, fazia ponto e telefonava para meus clientes. Ficava na *ulica* Dluga, número 29, no mesmo prédio do Hotel Polski. Foi de lá que ouvi os primeiros tiros e estrondos do Levante do Gueto. Curioso, constatei o inferno em que se transformara o Gueto. Acompanhei os acontecimentos diariamente e vi o desenrolar do conflito até o bairro ser completamente arrasado.

No Gueto de Varsóvia, numa população de 500 mil judeus, havia 108 mil para cada quilômetro quadrado, enquanto em Varsóvia havia 38 mil habitantes por quilômetro quadrado. Os 400 hectares do Gueto se transformaram em escombros, fumaça, sangue e corpos dilacerados. Nos últimos dias de batalha, a paisagem era de desolação e horror.

Parado em frente ao Gueto destruído, o povo polonês, inerte, assistia:

– Jovem! O que você acha? – disse-me um senhor de bigodes. – Eu tenho 70 anos, sou doente. Sofro do coração e a cada bomba que cai, a cada judeu que morre, eu me sinto melhor. A morte deles é um bálsamo para o meu coração.

Atônito, angustiado e impotente, eu olhava para o céu e via aviões despejando bombas sobre o Gueto.

– Ei, moço! Falei com você! Diga o que acha desse espetáculo que me traz tanta alegria e alivia meu coração? – tornou a falar e a sacudir meu braço.

– Eu? Acho... Acho que tudo que não presta na humanidade deveria ser eliminado – respondi indignado.

Saí bravo, caminhando e trincando os dentes, sem poder reagir ou fazer qualquer coisa contra os nazistas. E ainda sem poder dizer ao velho polonês o que este deveria ouvir: que gostaria de ver todos os nazistas morrerem.

Olhei para o céu iluminado pelas chamas e coberto pela fumaça. O cheiro de carne humana queimada embrulhava meu estômago e levantei os olhos para cima:

– Oh D-us! Nunca permita que eu seja desumano, cruel, que eu odeie, que eu mate... ajude-me a viver.

O velho polonês, vendo-me olhar para o céu e julgando que eu também me divertia, gritou:

– É assim que se fala, jovem!

Cheguei ao meu quarto ainda ouvindo o bombardeio, as metralhadoras, as explosões. Deitei-me, trêmulo e nevoso. Parecia ter febre alta, ansiedade, angústia, desespero, sabendo que os meus irmãos judeus morriam sob o tacão nazista, sem eu nada poder fazer.

A luta no Gueto prosseguia, com os 60 mil judeus remanescentes comandados por Mordechai Anilevitch e Maurvcy Apfelbaum, da União Militar Judia, resistindo. Do lado de fora, a população sofria, e só podia ver tanques entrando e saindo, ambulâncias entrando e saindo com alemães feridos ou mortos, aviões soltando bombas. A insurreição do Gueto foi se transformando em notícia em todos os territórios ocupados pelo III *Reich.* As notícias fatalmente iriam mexer com os brios de outros povos e causar empecilhos às atividades nazistas nos países ocupados, motivando a criação de exércitos subterrâneos de Resistência.

A cada dia aumentava a imagem da tragédia dos judeus e do seu heroísmo, ao mesmo tempo em que se formava, no íntimo de cada habitante de Varsóvia, um sentimento de misericórdia, ódio, tristeza e revolta.

A consciência de cada cidadão começava a reagir, porque, por mais que não gostassem dos judeus até o início da guerra, a morte gratuita de jornalistas, negociantes, amigos ou produtores de teatro e dança e que haviam impulsionado o progresso de seu país, não era justa.

Matá-los friamente, só pelo prazer de matar, causava sentimentos que mexiam com os poloneses. Sentiam-se assustados, amedrontados, perseguidos. Eram obrigados a denunciar judeus, a evitá-los, a não lhes dar guarida. Os que o faziam ou tentavam protegê-los contra a fúria nazista podiam acabar mortos. Além disso, o terror nazista também se voltara contra os poloneses. Milhares de jovens haviam sido arrastados para os campos de trabalhos forçados. A guerra estava destroçando a família polonesa. Com alemães de um lado e soviéticos do outro, a escravidão se juntava à falta de liberdade, e o terror com a desesperança. Varsóvia foi assistindo ao extermínio do Gueto, dia a dia, o que provocava a reação dos poloneses:

– Eles estão resistindo no Gueto mais que nosso exército e o exército francês resistiram.

O Gueto, vinte e oito dias depois da rebelião, estava transformado em escombros, cadáveres, sangue, poeira, cinzas... e os aviões nazistas sobrevoando-o.

MARYSIA, O PERIGO

Lembrei-me de Marysia, de como a conhecera, bonita, elegante, de boa família e que agora, com 23 anos, entrava na idade em que as moças sem casar ficavam em pânico. E o pior é que eram chamadas de "titia". As pessoas se referiam às solteironas como as que "ficaram para tia" e que dificilmente se casariam. De fato, a guerra, levando os jovens à morte, aos campos de trabalho forçado, tornava desiguais as populações masculina e feminina. No desespero, as jovens fogosas, sensuais, atraentes, temiam ficar solteironas. Esse estado permanente de angústia, medo, ansiedade, interligado ao desejo, levava muitas à entrega prematura. Com amor, sem amor, por sexo, por capricho ou pelo fato de ficarem com medo de serem estupradas. Marysia me desejava, me amava, indiferente às suas raízes. Católica, criada dentro dos princípios de que "tudo era pecado", ela pouco se importava com os "pecados capitais", pregados pela Igreja, com o anti-semitismo ou com os meus princípios judaicos cabalísticos, místicos, que existiam fazia séculos e aos quais eu estava acorrentado.

Marysia morava comigo no apartamento que Jusek, um amigo de Stefan, tinha nos arrumado e mantínhamos o mesmo tipo de relação que eu tinha com Zofia, isto é, éramos "marido e mulher" só para o público externo. Entre nós nada acontecia. Eu estava decidido a não fazer amor com Marysia, porque não desejava romper com meus prin-

cípios. Não a tocaria, nem pensava em desvirginá-la e temia também o que poderia ser mais grave: uma gravidez indesejada. Tremi só de pensar em tanta confusão. Assim, apesar da guerra, não abusaria de uma linda, atraente e sensual jovem.

– Preciso falar com Jusek – pensei.

Eu conhecera Jusek na loja de Stefan e fiquei sabendo que os dois faziam negócios, mas não sabia direito que tipo de negócio, pois o amigo de Stefan mantinha discrição. Stefan continuava a me proteger. Era abril de 1944.

Jusek, embora sendo polonês, católico, casado e com parentes anti-semitas, simpatizara comigo. Ficamos amigos, ele me disse que sabia que eu era judeu e passei a freqüentar a casa dele, onde fui obrigado a tomar vodca e jogar cartas.

Em 1943, quando soube de minhas fugas e andanças, levou-me ao apartamento que possuía, juntamente com Marysia – para vivermos juntos, passando por marido e mulher. Marysia se oferecera para fingir-se de minha esposa porque, amando-me, pressentia a oportunidade de satisfazer seus anseios e amar-me mais intimamente.

Assim, graças a Jusek, eu e Marysia fomos residir naquele apartamento. Eu dormia com Marysia na mesma cama, mas mantinha-me distante de intimidades, num esforço sufocante. No apartamento também morava uma viúva e Marysia, para me proteger, mostrara à viúva as suas fotos de menina, primeira comunhão, demonstrando que era católica.

Passados alguns meses, eu já não queria morar mais naquele apartamento. Encontrei Jusek na loja de Stefan. Os três nos cumprimentamos alegres, mas sem efusão. Nunca se sabia onde estavam os espiões do inimigo. Fui direto ao assunto:

– Jusek, preciso mudar-me do seu apartamento.

– Mudar, por quê?

– Marysia.

– Mas ela ajudou você, e...

– Sim. Eu lhes conto – e, falando baixo, contei o que estava acontecendo.

– Stanislaw, por que não faz amor com ela? Se ela quer, é bonita e atraente... Ah, faça ela feliz... ela deseja. Se é assim como você conta... Sabe, eu pensei que vocês já estivessem fazendo sexo há tempo... – ponderou Jusek.

– Nem pensei nisso. Não posso. Você sabe, as tradições... ela é virgem, católica!

– Tudo bem, mas cuidado pois minha mulher odeia judeus.

Stefan ouvia, olhos abertos, sem interferir.

– Ao inferno com as tradições, com os judeus, com os católicos, com Hitler... Estamos sofrendo e você recusa uma mulher linda daquelas!

– Jusek... não posso! Tenho resistido, pensado em tudo. Preciso mudar, fugir dessa mulher...

– Você é quem sabe... por mim, não há problema. Ela ficará morando lá?

– Não sei... Eu quero mudar hoje! Só precisava avisar você, agradecer.

– Mas continue nos visitando, sem medo.

– Continuarei. Sou grato a vocês!

Despedimo-nos e saí caminhando pelas ruas, distraído. Quase me esqueci de que precisava caminhar como polonês. Ao avistar dois soldados nazistas, despertei, fiquei ereto, andando com passadas fortes, olhando "por cima", para evitar suspeitas. Comprei um jornal e vi um anúncio de "aluga-se quarto com banheiro". Procurei o endereço e lá morava um casal de velhinhos poloneses, que ficaram alegres ao me ver. Paguei o primeiro mês. Quando fui pegar meus pertences, a viúva, curiosa, quis saber o que acontecia:

– Preciso viajar a negócios. Marysia, minha mulher, continuará aqui.

– Ah, boa viagem, senhor Stanislaw .

Deixei um bilhete para Marysia, curto e objetivo: "Marysia, você é maravilhosa. Gosto de você, mas preciso mudar. Felicidades. Você pode continuar a morar aqui, se quiser. Abraços. Stanislaw".

JULHO DE 1944

Eu andava muito abalado, mas continuava a fazer negócios com cigarros. Abalado, irritado, com os nervos estourando. Desde o início da guerra, em 1939, até aquele dia, só destruição, mortes, perseguição, terror. A minha família, dizimada no Gueto, meus amigos desaparecidos, a confissão chocante de Zofia...

Andei com passos firmes rumo à casa do amigo Jusek. Anoitecia e iríamos ter mais uma noitada de jogo de cartas. E vodca! Ah! eu detestava vodca, mas precisava fingir que era polonês. Aprendi a tomá-la direto, em duas goladas. Outras vezes tomava vagarosamente. Quando me perguntavam por que não virava o copo de uma vez só, respondia que desejava saboreá-la aos poucos, sentir o gosto... a delícia da bebida polonesa! E todos ficavam satisfeitos com a resposta e enchiam novamente os seus copos. No meio do jogo, chamaram-me ao telefone. Era Marysia.

– Stanislaw, ouça com atenção o que vou lhe dizer. Não se faça de tolo!

– Pode falar, querida – forcei o "querida" para disfarçar.

– Eu estarei esperando você, amanhã, às 17 horas, na porta do Teatro Novosci. De lá iremos para o apartamento em que morávamos juntos... está ouvindo?

– Sim... ouvindo, entendo. Teatro... boa idéia! – Ansioso, comecei a pensar no que iria fazer. Ela falava de um jeito ríspido, nervosa:

– Vamos fazer amor, amanhã, de noite, de madrugada... Entendeu?

– Entendo...

– Se não aparecer, ou se aparecer e me recusar, eu o entregarei à Gestapo! – berrou ao telefone para me intimidar. E aquele horário era um dos preferidos pelos alemães para a escuta telefônica. Gelado, procurei desligar logo:

– Você já me falou sobre isso, lembra-se?

– Às 17 horas. Esteja lá... não me despreze!

– Claro, às 17 horas. Dê um beijo em sua mãe... – disfarçava o nervosismo. Ela ainda murmurou entre dentes, com a voz quente, irritada:

– Cinco horas!

– Combinado!

O dia seguinte seria 1º de agosto de 1944.

Sentei-me à mesa, voltando ao jogo. Ninguém ficou curioso com nada e sorvi alguns goles de vodca. Perdi todas as partidas seguintes. Parecia que, na figura das cartas, na dama vermelha de ouros, surgia Marysia, movendo-se, sensual, em roupas íntimas, olhando-me provocativa, excitada. Os valetes e reis, de paus e copas, transfiguravam-se em nazistas, policiais. Gestapo. Outro gole de vodca. E o pensamento não parava.

Ao despedir-se, Jusek levou-me até a porta e indagou:

– Como está a situação?

– Ela insiste. Deu um prazo até amanhã, às 17 horas...

– O que fará, meu amigo? – Jusek colocou a mão no meu ombro, sério, esperando a resposta:

– Não sei... preciso pensar numa saída!

– Leve-a para a cama. Acabe com esse drama... Eu faria isso! – Jusek murmurou com voz embargada, emocionado.

– Não posso...

– Procure poder... é a guerra! Eu temo por você! Uma mulher desesperada coloca tudo a perder! – Jusek falava com nervosismo. Não entendia nada de tradições judaicas.

– Obrigado... até amanhã!

Despedimo-nos e Jusek me deu um abraço fraternal. Que situação! Amar quem? Como? Onde? Amar Zofia? Impossível. Marysia? Nem pensar. A viúva da loja...???

Ao acordar, na manhã seguinte, levantei-me disposto a trabalhar.

D-us, ajude-me! Não devo e não posso fazer o que ela deseja! Sairei, proteja-me, preciso trabalhar. Não poderei ficar esperando a morte! – fiz uma oração e me dirigi ao banheiro. Os velhinhos poloneses me sorriam.

O LEVANTE DE VARSÓVIA

Lavei-me devagar, deixando a água cair sobre ombros e cabeça. Parecia que estava de ressaca, mas tinha decidido não ceder aos caprichos de Marysia. Saí pouco depois das 9 horas. Minha cabeça latejava: 5 da tarde, 5 da tarde... 17 horas... Teatro Novosci... Marysia... Gestapo... sexo!

Passei aquele dia de agosto pensando no que faria. Mal me alimentei, mas cuidei de todos os meus negócios, pontos, contatos, recolhimento de cigarros. Percebi, em vários pontos da cidade, grupos de homens cochichando. Por que aquela mulher precisava me torturar daquele jeito? Pensava e não dei importância àqueles pequenos grupos de homens cochichando. O dia passou e, terminado meu trabalho, algum dinheiro no bolso, estoque de cigarros devidamente guardado, vi no relógio: 16h45. Faltavam 15 minutos. Momento em que deveria começar a caminhar para o teatro. Relutava, resistia, decidido a não ir encontrá-la. Entreguei o destino a D-us. E "D-us não joga dados"... Einstein sabia o que dizia.

De repente, inopinadamente, bombas começavam a explodir e ouvia-se de todos os lado o ruído estridente das metralhadoras e das pistolas. Correria, gritaria, sirenes, o inferno recomeçara. Era a Resistência polonesa contra o nazismo, o Levante de Varsóvia. Os nazistas

foram apanhados de surpresa e caíam como passarinhos, enquanto suas armas eram recolhidas para reforçar o armamento rebelde. Militares, civis, jovens, velhos estavam unidos contra os alemães. Procurei abrigar-me, escudando-me nas portas dos edifícios, caminhando com cuidado, procurando chegar ao meu apartamento. O espetáculo dantesco não escolhia vítimas. O ódio dos poloneses aos nazistas era maior do que contra os russos. Estes tinham avançado até o bairro de Praga, do outro lado do rio Vístula, onde acamparam, vendo o desenrolar do conflito entre poloneses e alemães celebrando com muita vodca. Ficavam apreciando a luta com binóculos. A revolta visava atrair os russos, mas estes deixaram o carro da história passar. A Gestapo prendia, batia, humilhava, violentava e torturava.

Os poloneses viam a realização da profecia judaica, quando o Gueto estava em chamas, destruído:

"Saibam que, após acabarem conosco, os alemães acabarão com vocês!" – dizia o texto de um dos panfletos redigidos no Gueto.

Ninguém acreditou na época. Os poloneses riram da previsão, continuando indiferentes diante da perseguição contra os judeus. A história mostrou que os rebeldes do Gueto de Varsóvia tinham razão.

Varsóvia agora levantava-se contra os nazistas. Enquanto isso, os russos brindavam a luta entre alemães e poloneses, que morriam lado a lado. Após a batalha, seria muito mais fácil para eles entrarem na capital.

Gritaria, tiros, metralhadoras, corpos tombando. Às 17 horas em ponto explodiu o Levante de Varsóvia.

As ruas se transformaram em inferno diante do pânico, tiros e batalhas corpo a corpo entre o povo, a Resistência e os soldados alemães. Sirenes, ruído de caminhões e tanques avançando, matando mulheres, jovens, crianças. Querendo livrar-me daquela situação, sob uma marquise, esbarrei em uma senhora que estava com uma jovem. Olhamo-nos e, assustados, começamos a conversar. Elas me disseram que residiam no prédio ao lado.

– Vamos, tentemos chegar até lá – eu lhes disse e, procurando protegê-las, fomos caminhando, espremendo-nos entre as pessoas aterrorizadas.

Chegamos ao prédio em que as duas moravam e, no saguão, elas me convidaram a subir. Eu aceitei. As janelas estavam fechadas mas podiam-se ouvir gritos de desespero. Em silêncio, orei:

– "Ó D-us meu, obrigado pela proteção. Eu deixei em suas mãos meu destino e o que fazer hoje, 1º de agosto. Obrigado, meu D-us!" – eu falava e olhava o teto em contrição, porque a Providência me salvara novamente.

– Senhor... senhor... sente-se mal? – indagou a senhora.

– Ah, estou orando e pensando... Sabem, eu sou da Resistência!

– Resistência? – perguntou a moça.

– Sim. Preciso sair de Varsóvia – confirmei e respirei fundo.

– Se pudermos ajudá-lo...

A mãe e a filha se entreolharam, entre tímidas e preocupadas, como que se indagando sobre o que poderiam fazer por aquele que as ajudara.

– Agradecerei.

Eu raciocinava rapidamente: ficar ali seria perigoso, tentar voltar para minha casa, junto ao casal de velhos, poderia ser fatal: o meu quarto ficava do outro lado da cidade.

Voltei a pensar em Marysia, que estava me esperando no teatro, bem no momento em que explodiu o Levante. Estremeci, mas pensei: "Como ela se sairá?" Aquela jovem desesperada... O Levante me salvara temporariamente.

– Precisamos fugir. Não sei para onde, mas precisamos. Logo os nazistas estarão invadindo apartamentos, prendendo, matando, como já fizeram com vários amigos meus... e outros da Resistência. Se me pegarem aqui, vocês também morrerão.

– Fugir como? – a mocinha indagou, assustada.

– Senhorita, nós estamos perdendo a batalha para os alemães. Estão prendendo homens, jogando-os em caminhões, matando sem perguntar ou levando-os para campos de concentração na Alemanha. As ruas estão cheias de cadáveres... Precisamos fugir!

Havia saídas controladas por alemães.

Fugir! Continuar a fugir. E Zofia, por onde andaria? Já fazia algum tempo que não a via... Pensava nela com amor, prometera ajudá-la, protegê-la, mas, de repente no meio da guerra, das fugas, ela sumira. Sabia que ela estava disfarçada de polonesa, era bonita, e saberia usar seus dotes... Olhei para o alto, fiz uma oração, pedindo proteção para ela. Aquela imagem de adolescente, e os momentos em que ela tentara me seduzir, após a frustração... aquele corpo...

– Ah, Zofia! – pensava eu. Deverá sobreviver... deverá...

– Como eu e minha filha podemos ajudá-lo? – perguntou a senhora, interrompendo-me os pensamentos.

– Não sei... Talvez um vestido... Eu me fantasio de mulher e saímos os três deste inferno.

– Ah, sim, temos isso! Vamos colocar-lhe uma peruca, sapatos, vestido... ficará perfeito. – E chamou a filha para escolherem as roupas.

Minutos depois eu parecia uma mulher, uma senhora bem velha, com bengala e tudo. Saímos caminhando sem pressa, entre destroços, barulheira infernal, gritos.

Chegamos à estação ferroviária tumultuada: todos queriam fugir de Varsóvia. Infiltrei-me entre as pessoas e agilmente cheguei ao guichê. Comprei três passagens para Tomaszow. Preocupados em enfrentar a rebelião, os alemães não suspenderam os trens e relaxaram o policiamento na estação: sua fúria estava voltada contra os revoltosos comandados pela Resistência.

As notícias chegavam ao lugarejo. Hitler determinara a destruição de Varsóvia. Foram empregados tanques, lutas corpo a corpo e bombardeios. A luta durou dois meses, até 2 de outubro de 1944, com um saldo de 17 mil soldados alemães mortos e 6 mil feridos. 180 mil civis mortos e a cidade transformada em cinzas. Paisagem desoladora. Os nazistas recolhendo os corpos de poloneses e jogando-os em valas comuns. Dos alemães eram retiradas as identificações para mandá-las aos parentes.

HERÓI DA RESISTÊNCIA

Os jovens de Tomaszow olhavam-me provocativamente. Eu estava num albergue, como tantos outros que para lá se dirigiram, fugindo de Varsóvia.

– Ei judeu! Você parece judeu!

Eu os olhava sereno, sacudia os ombros, silenciava. Em Tomaszow havia dois albergues para os refugiados, um feminino e outro masculino, mais afastado do centro. A situação era insustentável, não saberia o que fazer, caso tirassem minhas calças.

Saí pelas ruas do lugarejo procurando uma solução. Entrei num bar e lá, entre um copo de vodca e outro, comecei a conversar com alguns homens que moravam no local. Apresentei-me como Stasiek, oficial da Resistência, que participara do Levante de Varsóvia, matara vários alemães e conseguira escapar da chacina.

– Como escapou? – indagou um deles, curioso.

– Vestido de mulher.

– Essa é boa – resmungou outro.

– Mas o problema agora é outro... – disse eu, preocupado.

– O que há amigo? – inquiriu um rapaz.

– Há uma rapaziada aqui na cidade que anda me acusando de ser judeu... E você sabe... se os alemães cismarem...

– Quem são?

– Moram lá no albergue.

– Não se preocupe que nós iremos ajudá-lo.

O líder do grupo reuniu quatro homens e, às três da madrugada, foram bater no albergue onde estávamos hospedados:

– Vocês aí, abram – gritou, imperativo, o líder.

Um homem sonolento abriu a porta assustado. Viu os quatro armados e empalideceu ao ouvir:

– Vocês hospedam um importante patriota de Varsóvia. Alguém o está perseguindo, pensando que ele é judeu! Parem com isso! Se continuarem, viremos tocar fogo na casa e fuzilar quem o persegue. Ele é um herói da Resistência e escapou de Varsóvia. Matou muitos alemães... Entenderam?

– Sim... perdoem. A aparência dele...

– Cale a boca! Aparência nada... Ele parece judeu? Você parece judeu, todo loiro pode ser judeu. Somos poloneses e ele resistiu bravamente aos nazistas...

– Compreendo – respondeu o velho, apavorado.

No lugarejo fiquei amigo de um velho de seus 60 anos, Tadeuz, que era mascate. Trocamos idéias e associei-me então a Tadeuz para a compra de material velho, máquinas e diversos objetos que podiam ser adquiridos numa cidadezinha próxima, pois lá havia muitas máquinas e objetos de Varsóvia, que estava praticamente destruída. Saímos vendendo, trocando e sobrevivendo. O velho me servia de escudo e apresentava-me a seus conhecidos. Entretanto, corríamos riscos, pois viajávamos sempre sem salvo-conduto. Tadeuz achava que eu era mesmo da Resistência.

NOVEMBRO DE 1944

A intuição bafejou-me novamente. No dia 11 de novembro de 1944 decidi procurar o chefe do quartel alemão na cidade. Precisava de um salvo-conduto para as minhas andanças pelas estradas de ferro. Precisava negociar, trocar objetos, sobreviver da melhor maneira possível. Aproximei-me do alemão apresentando-me:

– Stanislaw Rozanski! – disse, ereto, cabeça erguida, entregando-lhe a *Kenkarte*.

– Quantos dias?

– Cinco dias. De 11 a 15 de novembro, para visitar uma tia em Pruszkow.

– Sim, senhor – aceitou o alemão, educadamente, e sentou-se à máquina de escrever, preencheu o salvo-conduto que assinou e entregou, junto com a *Kenkarte.*

– *Gute reise*! (Boa viagem)

– Obrigado.

Pegamos o trem para Pruszkow. O trem partiu às 19 horas. Permanecemos quietos, ouvindo o ranger das rodas, o apito, vendo a paisagem. Cerca de meia hora depois ouvimos uma grande explosão. Um barulho infernal, todos os passageiros sendo atirados dos bancos, o trem descarrilando. Gritos de desespero e dor, vagões engavetados, cabeças e corpos esmagados, gemidos, braços e pernas arrebentados. Eu e meu

sócio caímos do banco, mas conseguimos sair ilesos, ajudando a retirar feridos pelas janelas. Durante a operação de resgate surgiu outro trem com alemães na linha contrária. Os alemães desceram gesticulando, gritando:

– Poloneses matando poloneses! Seus compatriotas estão matando vocês! Quem quiser voltar para a cidade entre neste trem. Quem não quiser, fique esperando outro...

A maioria dos feridos subiu e retornou com o trem cheio de alemães. Nós ficamos esperando por outro comboio que nos levasse até Pruszkow. Homens auxiliados por guindastes retiraram os vagões e a locomotiva descarrilados. Logo que desobstruíram a linha, outro trem passou e seguimos viagem. Era o dia 11 de novembro, dia da independência da Polônia. A Resistência julgara que o trem estaria lotado de alemães e minara os trilhos. A tragédia vitimou apenas poloneses.

Chegando a Pruszkow, fomos fazer as compras e fui informado de que, se quisesse, poderia adquirir o violino do *spalla* da Sinfônica de Varsóvia. Ele passava por muitas dificuldades e estava disposto a vender o instrumento.

O VIOLINO ALBANY

Em Pruszkow comecei a procurar o *spalla*. Diziam que o homem tocava com muito sentimento e eu queria ouvi-lo. Obcecado por música, não desanimei até encontrá-lo.

Apresentei-me como um amante da música e pedi para experimentar o violino maravilhoso que o *spalla* tinha, um Albany de raríssima sonoridade. O músico concordou e peguei aquela preciosidade nas mãos. Comecei a tocar com todo o meu sentimento e as pessoas presentes foram me rodeando, primeiro admiradas e depois me aplaudindo. A música me pulsava na alma. Quis comprar-lhe o Albany.

– Eu lhe vendo outro, tenho muitos... disse o *spalla*. Este eu não vendo...

– Eu lhe dou tudo o que tenho, senhor – e saquei do bolso as últimas moedas de ouro, exibindo-as. O homem arregalou os olhos e não resistiu. Vendeu o violino com o arco meio ruim que logo consertei.

Retornamos imediatamente a Tomaszow. Os alemães estavam em polvorosa em Pruszkow, perseguindo resistentes e foragidos judeus.

– Tadeuz, veja quantos alemães. Alguma coisa errada está acontecendo por aqui. – A bagagem estava ao lado, os alemães fazendo revistas, exigindo documentos.

– Documentos! – intimou um alemão.

Sorri, sem demonstrar medo. Tirei os documentos, a *Kenkarte* e o salvo-conduto e entreguei-os. O alemão olhou, conferiu e me devolveu:

– Em ordem! – e vendo os volumes perguntou:

– Esta bagagem é sua?

– Não – respondi com frieza e firmeza.

Preferia perder a bagagem a ser preso. Tadeuz, ao meu lado, nem foi molestado. Os alemães continuaram a revista e a bagagem foi esquecida por alguns minutos. Algumas pessoas foram conduzidas a um caminhão e, numa distração dos nazistas, eu disse a Tadeuz:

– Aí vem o trem, vamos rápido, vamos!

Pegamos as bagagens e as jogamos para dentro, saltando no vagão. O apito soou três vezes e o trem partiu. Ficamos aliviados e sorrimos um para o outro.

O sacolejar do trem fez-me fechar os olhos e, num relance, passou-me pela mente a lembrança de Zofia, minha ex-noiva, que tanto me magoara. A viúva lojista... E Marysia, por onde andaria? O Levante do Gueto... O Levante de Varsóvia... Todas as lembranças que ficariam para sempre marcadas na minha vida. Lembrei-me da lenda dos justos. Segundo a **Cabalá**, existem no mundo 36 justos que equilibram o planeta. Eu tive sorte, eu conhecera alguns...

Abri os olhos e olhando para o teto do trem, perguntei-me: "Será que ainda estou vivo?" É claro que estava e voltava para Tomaszow. Afinal, pensei, quem faz o bem recebe o bem... Só faltava a guerra terminar e eu voltar a compor... agora acompanhado do meu lindo violino Albany.

Chegamos a Tomaszow ilesos. Depois de negociar as mercadorias pela cidade, despedimos-nos e cheguei ao albergue muito cansado por causa do dia que tivera. Tinham sido fortes momentos de tensão só compensados pela alegria do violino. Lembrando-me do instrumento, saquei-o perante o espanto geral dos moradores, comecei a tocar com

todo sentimento, a alma feliz e satisfeita. O momento era mágico e a música preenchia o ambiente, tornando-o alegre, festivo.

A minha fama de músico espalhou-se pelo povoado e passei a ser recebido com satisfação e alegria pelos seus habitantes. A execução das músicas atenuava a angústia da guerra e parecia que, além de mim, meus ouvintes também entravam em processo de levitação.

As notícias chegavam rápidas: os alemães estavam sendo derrotados em todas as frentes. Os bombardeios aliados haviam reduzido a cinzas várias cidades alemãs. Dresden, Colônia e Berlim também eram alvo de constantes ataques dos aviões ingleses e americanos. Os alemães em fuga, era tudo o que queria o exército russo para avançar, desde o leste europeu, e tomar a Polônia: já haviam entrado em Varsóvia e continuavam avançando.

Os alemães iniciaram a retirada de Tomaszow, e o ruído ensurdecedor das metralhadoras e bombas distantes começou a aproximar-se, demonstrando que os russos ganhavam terreno. A população em pânico começou a fugir para a mata, enquanto muitos alemães, apanhados de surpresa, iam sendo abatidos, enquanto outros se rendiam. Os russos invadiram o lugarejo por várias frentes e, na confusão, ficaram sem o sistema de radiocomunicação, não percebendo que estavam sendo bombardeados pelos próprios russos, em fogo cruzado, chamado de "fogo-amigo" .

O povo corria em direção ao matagal: jovens, velhos, mulheres, pareciam estar participando de uma maratona pela vida. As bombas iam sendo despejadas dos aviões, explodindo: corpos caíam despedaçados, pessoas feridas pelos estilhaços, algumas baleadas por metralhadora. Eu também saí correndo, sentindo que ali poderia estar o meu fim. Corria em ziguezague, respirando com dificuldade, mas ainda rezei sem que ninguém pudesse perceber.

– É o fim... Oh, D-us, ajude-me! Ajude a todos nós!

Respirei fundo, acelerando a corrida ao máximo de minhas forças, penetrando na mata, com as bombas caindo por todos os lados. Joguei-me atrás de algumas árvores e me encolhi. A oração embaralhava-me o cérebro, incapaz de raciocinar. Por mais frio que eu fosse, naquele momento perdera o controle do raciocínio. À minha frente, entre os galhos e troncos, avistava a cidade em fogo, a confusão total, a fumaça; soldados, gritos... O terror diante da morte tomara conta de poloneses, enquanto alemães erguiam os braços, largando as armas... corpos tombando.

Silêncio repentino. O fogo cessara. Expectativa.

Sinos bimbalhando. A força dos sinos abafou minha respiração. Um grito longínquo:

– Liberdade! Liberdade!

Outros gritos crescendo, crescendo:

– Acabou a guerra! A guerra acabou!

O povo começou a gritar, alucinado, juntando-se, pulando, dançando em meio aos mortos e feridos, silhuetas confundindo-se com a fumaça, parecendo que a população de Tomaszow enlouquecera:

– A Alemanha foi derrotada! Liberdade! A guerra acabou!

O sino repicava com mais força. Levantei-me, caminhando vagarosamente em direção à multidão que confraternizava com os soldados soviéticos. Ironia: alguns soldados alemães sorriam e queriam se integrar à alegria, escoltados pelos russos!

Corri até a pensão, entrei afobado, peguei o meu violino e voltei às ruas, no meio do povo, tocando músicas folclóricas judias, polonesas, russas, alemãs! Para mim, apesar do nazismo, a música era universal! Bach, Beethoven, nada tinham com os nazistas... Tocava, dançava, sorria, chorava... Esqueci o perigo, suspirando, cantarolando, tocando o violino com amor, paixão, como se estivesse ressuscitando, após tantos anos de angústia...

O povo cantava, dançava, rodeando-me de braços dados, mãos dadas, abraçando-se, beijando-se, erguendo ao céu uma prece de agradecimento a D-us. Aviões faziam piruetas, vôos rasantes entre as nuvens.

Tocando o violino, olhei para o céu:

– Estou vivo! Venci! Venci! – No azulado do céu e no branco das nuvens, vi a face meiga e linda de minha mãe que parecia sorrir. E o rosto de meu pai, barbudo, murmurando:

– Moshe, você viverá, nada lhe acontecerá esteja onde estiver, meu filho...

As lágrimas me enevoaram os olhos, e eu soluçando, gritei com todas as forças do meu corpo:

– Estou vivo, pai! Estou vivo, mãe!!!...

FIM

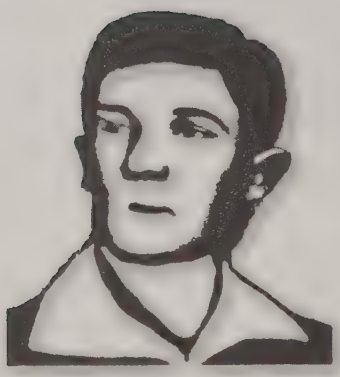
Moshe vive hoje no Brasil. Está com 82 anos de idade. Ele encontrou Paulina, pela última vez, em 1980, na Alemanha, casada e mãe de um filho médico.

FOTOS

Meu Pai

Minha Mãe

Michel
(depois da doença
que me abateu em 1928)



Mordechaj Anielewicz — komendant Żydowskiej Organizacji Bojowej w getcie warszawskim. Zginął wraz z członkami sztabu powstania 8.5.1943 r.

מרדכי אַניעלעוויטש — קאָמענדאַנט פון דער יידישער קאַמפּף־אָרגאַניזאַציע. אומגעקומען צוזאַמען מיטן שטאַב פון דער יידישער קאַמפּף אָרגאַניזאַציע, דעם 8־טן מאַי 1943 יאָר.

Mordechaj Anielewicz — Commandant of the Jewish Resistance Organization in the Warsaw ghetto. He died along with members of the uprising 8th May 1943

Mordechaj Anielewicz — commandant de l'Organisation Combattante Juive dans le ghetto de Varsovie. Il a trouvé mort avec membres de l'état-major de l'insurrection le 8 mai 1943

Мордехай Анелевич — комендант Еврейской боевой организации в варшавском гетто. Погиб вместе с членами штаба восстания 8.У.1943 г

Mordechaj Anielewicz, der Kommandant der Jüdischen Kampforganisation im Warschauer Getto. Er fiel gemeinsam mit Mitgliedern des Stabes des Aufstandes am 8 Mai 1943

Fotos cedidas pelo Museu Yad Vashem de Jerusalém.

Powstanie w getcie warszawskim. Wyciąganie Żydów z podziemnych bunkrów

דער אויפשטאַנד אין האַרשעהער געטאָ. דאָס אַרויסשלעפן יידן פון אונטערערדישע בונקערס.

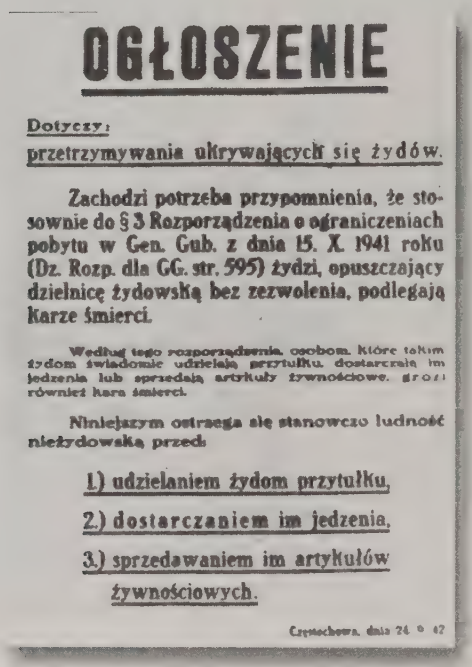
Uprising in the Warsaw ghetto. Jews led out of underground shelters

L'insurrection dans le ghetto de Varsovie. Les Juifs retirés des blockhaus souterrains

Восстание в варшавском гетто. Евреев вытягивают из подземных бункров

Der Aufstand im Warschauer Getto. Juden werden aus den unterirdischen Bunkern herausgeschleppt

As reproduções de documentos (polonês, alemão) e informativos, a seguir, foram cedidas pelo Consulado da Polônia. Todas estão acompanhadas das respectivas traduções para o português.



OGŁOSZENIE

Dotyczy:
przetrzymywania ukrywających się żydów.

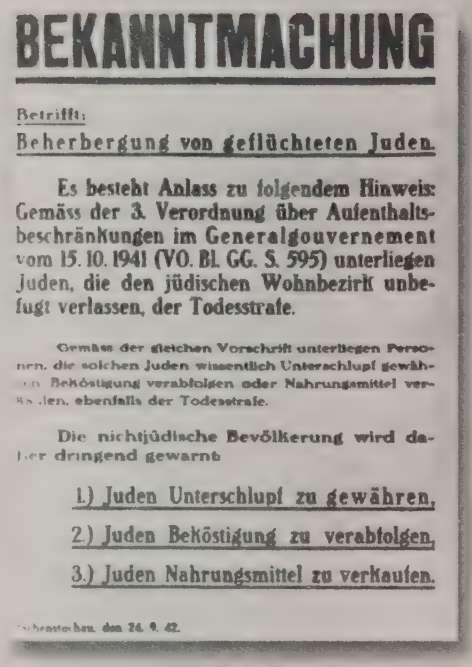
Zachodzi potrzeba przypomnienia, że stosownie do § 3 Rozporządzenia o ograniczeniach pobytu w Gen. Gub. z dnia 15. X. 1941 roku (Dz. Rozp. dla GG. str. 595) żydzi, opuszczający dzielnicę żydowską bez zezwolenia, podlegają karze śmierci.

Według tego rozporządzenia, osobom, które takim żydom świadomie udzielają przytułku, dostarczają im jedzenia lub sprzedają artykuły żywnościowe, grozi również kara śmierci.

Niniejszym ostrzega się stanowczo ludność nieżydowską przed:

1) udzielaniem żydom przytułku,
2) dostarczaniem im jedzenia,
3) sprzedawaniem im artykułów żywnościowych.

Częstochowa, dnia 24. 9. 42



BEKANNTMACHUNG

Betrifft:
Beherbergung von geflüchteten Juden.

Es besteht Anlass zu folgendem Hinweis: Gemäss der 3. Verordnung über Aufenthaltsbeschränkungen im Generalgouvernement vom 15. 10. 1941 (VO. Bl. GG. S. 595) unterliegen Juden, die den jüdischen Wohnbezirk unbefugt verlassen, der Todesstrafe.

Gemäss der gleichen Vorschrift unterliegen Personen, die solchen Juden wissentlich Unterschlupf gewähren, Beköstigung verabfolgen oder Nahrungsmittel verkaufen, ebenfalls der Todesstrafe.

Die nichtjüdische Bevölkerung wird daher dringend gewarnt:

1) Juden Unterschlupf zu gewähren,
2) Juden Beköstigung zu verabfolgen,
3) Juden Nahrungsmittel zu verkaufen.

Częstochau, den 24. 9. 42.

Copex Traduções/Translations/Tłumaczenia/Переводы
Inglês-Espanhol-Polonês-Russo / English-Spanish-Polish-Russian / Angielski-Hiszpański-Polski-Rosyjski

Tradução do idioma polonês

PROCLAMAÇÃO

Referente a:
prestação de ajuda a judeus que se escondem.

É necessário lembrar que de acordo com o § 3 do Decreto sobre a limitação da estadia no território do Governo Geral (a parte da Polônia ocupada pelos alemães) do dia 15 de outubro de 1941 (Diário Oficial do Governo Geral, página 595), os judeus que saem sem a permissão do bairro judeu são sujeitos à pena de morte.

Segundo esse decreto as pessoas que, conscientemente, dão abrigo a tais judeus, que lhes fornecem comida ou vendem alimentos estão também sujeitas à pena de morte.

Pelo presente advertimos com firmeza a população não judaica contra:
1. dar abrigo aos judeus,
2. dar-lhes comida,
3. vender-lhes alimentos

Czestochowa, dia 24 de setembro de 1942.

Capitão Comandante da Cidade
Dr. Franke

BEKANNTMACHUNG

Durch das Standgericht der Sicherheitspolizei sind wegen begangener Straftaten, nämlich wegen Zugehörigkeit zu einer illegalen Organisation, Banditenhilfe, Judenbeherbergung, Waffenbesitzes, Nichtanzeige von Waffenbesitz und wegen Flugblattverbreitung auf Grund des § 1 oder 2 der Verordnung vom 2.10.1943 folgende Personen zum Tode verurteilt worden.

1. **Perycz Jan** Geb. 17.6.1923
2. **„ Zbigniew** „ 14.6.1924
3. **„ Tadeusz** „ 7.9.1882
4. **Szmurlo Zenon** „ 4.6.1923
5. **Kalinowski Zdzislaw** „ 30.6.1924
6. **Kniazinski Wieslaw** Geb. 23.8.1926
7. **Bartniczuk Eliasz** „ 20.8.1920
8. **„ Jan** „ 24.11.1916
9. **Solka Franciszek** „ 1900
10. **Jerzy Paplinski** „ 22.9.1923

Als Sühne für den Mord am 15.12.43 an dem Leiter des Grenzpolizeikommissariates in Siedlce, SS-Untersturmführer JULIUS DUBE, sind die oben genannten Personen hingerichtet worden.

[illegible]

WARSCHAU DEN 17 DEZEMBER 1943

Der SS-und Polizeiführer
IM DISTRIKT WARSCHAU

OBWIESZCZENIE

PRZEZ SĄD DORAŹNY POLICJI BEZPIECZEŃSTWA ZA POPEŁNIENIE PRZESTĘPSTW A MIANOWICIE ZA NALEŻENIE DO NIELEGALNEJ ORGANIZACJI, ZA UDZIELENIE POMOCY BANDYTOM, PRZECHOWYWANIE ŻYDÓW, POSIADANIE BRONI, ZA NIEDONIESIENIE O BRONI I ZA ROZSZERZANIE ULOTEK, NA PODSTAWIE § 1 LUB 2 ZARZĄDZENIA Z DNIA 2.10.1943 R. ZOSTAŁY SKAZANE NA KARĘ ŚMIERCI OSOBY WYMIENIONE

1. **Perycz Jan** Urodz. 17.6.1923
2. **„ Zbigniew** „ 14.6.1924
3. **„ Tadeusz** „ 7.9.1882
4. **Szmurło Zenon** „ 4.6.1923
5. **Kalinowski Zdzisław** „ 30.6.1924
6. **Kniaziński Wiesław** Urodz. 23.8.1926
7. **Bartniczuk Eliasz** „ 20.8.1920
8. **„ Jan** „ 24.11.1916
9. **Solka Franciszek** „ 1900
10. **Paplinski Jerzy** „ 22.9.1923

[illegible] SS Untersturmführera JULIUSZA DUBE

[illegible]

Dowódca SS- i Policji
NA DYSTRYKT WARSZAWSKI

Warszawa, dnia 17 grudnia 1943

Copex *Traduções/Translations/Tłumaczenia/Переводы*
Inglês-Espanhol-Polonês-Russo · English-Spanish-Polish-Russian · Angielski-Hiszpański-Polski-Rosyjski

Tradução do idioma polonês

PROCLAMAÇÃO

As pessoas abaixo indicadas foram condenadas à pena de morte pelo Tribunal Sumário da Polícia de Segurança com base no § 1 ou 2 do decreto do dia 2 de outubro de 1943 por cometer os seguintes crimes, pertencer a uma organização ilegal, prestar ajuda a bandidos, abrigar os judeus, possuir armas, não informar sobre armas, e distribuir panfletos

(Lista)
(Sobrenome e nome em negrito, ao lado com letra pequena a data de nascimento)

As pessoas acima indicadas foram fuziladas pelo assassinato, cometido no dia 15 de dezembro de 1943, na pessoa do chefe da Delegacia da Polícia de Segurança em Siedlce, SS-Untersturmführer JULIUSZ DUBE
Caso nos próximos 3 meses sejam cometidos ataques contra alemães, contra cidadãos dos países aliados com o Reich Alemão, ou contra os alemães que trabalham para a obra de reconstrução do Governo Geral (a parte da Polônia ocupada pelos alemães), então por cada ataque à tal pessoa serão executados publicamente pelo menos 10 poloneses, quer dizer pelos crimes cometidos por elementos comunistas - os membros de organizações comunistas, e pelos crimes cometidos por outros grupos de resistência - as pessoas que pertencem a esses círculos. Está agora nas mãos de cada polonês, através de captura imediata dos autores desses crimes, através da influência exercida contra as pessoas enganadas, ou através de fornecimento dos nomes das pessoas suspeitas, de salvar as vidas das pessoas acima indicadas, que vão perdê-la por cometer crimes, mas que podem ser perdoadas graças a um ato de clemência do Governo

Comandante da SS e da Polícia
Para o distrito de Varsovia

Varsovia, dia 17 de dezembro de 1943

BŁOGOSŁAWIENI, KTÓRZY W CZASIE GROMÓW NIE UTRACILI RÓWNOWAGI DUCHA

Kasprowicz.

BIULETYN informacyjny

Rok V | Warszawa, 1 kwietnia 1943 r. | Nr. 13 (168)

Komunikat

Dnia 26 marca o godz. 17.35 w Warszawie u zbiegu ulic Bielańskiej i Długiej oddział Sił Zbrojnych w I raju zaatakował samochód, wiozący więźniów z Al. Szucha na Pawiak. Uwolniono kilkunastu więźniów, wśród których jeden był w stanie bardzo ciężkim po badaniach. W starciu zabito, względnie raniono, 1 umundurowanego policjanta niemieckiego i 3 cywilnych.

Kierownictwo Walki Konspiracyjnej.

28.III.1943 r.

AKCJA ZBROJNA? TAK — LECZ OGRANICZONA!

Są ludzie, którzy nie zdają sobie dokładnie sprawy z tej fazy walki z okupantem, w jakiej znajduje się obecnie Kraj. Ludzie ci nie bardzo pojmują, dlaczego Kierownictwo Kraju z jednej strony sprzeciwia się obecnie nastrojom powstańczym, odradza ucieczki „do lasu", tępi wszelką przesadę panikarsko-„bohaterską", z drugiej zaś strony — pochwala i organizuje takie akcje jak bój pod Krasnobrodem, rugowanie ogniem i kulą świeżych osiedleńców niemieckich w zamojszczyźnie, wyzwalanie z bronią w ręku więźniów politycznych, różnego rodzaju sabotaże itp. Wyrazem tej rzekomej dwoistości są dwa pozornie sprzeczne hasła, pod któremi od szeregu miesięcy wychodzi B.I.: „Błogosławieni, którzy w czasie gromów nie utracili równowagi ducha" oraz „Święty Boże, Święty Mocny, Święty a Nieśmiertelny — błogosław odważnym i dzielnym".

Pragniemy rzecz wyjaśnić.

„Równowagi ducha" nigdy nie utożsamialiśmy z bezczynnością sił zbrojnych w Kraju. Odpowiednie komórki wojskowe i z wojskiem powiązane wykonywały wyznaczone im doraźne zadania bojowe. Tyle tylko, że z różnych względów nie widzieliśmy potrzeby podawania do wiadomości publicznej tych akcyj i robienia wokół nich szumu. Dopiero od kilku miesięcy uznaliśmy za wskazane komunikowanie od czasu do czasu tego czy innego faktu.

Prowadząc tę walkę ograniczoną, uderzając nie na oślep, lecz tam gdzie trzeba i kiedy trzeba — równocześnie kategorycznie sprzeciwiamy się przedwczesnym nastrojom powstańczym i jakimś odruchowym aktom zbrojnej rozpaczy. Czynimy tak dlatego, iż w pełni zdajemy sobie sprawę z tego, że powstania Narodu nie można wywoływać co kwartał. **Powstanie można wywołać tylko jeden — jedyny raz. I musi to być bezwarunkowo powstanie udane.** Powstanie nieudane, nieprzygotowane, wywołane w nieodpowiedniej chwili — byłoby równoznaczne z utopieniem Kraju we krwi — krwi bez celu straconej — oraz wyniszczyłoby nasz najbardziej cenny element ludzki.

Benditos são aqueles que no tempo dos trovões
não perderam a serenidade de espírito
Kasprowicz

BOLETIM
de informações

Ano V Varsóvia, 1 de abril de 1943 No. 13 (168)

Comunicado

No dia 26 de março, as 17:35 em Varsóvia na esquina de ruas Bielanska e Dluga, um destacamento de Forças Armadas No País atacou o carro que transportava prisioneiros da avenida Szucha para a prisão de Pawiak. Foram liberados mais de dez prisioneiros, um dos quais encontrava-se no estado muito grave depois dos interrogatórios. Durante o ataque foram mortos ou feridos: um policial alemão uniformizado e 3 civis.

Direção da Luta Clandestina

28 de março de 1943

AÇÃO ARMADA? SIM – PORÉM LIMITADA!

Existem pessoas que não se dão conta desta fase da luta com o ocupante na qual atualmente encontra-se o País. Essas pessoas não entendem bem porque a Direção do País de um lado está agora contra o ambiente favorável a um levante, desaconselha fugas para "a selva" (para juntar-se aos guerrilheiros), combate qualquer exagero de pânico e de "heroísmo", mas de outro lado – elogia e organiza ações tais como: batalha nos arredores de Krasnobrod, expulsão pelo fogo e à bala de novos colonos alemães na região de Zamosc, liberação, com a arma em punho, de prisioneiros políticos, vários atos de sabotagem, etc. Espelham esta pretensa dualidade duas divisas supostamente contraditórias, publicadas a vários meses na página inicial do Boletim de Informações: "Benditos são aqueles que no tempo dos trovões não perderam a serenidade de espírito", e "Santo Deus, Santo e Poderoso, Santo e Imortal – abençoe os corajosos e os valentes".

Queremos esclarecer o assunto. Nunca identificamos "a serenidade de espírito" com a inação das forças armadas no País. Respectivas células militares e aquelas ligadas ao exército realizavam tarefas de combate ocasionais que lhes foram designadas. É preciso dizer porém que por vários motivos não vimos a necessidade de levá-las ao conhecimento público e de fazer barulho sobre elas. Somente há alguns meses chegamos a conclusão que é necessário informar sobre um ou outro fato.

Ao realizar essa luta limitada, não dando golpes às cegas, mas onde é necessário e no momento apropriado – ao mesmo tempo nos opomos ao ambiente favorável a um levante e a quaisquer instintivos atos armados de desespero. Fazemos isso porque temos plena consciência de que não se pode chamar a Nação a um levante a cada trimestre. **O levante pode ser iniciado somente uma única vez. E esse tem que ser um levante absolutamente bem sucedido**. Um levante mal sucedido, não preparado, iniciado num momento inadequado – seria equivalente ao afogamento do País em seu próprio sangue – o sangue desperdiçado inutilmente – e destruiria nosso mais precioso elemento humano.

Bekanntmachung

In der Zeit vom 29.1. bis 6.2.1944 sind wiederum in der Stadt Warschau und in der Kreishauptmannschaft Warschau-Land in 11 Fällen heimtückische Überfälle auf Deutsche und in deutschen Diensten stehende Personen durch feige polnische Verbrecher verübt worden. Hierbei wurden 5 Deutsche getötet, 7 Deutsche verletzt oder beraubt und 2 in deutschen Diensten stehende Polen verletzt oder beraubt. Es sind deshalb am 10.2.1944 von den durch das Standgericht der Sicherheitspolizei verurteilten Personen, die zunächst für einen Gnadenerweis in Aussicht genommen waren,

140 polnische Verbrecher,

die als Angehörige des PZP und der PPR im Solde Englands und Moskaus standen, öffentlich hingerichtet worden.

Die Bevölkerung Warschaus sowie der Kreishauptmannschaft Warschau-Land wird hiermit nochmals aufgefordert, alles zu tun, um weitere Überfälle auf Deutsche oder in deutschen Diensten stehende Polen zu verhindern oder zur Ergreifung der Täter mitzuwirken, damit weitere Hinrichtungen unterbleiben und die zum Tode verurteilten zur Personen Begnadigung vorgeschlagen werden können.

Warschau, den 11. Februar 1944.

DER KOMMANDEUR DER SICHERHEITSPOLIZEI UND DES SD FÜR DEN DISTRIKT WARSCHAU

Obwieszczenie

W czasie od 29.1 do 6.2.1944 zostały znowu w m. Warszawie oraz w naczelnym Starostwie Warszawa-Wieś w 11 wypadkach dokonane podstępne napady tchórzliwych Polaków na Niemców oraz na osoby, stojące na służbie Niemiec, przyczym 5 Niemców zostało zabitych, 7 Niemców zranionych wzgl. ograbionych oraz 2 Polaków, stojących w służbie niemieckiej, zranionych lub ograbionych. Wobec tego zostało w dniu 10.2.1944 z osób skazanych przez Sąd Doraźny Policji Bezpieczeństwa, a przewidzianych do ułaskawienia

140 polskich przestępców,

którzy jako członkowie PZP. i PPR. stali na żołdzie Anglji i Moskwy, publicznie straconych.

Ludność m. Warszawy oraz naczelnego Starostwa Warszawa-Wieś wzywa się ponownie do uczynienia wszystkiego, co przyczyniłoby się do przeszkodzenia dalszym napadom na Niemców lub na Polaków, w służbie Niemiec stojących, wzgl. współdziałania w przychwyceniu sprawców, aby tym samym wstrzymać dalsze akty straceń oraz dać możność dokonania laski ułaskawienia dla osób na śmierć skazanych.

Warszawa, dnia 11 lutego 1944 r.

DOWÓDCA POLICJI BEZPIECZEŃSTWA I SD NA DYSTRYKT WARSZAWSKI

PROCLAMAÇÃO!

Durante o período de 29 de janeiro a 6 de fevereiro de 1944 foram feitos de novo na cidade de Varsóvia e na Estarostia Geral da Região Rural de Varsóvia 11 atentados covardes de poloneses contra os alemães, e contra as pessoas a serviço da Alemanha. Nesses ataques 5 alemães foram mortos, 7 alemães feridos ou roubados, e 2 poloneses a serviço da Alemanha feridos ou roubados. Por esta razão, no dia 10 de fevereiro de 1944, das pessoas condenadas pelo Tribunal Sumário da Polícia de Segurança, e previstas para serem agraciadas com perdão

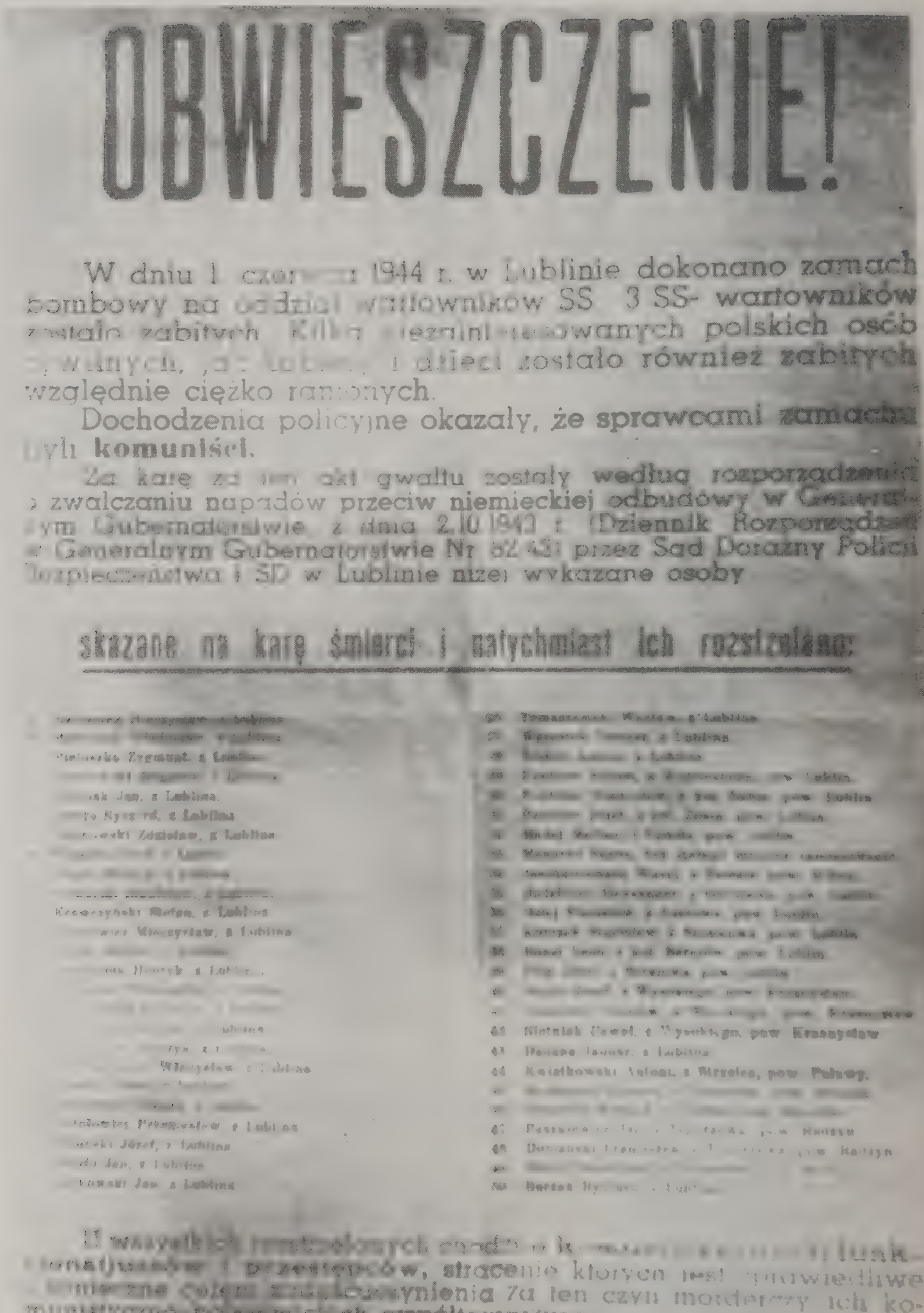
140 criminosos poloneses

que, como membros do PZP e do PPR estavam a soldo da Inglaterra e de Moscou, foram publicamente executados.

A população da cidade de Varsóvia e da Estarostia Geral da Região Rural de Varsóvia é novamente convocada para fazer todo o possível que contribuiria a impedir novos ataques contra os alemães ou contra os poloneses a serviço da Alemanha, ou para colaborar na captura dos fautores, para com isso parar novos atos de execução, e dar possibilidade de perdoar as pessoas condenadas à morte.

Varsóvia, dia 11 de fevereiro de 1944.

Comandante da Polícia de Segurança
e do SD para o distrito de Varsóvia



OBWIESZCZENIE!

W dniu 1 czerwca 1944 r. w Lublinie dokonano zamach bombowy na oddział wartowników SS. 3 SS- wartowników zostało zabitych. Kilku niezainteresowanych polskich osób cywilnych, [illegible] i dzieci zostało również zabitych względnie ciężko ranionych.

Dochodzenia policyjne okazały, że **sprawcami zamachu** byli **komuniści**.

Za karę za ten akt gwałtu zostały **według rozporządzenia o zwalczaniu napadów przeciw niemieckiej odbudowy w Generalnym Gubernatorstwie** z dnia 2.10.1943 r. (Dziennik Rozporządzeń w Generalnym Gubernatorstwie Nr 82/43) przez Sąd Doraźny Policji Bezpieczeństwa i SD w Lublinie niżej wykazane osoby

skazane na karę śmierci i natychmiast ich rozstrzelano:

[illegible] Zygmunt, z Lublina
[illegible] Jan, z Lublina
[illegible] Zdzisław, z Lublina
[illegible] Stefan, z Lublina
[illegible] Mieczysław, z Lublina
[illegible] Henryk, z Lublina
[illegible] Przemysław, z Lublina
[illegible] Józef, z Lublina
[illegible] Jan, z Lublina
[illegible] Jan, z Lublina

[illegible]
62 Nietnick Paweł, z Wysokiego, pow. Krasnystaw
63 [illegible], z Lublina
64 Kwiatkowski Antoni, z Mrzelca, pow. Puławy.
[illegible]
69 Borsuk Ryszard, z Lublina

Z wszystkich rozstrzelonych [illegible] terrorystów i przestępców, stracenie których jest sprawiedliwe [illegible] celem zadośćuczynienia za ten czyn morderczy ich komunistyczno-bolszewickich współtowarzyszy.

Dowódca Policji Bezpieczeństwa i SD
na Okręg Lubelski

PROCLAMAÇÃO!

No dia 1 de junho de 1944 na cidade de Lublin foi feito um atentado a bomba contra um destacamento de sentinelas da SS. 3 sentinelas da SS foram mortos. Algumas pessoas civis polonesas não envolvidas, mulheres e crianças, também foram mortas ou gravemente feridas.
A investigação policial provou que o atentado foi feito pelos comunistas.
Como um castigo por esse ato de violência, de acordo com o decreto sobre o combate aos atentados contra a reconstrução alemã no Governo Geral (a parte da Polônia ocupada pelos alemães) do dia 2 de outubro de 1943 (Diário Oficial do Governo Geral no. 82/43) as pessoas a seguir indicadas foram condenadas pelo Tribunal Sumário da Policia de Segurança e do SD (Serviço de Segurança) em Lublin

à pena de morte e fuziladas imediatamente:

(segue a lista das péssoas condenadas e fuziladas)

Em caso de todos os fuzilados trata-se de funcionários e criminosos comunistas. Sua execução é justa e necessária como recompensa por esse ato homicida de seus camaradas comuno-bolchevistas.

Comandante da Policia de Segurança e do SD
para o distrito de Lublin

RZECZPOSPOLITA POLSKA

ROK II [illegible] WARSZAWA [illegible] 1941 R.

OŚWIADCZENIE

BIULETYN informacyjny

16 PAŹDZIERNIK TYGODNIK 1941 R.

INSUREKCJA

WRZESIEŃ 1942 R. ZESZYT 7 (19)

Honor żołnierski — to oddanie bez wahania swojej osoby Narodowi i Ojczyźnie, aż do ofiary swego życia włącznie

— DWA — DNI —

PISMO INFORMACYJNE — WYCHODZI TRZY RAZY W TYGODNIU

KU ZWYCIĘSTWU

Nr 3 [illegible] 10 GRUDNIA 1941 R. Rok I

GŁOS POLSKI

I KOMUNIKAT-INFORMACYJNY-POBUDKI

organ walki z propagandą wroga

BIULETYN INFORMACYJNY

23 MAJ TYGODNIK 1941 R.

GŁÓD To co się dzieje obecnie w „Guberni Generalnej" — jest jedną z najstraszniejszych tragedyj ludzkich. Weszliśmy w okres głodu

ZIEMIE POWRACAJĄCE

Obraz geograficzno-gospodarczy

NURT

PISMO POŚWIĘCONE KULTURZE POLSKIEJ

R. JADŻWING

SKĄD I DOKĄD IDZIEMY?

PRZEWODNIK PO ZAGADNIENIACH KULTURY WSPÓŁCZESNEJ

INSTYTUT WYDAWNICZY WILNO 1939
PRZEDRUK
TOWARZYSTWO WYDAWNICZE „ZAŁOGA"

Rzeczpospolita Polska (República Polonesa)
Ano II. No. 3 (23) Varsóvia 5 de fevereiro de 1942

Declaração

Biuletyn (Boletim)
Informacyjny (de informação)
16 de outubro Revista Semanal Ano de 1941

Insurekcja (Insurreição)
Setembro de 1942 Caderno 7 (19)

O honor de soldado – é dedicar sem hesitação sua
pessoa à Nação e à Pátria,
e até, inclusive, sacrificar sua vida.

Dwa Dni (Dois Dias)
A revista de informações Publicada três vezes por semana

(Até a vitória)
No. 3 10 de dezembro de 1941 Ano I
Glos Polski (Voz da Polônia)
e comunicado de informações de Pobudka
Órgão de luta com a propaganda do inimigo

Biuletyn (Boletim)
Informacyjny (de informação)
23 de maio Revista Semanal Ano de 1941

FOME Aquilo que acontece atualmente no "Governo Geral" (a parte da Polônia ocupada pelos alemães) é uma das mais terríveis tragédias humanas. Entramos no período da fome.

As terras recuperadas
A imagem geográfico-econômica

NURT (Corrente)
Revista dedicada à cultura polonesa

R. Jadzwing

De onde vemos e para onde vamos?

Guia de questões da cultura contemporânea

Instituto Editorial Vilnius 1939
Reimpressão
Associação Editorial "Zaloga"

Date:
Fri, 11 Jul 97 16:11:40 EST
From:
david_a._wigmore@inetmail.ushmm.org
To:
pitliuk@ibm.net

Washington, 11 July 1997

Dear Dr. Pitliuk,

Thank you for your latest message(s). You may send the manuscript to me. I will see if I can get it at least to our Archives, if not also to our publication experts. I will also give a copy of the CD to our Museum's musicologist, Mr. Bret Werb, for the Museum's collection. These will, I believe, be valuable additions to the Museum's holdings and I look forward to reading/hearing them myself.

With warm regards, I am

Sincerely yours,

David Wigmore

Sociedade de Amigos do "YAD VASHEM"
Rua Pinheiros, 498 - 5º and.
CEP: 05422-000 - São Paulo - SP - Brasil
Fone: (011) 280-0111 Fax: (011) 282-5785

יד ושם • רשות הזיכרון לשואה ולגבורה • המוזיאון
YAD VASHEM
Instituto de Preservação da Memória dos Mártires e Heróis do Holocausto (Museu).

Ilmo.Snr.
Michael Kleinsinger
Rua Antonio Carlos - 690 apto 54
01309-010 São Paulo Brasil

04/12/97

Prezado senhor,

Acusamos ter recebido e encaminhado ao Yad Vashem de Jerusalém o seu documentário de alto valor de vivência " NAS ASAS DA ESPERANÇA" e que fará parte do acervo de documentos do nosso arquivo.

Sem mais
susbrevemo-nos

atenciosamente

Ernesto Strauss
Sociedade dos Amigos do Yad Vashem

Reproduções de cartas enviadas do Museu do Holocausto de Washington e do Museu Yad Vashem sobre o livro *Nas asas da esperança*.

O CD

A EXPRESSÃO MUSICAL DE MICHEL KLEINSINGER

Michel Kleinsinger é um daqueles músicos cujas promessas de uma brilhante carreira foram bloqueadas pelo destino. A música corria em suas veias e alimentava seu sangue despertando sua sensibilidade. A busca pela beleza controlava seu ser por inteiro.

Um homem de força de vontade, Kleinsinger não era para ser derrotado. Ele era perseverante e corajoso em suas lutas. Ele se lembra de quando freqüentava concertos sinfônicos de piano, violino, recitais e óperas em sua casa em Varsóvia. Aos poucos, ele se surpreendeu com uma grande coleção de discos clássicos. Ele ouvia discos com avidez e estudava-os com prazer; seus amigos dividiam seus gostos: eles eram pessoas para contatar e trocar idéias, impressões, para comparar pontos de vista. Isso fez com que ele se familiarizasse com a ampla variedade da literatura musical. Ele navegou em suas próprias águas. As pessoas estavam sempre se surpreendendo com sua sensibilidade. Kleinsinger tinha um ouvido extraordinário, permitindo-lhe detectar o menor escorregão da melodia em uma performance.

Depois veio a Guerra Mundial. Com uma tremenda sucessão de atrocidades. Um milagre possibilitou a Kleinsinger sobreviver a sua

família. Ele estudava quando podia; comprou um violino e um piano. De Varsóvia ele foi para Bucareste, depois para a Itália e finalmente para o Brasil.

Algo remexia seu espírito a todo momento: ele tinha essa necessidade de compor música. Ele sentiu um desejo de se comunicar com os outros, expressar suas experiências. O poeta em seu interior falava através da música, através do teclado de seu piano. O professor Caldeira Filho, um crítico do jornal *O Estado de S. Paulo* escreveu: "Poesia é um presente atual, sublinhado no psicológico de todo homem; é a ligação da completa comunicação entre o artista e seu público. O artista mostra a verdadeira poesia em cada e todo momento de sua performance, apesar de o público ter uma poesia latente, em meios conscientes e subconscientes, de caprichos ainda não atingidos e imagens necessárias para adquirir a forma do artista. De fato, somos todos poetas se amamos e sofremos".

Michel Kleinsinger começou a trabalhar. Sua espontânea, inatingível, poderosa música apareceu. Quando compunha nunca se esquecia de medir criticamente o nível criativo de sua inspiração. Por sorte, ele nunca foi, não é e nunca será um artesão de um som frígido. Apesar de estar atento à importância do cérebro para uma organização estrutural, Kleinsinger não ignora isso: em música, o coração é o mestre da sensibilidade e deve vir primeiro.

Sua grandiosa fortuna fez com que ele encontrasse um pianista no Brasil que era totalmente capaz de compreendê-lo e guardar o intenso e penetrante som de seus românticos trabalhos.

De fato, Cláudio de Brito é um dos mais conhecidos pianistas vivos no Brasil: técnica brilhante e musicalidade sem erros. Brito e seu piano são capazes de revelar a variada série de expressões da arte de Michel Kleinsinger.

Professor doutor José da Veiga Oliveira

O PIANISTA CLÁUDIO DE BRITO

Cláudio de Brito, um dos mais versáteis pianistas brasileiros, tem se apresentado como solista, camerista e recitalista em cidades do Brasil e exterior.

Seus estudos foram feitos em São Paulo, França e Alemanha. Nesse país, na Musikhochschule da cidade de Freiburg, obteve o diploma "Reifeprüfung". Obteve da Associação Paulista de Críticos de Arte o prêmio de "Melhor recitalista".

Nos últimos anos a gravação de sete discos veio juntar-se a suas realizações, mostrando um músico voltado para as possibilidades timbrísticas de seu instrumento.

É pianista da Orquestra Sinfônica de São Paulo, sendo que seus dois últimos concertos foram em 27 de junho de 1990, quando se apresentou com o Quarteto de Cordas da Cidade de São Paulo, e em 5 de outubro de 1990, quando se apresentou com a Orquestra Sinfônica Municipal regida pelo maestro Mário Valério Záccaro. Fizeram parte do programa destes concertos Mozart, César Franck, Schumann e Sibelius.

Ouvindo suas composições, executadas pelo eminente pianista Cláudio de Brito, não foi difícil perceber uma natural inspiração onde sobressaem a simplicidade, o bom gosto e o elegante fraseado, qualidades que merecem ser conhecidas pelo grande público amante da boa música.

Parabéns!

Eleazar de Carvalho
junho de 1991

Minha opinião sobre o compositor Michel Kleinsinger

Algumas de suas composições me parecem como que reminiscência de um estilo saudoso, na linha estética dos grandes mestres como Chopin, Beethoven, Liszt.

Outras, mais cinematográficas.

Eu imagino "Poema de Amor" perfeitamente dentro de um contexto de um filme de grande nível como tema principal.

Almeida Prado
(compositor e pianista)

A quem possa interessar

Admiro-o como músico e escritor e seria em verdade um desperdício cultural se seu trabalho não fosse apresentado a um público internacional.

Paulo Francis
Nova York, 20 de dezembro de 1996

Sem dúvida, uma das mais importantes formas de expressão das Artes é a música, que leva uma certa vantagem comparada às outras artes, por ter sua receptividade imediata, seja na estrutura musical clássica ou popular.

"A sensibilidade expressa nestas composições acorda o romântico que existe em todo apaixonado."

Parabéns Michel, pela perseverança e dedicação.

Mario Valério Záccaro
(maestro, arranjador, orquestrador e pianista)

Delfon Recording Society – Nova York
305 THIRD AVENUE WEST, NEWARK, NJ 07107

Prezado Michel,

Achei seu disco "Poema de Amor" (Poem of Love) uma das obras contemporâneas mais lindamente escritas e tocadas.

Desejo salientar que o primeiro poema poderá ser adaptado como tema principal para orquestra e piano e ser motivo para um filme romântico muito sério. Seu estilo tem um sentimento muito expressivo de Chopin.

Com melhores votos

Richard Nanes
(compositor e pianista)

The Barros Classical Consort

A quem possa interessar

Fiquei muito impressionado com a intensidade emocional da sua música. Ela apresenta um encanto internacional, devido a sua riqueza melódica e clareza de estilo. Sua música oferece escuta agradável e novas possibilidades para o repertório pianístico.

Max Barros
(pianista e diretor de um conjunto de músicos clássicos)
Nova York, 6 de outubro de 1992

Editora Globo – (Revista do CD Compact Disc, julho 1992)

O repertório se divide entre valsas, temas folclóricos e variações diversas, nas quais se nota a influência de compositores como Schumann (1810-1856), Chopin (1810-1849), Tchaikovsky (1840-1893) e Schubert (1797-1828).

Airton Seligman

Marie Claire – Agosto de 1992

Notas

Piano muito romântico

Sua música e sua obra gravada devem refletir bem sua personalidade: muito romântica, sensível, ingênua, às vezes triste, que remete aos momentos mais líricos de compositores como Chopin e Debussy.

Wilson Weigl

RESENHA JUDAICA – Junho de 1992

Um dia no Gueto de Varsóvia

Muito esclarecedora a recente entrevista apresentada no programa *Jô Soares Onze e Meia* sobre a exposição do Gueto de Varsóvia, no Museu da Imagem e do Som (MIS), com a presença do compositor Michel Kleinsinger.

Ahuva Barzilay
São Paulo, SP

The Brazilians – Jornal de Nova York
October 1992 – Ano 20 nº 222-N.Y.

Michel Kleinsinger viveu um romance, alimentado por um sonho. Agora vive o sonho onde nos mostra a beleza de seu romantismo. Sua vida é um roteiro cinematográfico, sua música, a trilha sonora. Mais uma vez, a vida vence a ficção.

Edilberto Luciano Mendes

Abre a coleção um romântico "Poema de Amor", que juntamente com a "Canção Triste" (a quinta da série) nos remete ao ambiente musical dos filmes de amor.

Sergio O. de Vasconcelos Corrêa
(compositor, jornalista, Membro da Academia Brasileira de Música)
São Paulo, 23 de abril de 1991

Principalmente no "Poema de Amor", pode-se sentir como Michel Kleinsinger extravasa sua concepção romântica que nos toca profundamente.

Realmente o tema do "Poema de Amor" pode perfeitamente emoldurar um grande filme de Hollywood.

Natan Schwartzman
(violinista, solista)
São Paulo, 21 de junho de 1991

VOA Voice of America
Nova York

Muito grata por ter vindo aos nossos estúdios para a entrevista, que, diga-se de passagem, o meu Bureau em Washington adorou. Ela foi o *highlight* da semana.

Marilena Miller

MÚSICAS DO CD

1. **Poema de Amor** (67664237) 7:10
2. **Variações** (em Ré menor) (67664245) 4:13
3. **Por Quê?** (dedicada a Olga) (67664253) 4:50
4. **Scherzo** (67664261) 3:55
5. **Canção Triste** (67664270) 6:12
6. **Balé Mágico** (67664288) 5:37
7. **Prece Noturna** (67664296) 4:55
8. **Olhos Verdes** (67664300) 3:55
9. **Valsa Sheila** (67664318) 3:53
10. **Miriam** (67664325) 4:00
11. **Valsa Primavera** (67664334) 2:50

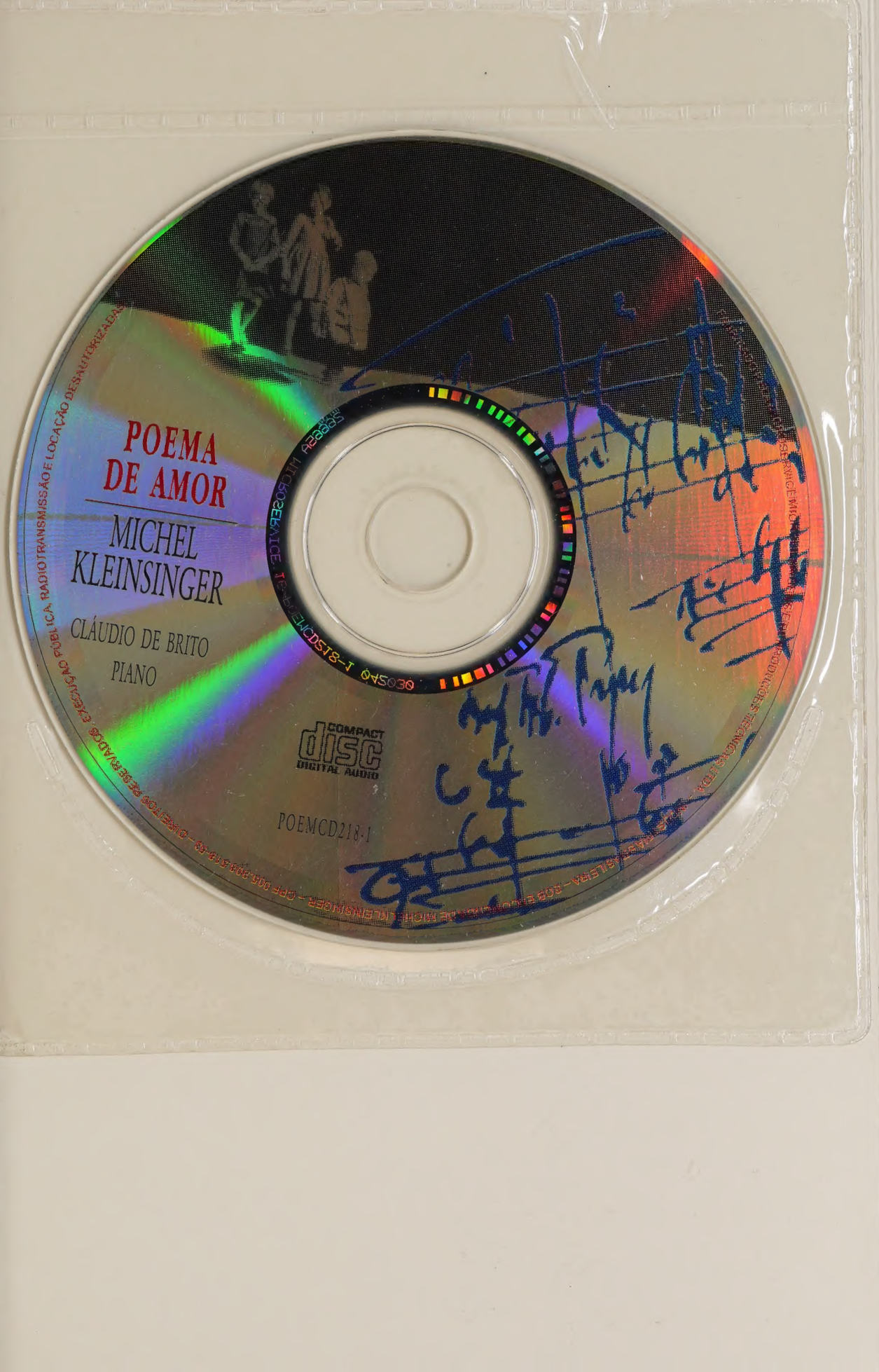
Playing Time 51:30

Ficha Técnica:
Gravado no Teatro
Cultura Artística - SP em Janeiro/91
Técnico de Som: José Luiz Costa "Gato"
Gravação Direta Stereo em DAT 2500 utilizando microfones Neuman SM69 e AKG 412, em piano Steinway.

Impressão e Acabamento
Com fotolitos fornecidos pelo Editor

EDITORA e GRÁFICA
VIDA & CONSCIÊNCIA

R. Santo Irineu, 170 • São Paulo • SP
✆ (11) 549-8344 • FAX (11) 571-9870
e-mail: gasparetto@snet.com.br
site: www.gasparetto.com.br


POEMA
DE AMOR
MICHEL
KLEINSINGER
CLÁUDIO DE BRITO
PIANO
COMPACT
disc
DIGITAL AUDIO
POEMCD218-1

Moshe Kleinsinger, judeu nascido em 1918, em Varsóvia, capital da Polônia, precisou assumir a identidade de Stanislaw Rozanski, um polonês anti-semita inventado, para escapar do Holocausto. Obrigado a esquecer os detalhes mais pessoais da sua vida, a enterrá-los no inconsciente, só recentemente recordou-se do dia exato de seu nascimento, do nome dos amigos de infância, etc.

Nas asas da esperança é o relato dessa experiência, dessa troca de personalidade, dos subterfúgios usados na luta para sobreviver. Mostrando muito do drama individual desse homem que viveu uma tragédia coletiva, esta narrativa surge como inesquecível lição de energia e de disposição para superar o horror da guerra.

Além disso, músico de extraordinária sensibilidade que teve a carreira bloqueada pelo destino, Moshe Kleinsinger mostra finalmente a expressividade de sua arte no CD que acompanha este livro, em composições gravadas pelo pianista Cláudio de Brito da Orquestra Sinfônica de São Paulo.

Nenhum povo, nenhuma nação foram tão sacrificados no curso da história como o povo judeu. O clímax das perseguições e massacres foi atingido durante a Segunda Guerra Mundial. Este livro conta a história de Moshe Kleinsinger, judeu de Varsóvia agora radicado no Brasil, que precisou assumir outra identidade e usar a sua intuição para escapar do Holocausto.

ISBN 85-901385-1-8

9 788590 138518